UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FABÍOLA ORLANDINI GOMES

Liev Tolstói e a escola para camponeses “Iásnaia Poliana”

RIBEIRÃO PRETO
2019

FABÍOLA ORLANDINI GOMES

Liev Tolstói e a escola para camponeses "Iásnaia Poliana"

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-graduação)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências, Área de Concentração: Educação, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Cassin

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

RIBEIRÃO PRETO
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Gomes, Fabíola Orlandini

Liev Tolstói e a escola para camponeses “Iásnaia Poliana". Ribeirão Preto, 2019.

151 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Educação.

Orientador: Cassin, Marcos.

1. Tolstói. 2. Iásnaia Poliana. 3. Educação camponesa. 4. Educação libertária. 5. Rússia

Nome: GOMES, Fabíola Orlandini

Título: Liev Tolstói e a escola para camponeses “Iásnaia Poliana”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências, Área de Concentração: Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. _____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. _____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. _____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

A Tolstói,

com quem aprendi muito e espero ter honrado sua memória.

Ao Giovani,

pelo auxílio, amizade e parceria em todos esses anos.

Ao Prof. Cassin,

pela oportunidade, respeito e comprometimento.

Ao Prof. Barissa,

que me tornou uma pessoa melhor.

A todos os autores mencionados neste trabalho.

E a todos que lutam por uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos amigos espirituais por todo auxílio, companheirismo, oportunidades e pela ajuda com a saúde guerreira.

Aos ancestrais que se sacrificaram pelas novas gerações.

À família, pelo suporte e dedicação.

Aos amigos por toda ajuda e compartilhamento de conhecimentos e aflições.

Aos profissionais da área da saúde tradicional e alternativa que me acompanham e incentivam.

À CAPES pela bolsa de estudos, importantíssima nesses anos.

O sofrimento maior de Ivan Ilitch provinha da mentira, aquela mentira por algum motivo aceita por todos, no sentido de que ele estava apenas doente e não moribundo, e que só devia ficar tranquilo e tratar-se, para que sucedesse algo muito bom.

Tolstói

RESUMO

GOMES, Fabíola Orlandini. **Liev Tolstói e a escola para camponeses "Iásnaia Poliana"**. 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

Liev Nicoláievitch Tolstói (1828-1910), para além de escritor mundialmente conhecido com os romances *Guerra e Paz* (1863-1869) e *Anna Kariênina* (1873-1877), foi educador libertário, autor de vasto material didático utilizado na educação russa no final do século XIX e criador da escola para camponeses Iásnaia Poliana. Pouco conhecido no Brasil como educador, Tolstói dedicou-se intensamente aos estudos pedagógicos a fim de contrapor sua nova proposta de educação aos métodos educacionais utilizados na Rússia e em outros países europeus. Baseando-se na educação para a liberdade de Rousseau, no cristianismo primitivo e no modo de vida dos mujiques, Tolstói propôs uma educação por meio de uma nova moral alicerçada na liberdade, no trabalho e no amor ao próximo. Com isso, este trabalho apresenta a história da Rússia e a biografia do escritor e educador como forma de contextualizar seus trabalhos (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017); a concepção de educação de Tolstói, a qual foi analisada por meio de suas obras literárias, e a escola Iásnaia Poliana, sua estrutura, currículo e matérias.

Palavras-chave: Tolstói. Iásnaia Poliana. Educação camponesa. Educação libertária. Rússia.

ABSTRACT

GOMES, Fabíola Orlandini. **Leo Tolstoy and the school for peasants "Yasnaia Polyana"**. 2019. 150 f. Dissertation (Masters Degree) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

Leo Nikolaevich Tolstoy (1828-1910), besides world-famous writer known by the novels *War and Peace* (1863-1869) and *Anna Karenina* (1873-1877), was a libertarian educator, author of extensive educational material used in Russian education in the end of the XIX century and founder of the school at Yasnaya Polyana for the children of Russia's peasants. Not well known in Brazil as a teacher, Tolstoy was firmly dedicated to pedagogic studies in order to contrast his new proposal for education in opposition to the educational methods employed in Russia and other European countries. Based on Rousseau's "education for freedom", on primitive Christianity and on the moujiks' life style, Tolstoy proposed a new education system by a new moral, grounded in freedom, work and love to each other. Thus, this article presents Russian History and the writer and teacher's biography as a means to contextualize his works (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017), Tolstoy's idea of education, which was analysed through his literary works and finally the school Yasnaya Polyana, its structure, curriculum and subjects.

Keywords: Tolstoy. Yasnaya Polyana. Peasant education. Libertarian education. Russia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 HISTÓRIA DA RÚSSIA, SUA ORIGEM E DINASTIAS 13
2.1 A DINASTIA RURIK 13
2.2 A DINASTIA ROMANOV 19
2.2.1 ALEXANDRES E NICOLAUS 29
3 LIEV TOLSTÓI, O CONDE CAMPONÊS 43
3.1 FAMÍLIA TOLSTÓI E INFÂNCIA 43
3.2 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE 48
3.3 A MATURIDADE 62
3.4 O MÍSTICO 66
4 A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DE TOLSTÓI 82
4.1 EDUCAÇÃO GERAL 84
4.2 EDUCAÇÃO ARISTOCRÁTICA 90
4.3 EDUCAÇÃO MORAL 99
5 IÁSNAIA POLIANA 131
5.1 A ESCOLA IÁSNAIA POLIANA 137
5.2 MATERIAIS DE IÁSNAIA POLIANA 142
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 148
REFERÊNCIAS 149

1 INTRODUÇÃO

Liev Nikoláievitch Tolstói (1828-1910), aristocrata russo, conhecido mundialmente pelas obras literárias *Guerra e Paz* (1863-1869) e *Anna Kariênina* (1873-1877) também foi educador. Nesse âmbito, foi fundador da escola Iásnaia Poliana, em 1859, instituição homônima à sua propriedade em Tula, ao sul de Moscou.

Desde a infância, Tolstói questionava-se a respeito da educação; suas indagações intensificaram-se com o passar dos anos e, de igual maneira, variaram de acordo com suas fases de vida. Acerca dessa questão – as diferentes fases pelas quais as obras de Tolstói podem ser verificadas – há um consenso na identificação de quatro momentos: infância (educação aristocrática), juventude (primeira vivência em instituição de ensino; serviço militar), maturidade (período de grandes obras) e fase mística (reflexões sobre educação, moralidade, religião e outros temas).

Aqui, vale ressaltar a importância de se conhecer tais fases antes mesmo da leitura de suas obras: ainda que as ideias do autor possam parecer controversas, quando são analisadas à luz das características de cada fase, é possível perceber que foram desenvolvidas em diferentes momentos de sua vida. Assim, há aspectos e concepções que se alteraram com o decorrer da vida do autor.

Sua infância, assim como a maioria dos filhos da aristocracia, foi marcada pela educação domiciliar. Portanto, até os 16 anos (quando, então, ingressou na Universidade de Kazan), sua instrução foi feita com tutores e professores particulares. Na universidade, iniciou os estudos na prestigiosa Faculdade de Línguas Orientais, entretanto, após reprovar no primeiro ano, trocou o curso e passou a frequentar a Faculdade de Direito – que também abandonou. Foi no ambiente universitário que iniciou o hábito de escrever diários, prática que levou até seus últimos dias.

Na carreira militar, escreveu sua primeira obra literária, *Infância* (1852). Anos depois, em 1859, quando tinha 31 anos, retornou a Tula. Lá, fundou uma escola para os filhos dos servos, cuja inspiração vinculava-se à educação libertária rousseaniana. Três anos depois, em 1862, criou também uma revista pedagógica. Nesse sentido, Rabello (2009) entende que há dois períodos nos quais Tolstói dedicou-se com mais intensidade à educação: de 1858 a 1862, quando, em 1860, viajou para o exterior a fim de estudar a educação em outros países da Europa; e de 1872 a 1875, período em que escreveu *Cartilha* (1872) e *Nova Cartilha* (1875).

Além do sucesso literário, suas publicações pedagógicas também contaram com um volume expressivo de vendas. A *Cartilha* (1872) possuía 758 páginas (RABELLO, 2009); por sua vez, a *Nova Cartilha* (1875) teve mais de um milhão de exemplares vendidos:

> Publicada em fevereiro de 1875, rapidamente começou a ser recomendada pelo Ministério da Educação e tornou-se um campeão de vendas: teve 28 edições durante a vida de Tolstói, com tiragens superiores a cem mil exemplares e mais de um milhão vendidos. Nenhum outro livro escolar foi mais lido na Rússia pré-revolucionária. Entre as centenas de milhares de russos que se alfabetizaram fazendo uso do método de Tolstói, centrado na criança, estava a poeta Anna Akhmátova. O novo livro elementar, intitulado *Livro de leitura* e publicado mais tarde, em outubro de 1875, foi baseado nos textos usados na primeira edição. Uma vez que boa parte do primeiro livro da edição de 1872 tinha sido incluída na *Nova cartilha*, Tolstói escreveu doze novas historietas e fábulas para o primeiro dos quatro *Livros de leitura*. Elas tiveram recepção igualmente calorosa junto às crianças russas (BARTLETT, 2013, p. 257).

Além das cartilhas, Tolstói também escreveu quatro *Livros de leitura*. Nesses, é possível encontrar fábulas, contos, descrições, histórias verdadeiras, dentre outros gêneros textuais.

Já na década de 1880, período de diversas publicações, Tolstói passava por sua fase mística, cuja marca foi a intensa reflexão moral. Assim, muitos de seus escritos da época têm forte teor moral e religioso. Com base na moral difundida nessas produções, obteve muitos seguidores, que acabaram por fundar a religião tolstoísta – o que resultou em sua excomunhão da Igreja Ortodoxa Russa no ano de 1901.

Em 1910, já idoso, fugiu de casa e faleceu por pneumonia.

No Brasil, os estudos educacionais soviéticos são frequentes no âmbito da pesquisa e investigação científica. Entretanto, nota-se que há pouca menção à educação da Rússia pré-revolucionária; assim, no campo educacional, apesar de pouco conhecido e estudado no Brasil, Tolstói possui numerosa quantidade de textos a respeito da educação. Desse modo, com a finalidade de compreender sua concepção de educação, bem como o funcionamento da escola Iásnaia Poliana, recorremos ao ponto de vista adotado por Volóchinov/Bakhtin (2017) de, antes disso, conhecer o contexto histórico do país e a vida do escritor. Desse modo, torna-se possível reconhecer o horizonte social e o discurso alheio com quem dialoga, resultando na compreensão de sua obra.

Para melhor apresentação dos resultados dessa pesquisa, foram organizados quatro capítulos, quais sejam: <u>História da Rússia</u>, sua origem e dinastias, que abrange desde a criação

do Estado russo até o fim do czarismo a fim de compreendermos o campesinato no país e as políticas envolvidas, além do contexto histórico do escritor; Liev Tolstói, o conde camponês, capítulo que contém a biografia do escritor e educador aristocrata que viveu constantemente com os mujiques; A concepção de educação de Tolstói, capítulo que busca a concepção de educação nas obras literárias do autor; e Iásnaia Poliana, capítulo destinado a estudar a vivência, métodos e materiais da escola para camponeses.

2 HISTÓRIA DA RÚSSIA, SUA ORIGEM E DINASTIAS

2.1 A DINASTIA RURIK

A Rússia possui um passado de incrível expansão territorial desde sua formação – o que incluiu guerras, despovoamento, grandes construções, renomadas figuras artísticas e também grandes revoltas internas no século XX – e é, na contemporaneidade, o maior país em extensão territorial. De igual maneira, esse país é um dos protagonistas da história mundial – principalmente nos séculos XIX e XX – e foi construído por meio de significantes transformações territoriais, econômicas, religiosas em sua trajetória.

Sua origem, segundo Konstantin Von Grunwald (1988)[1], deu-se, sobretudo, com os citas e os eslavos orientais, que cultivavam a terra com centeio, trigo e linho, além da criação de gado. Tais culturas persistem na agricultura russa até hoje, que ainda luta para se tornar autossuficiente[2].

Em meados do século IX, além desses povos, os vikings varegos oriundos da Suécia foram, aos poucos, reconhecidos pelos eslavos como pertencentes àquela terra e, assim, começaram a intervir nas decisões políticas.

Com essa mescla, citas e eslavos começaram a se armar, e no final do século, a primeira dinastia Rurik deu início à unificação dos povos na região onde hoje se localiza Novgorod. Logo, os descendentes Ruriks, Oleg e Ígor, fundaram o Estado russo em Kiev – hoje capital da Ucrânia – e organizaram expedições de guerra contra Bizâncio (já iniciadas, anteriormente, pelos vikings). Por sua vez, os guerreiros de Kiev foram denominados *"rus"*, nome que deriva da palavra sueca *ro* (remar) – forma como os vikings e eslavos guiavam seus característicos barcos. Nesse sentido, deu-se início a um processo identitário ao novo povo.

Assim, a partir de tais expedições, o jovem Estado russo conseguiu firmar tratados comerciais com os demais governantes.

---

[1] Grande parte das informações sobre a história da Rússia, principalmente quanto à origem do Estado e à primeira dinastia Rurik, foram extraídas da obra *União Soviética* de Konstantin Von Grunwald (1988). Tal escolha se justifica porque a obra em questão, dentre todas que foram selecionadas para compor este primeiro capítulo, trata exclusivamente da história russa.

[2] Aleksandr Tkatchev, ministro da Agricultura da Federação Russa, afirmou em dezembro de 2016 que a agricultura do país seria autossuficiente em produtos agrícolas básicos até 2023. Cabe lembrar que, com o trigo, o país já alcançou seu objetivo.

Já no século seguinte, mais precisamente no ano 989, Vladímir, neto de Ígor, foi o responsável por um fato de grande importância para a Rússia até os dias atuais: casou-se com a irmã do imperador de Bizâncio (atual Istambul, ou na tradução eslava, *Tzarigrado*, "cidade do imperador") e logo foi batizado na igreja cristã, tornando-se, mais tarde, um dos santos da Igreja Ortodoxa Russa, conhecido como Vladímir, o Santo.

A partir de então, o cristianismo se expandiu rapidamente pelo território russo, o que influenciou a estrutura social e familiar com as leis cristãs. Em consequência, as artes também sentiram os novos impactos religiosos nas pinturas em murais, nos mosaicos e, principalmente, na arquitetura. De igual maneira, o comércio se expandiu com a nova aliança, o que permitiu ao novo Estado algum destaque entre as nações europeias, sendo os casamentos entre a nobreza russa e as demais nobrezas também uma das formas de acordos e negociações.

Conforme o desenvolvimento do Estado, o cultivo do campo e a criação do gado alcançaram um novo patamar. Entretanto, houve grande expansão do latifúndio, o que se desdobrou em outra importantíssima questão da Rússia: a desigualdade social e a subjugação dos camponeses. Nesse sentido, Konstantin Von Grunwald (1988) explica que apesar da maior parte dos trabalhadores do campo serem livres no século X, o trabalho campestre, nas propriedades nobres, era realizado por servos prisioneiros de guerras ou pessoas que venderam sua liberdade em troca de uma pequena parte de terra para cultivarem.

Mesmo com a deprimente situação dessa parcela de camponeses, o país crescia rapidamente, formando, assim, várias outras cidades, como Smolensk e Chernikov. Assim, os Rurik e seu povo ganharam ainda mais destaque com o crescimento territorial, a importância comercial e a arquitetura, que já era famosa entre os países europeus.

Com vistas à organização do crescimento da nação, cada parte do território ficava sob responsabilidade de um dos príncipes, sendo herdeiro da região mais importante da planície (no caso, Kiev), o primogênito. No final do século XII, essa região sofreu ataques dos pechenegues e polovtsianos, o que obrigou seus habitantes a migrarem, tornando-a despovoada. Tal fato foi percebido pelos tártaros mongóis, liderados por Gengis Khan, conquistador da China e da Ásia Central, como uma fragilidade na fortificação da grande cidade.

Assim, Kiev sucumbiu aos mongóis no século XIII, precisamente em 1221. Gengis Khan faleceu apenas seis anos depois, deixando para seus filhos o território recém-tomado. O herdeiro da parte ocidental foi Baty, que também se dedicou às expedições de guerras, conquistando várias outras cidades, incluindo partes dos atuais territórios da Polônia e da Hungria. Nessa ocasião, com a população russa quase aniquilada, seus sobreviventes migraram para dois destinos: os países vizinhos e o sul do próprio país, ainda inexplorado.

Como os mongóis ficaram no poder por cerca de 250 anos, a Rússia foi isolada pelos demais países da Europa, situação que a fragilizou e culminou com os ataques de conquistadores suecos, de Cavaleiros da Ordem Teutônica e de lituanos, todos repelidos por Alexandre Niévski de Novgorod. Além disso, com os mongóis, a economia e a cultura foram radicalmente modificadas, o que incluía a pena de morte, os castigos físicos, as táticas de guerra e a segregação das mulheres na sociedade.

Nesse contexto, o príncipe Dmítri Donskói, interessado em libertar Moscou da influência mongol e transformá-la na principal região do país, iniciou a luta de reconquista do território na famosa Batalha de Kulikovo, de 1380. Nesse confronto, o exército de Donskói opôs-se à Horda de Ouro dos mongóis, mas esse movimento de reconquista foi apenas um marco inicial, já que a Horda perpetuou-se no poder por mais de um século. Pode-se elencar que um dos fatores dessa derrota inicial foi o fato de haver vários príncipes, estando Donskói preocupado somente com o domínio de Moscou (ou seja, não tinha uma visão única de império).

Ainda assim, como explana Konstantin Von Grunwald (1988), Moscou, a capital da Federação Russa na atualidade, começou a se destacar antes mesmo da Batalha de Kulikovo. Isso se deveu não só por conta da privilegiada região geográfica em que se encontra (na extremidade oeste, próxima à divisa com os países ocidentais), mas pela sua rápida recuperação depois de os mongóis a incendiarem em 1273. Ressurgida das cinzas, a cidade se expandiu, e foi com Ivan I, avô de Dmítri Donskói, que a Rússia iniciou seu processo de unificação.

Ivan I ficou conhecido como o “Unificador de regiões” ao dar continuidade ao projeto de seu avô, Alexander Niévski. Tal plano consistia em subordinar cidades vizinhas a Moscou, o que se realizava por duas estratégias: comprar algumas regiões ou apoderar-se violentamente de territórios. Assim, a grandiosa Moscou tornou-se a capital do reino russo, bem como a sede do chefe da Igreja na primeira metade do século XIV.

Por seu turno, a geração seguinte a Ivan I continuou o projeto de expansão de territórios, utilizando casamentos e compras de terras, sendo Dmítri Donskói o primeiro a quebrar essa corrente pacífica (com a Batalha de Kulikovo). Ainda assim, Moscou continuou sendo atacada pelos mongóis, e apesar dos constantes ataques, a população moscovita continuou a crescer e a constituir raízes.

Quanto às áreas do campo, os príncipes, a Igreja e os altos dignitários dividiram entre si as terras ainda não cultivadas. Os príncipes de Moscou, com poderes cada vez maiores, distribuíram as terras aos nobres a eles subordinados, deixando os camponeses dependentes dos administradores das terras. Dessa maneira, houve a formação de uma nova classe de trabalhadores rurais, os *kablani-liudi*, que por não conseguirem pagar suas dívidas para os

proprietários pelo uso da terra, acabavam por perder a liberdade. Mesmo com tentativas de fuga dessa desgraçada condição, os camponeses eram obrigados a ficarem nas terras, sob ameaças e perseguições, caso fugissem. Assim, a luta de classes se intensificou e iniciaram as revoltas populares do século XV, o que não impediu a unificação dos territórios durante aquele século.

Ao final desse período, Ivan III, bisneto de Donskói, edificou um grande Estado central e impediu que os príncipes de outros Estados proclamassem independência. Tal unificação se deu por meio das conquistas e da pressão ocidental, conforme observa Anderson (2004): foi a pressão do absolutismo no Ocidente que obrigou os países do Leste Europeu a centralizarem o poder. Isso se deu como forma de enfrentamento, em igual condições, a uma aristocracia feudal mais forte, forçando-os a buscar um equilíbrio militar com as principais regiões do continente.

Cabe ressaltar que além da unificação, Ivan III também foi responsável por extinguir os últimos resíduos da dominação tártara sobre a Rússia. Ainda de acordo com Anderson (2004), o príncipe de Moscou investiu na proteção das fronteiras devido à expansão territorial, e para isso, criou o *Pomest'e*, um sistema de distribuição de terras próximas às fronteiras para a nobreza em troca de serviço militar no centro e no sul do país. Desde então, seus proprietários passaram a ser denominados *pomeshchik*.

Entretanto, não foi apenas a nobreza que recebeu algo de Ivan. Em 1497, ele criou a lei *Sudeb'nik*, que restringiu o deslocamento da população do campo no período entre uma semana antes e uma semana após o do dia de São Jorge (em novembro), santo padroeiro dos guerreiros e de Moscou[3]. Então, o primeiro grilhão foi colocado no povo, obrigado a iniciar sua caminhada rumo à ampla servidão.

Não somente a nobreza e os camponeses, mas a própria Moscou também obteve ganhos: sua própria moeda, o rublo de Moscou, e as magníficas catedrais da Assunção, da Anunciação, dos Arcanjos e o grandioso Kremlin se fizeram presentes. Além disso, o Estado passou a ter um brasão com a águia Bizantina bicefálica, fato que resultou do casamento de Ivan com Sofia, sobrinha do último imperador bizantino (com que a Rússia mantinha fortes laços desde Vladímir, O Santo).

Também Basílio, filho de Ivan III, continuou com os planos de unificação e anexou Smolensk e Pskov ao território de Moscou. De igual maneira, seu filho, Ivan IV, conhecido posteriormente como "O Terrível", também continuou com o processo de expansão e centralização.

---

[3] A bandeira de Moscou até os dias atuais carrega esta marca: retangular, com fundo vermelho e com a figura de São Jorge matando o dragão, protagonizando-a.

Ivan, antes de ser terrível, adotou pela primeira vez o título de Czar (César) e fez grandes realizações para a Rússia. Foram criados: um código penal, um princípio de eleições em nível de comunidade e um concílio de classes eclesiásticas (que se tornaram, mais tarde, assembleias gerais políticas). Com isso, o czar mostrou sua intenção para um governo absoluto, terminando de vez com os resquícios feudais do Estado (VON GRUNWALD, 1988).

Outros grandes feitos de Ivan, o Terrível, foram a mundialmente famosa Catedral de São Basílio; a *Strel'tsy*, primeira infantaria de mosqueteiros (na qual teve participação, juntamente com os cossacos, na conquista das áreas envoltas do Rio Volga e da Sibéria); a *Zemsky Sobor*, Assembleia da Terra, com predominância de representantes da pequena nobreza; a *Guba*, rede local de autoadministração, preenchida pela nobreza de serviço; a milícia *Oprichnina*, principal agente responsável pela alcunha do czar, já que a usava para perseguir seus desafetos.

Além dessas obras, Ivan concedeu aos *pomeshchik* total liberdade para determinarem e coletarem a renda a ser extraída de seus servos, tornando-os responsáveis pela força de trabalho em suas propriedades.

Ademais, o Terrível envolveu-se nas Guerras da Livônia (1558-1583), que tinham como objetivo invadir a Polônia após seu período de crise (fruto da Reforma Protestante de Martinho Lutero). Mesmo em combate, o czar sabia que não tinha condições de enfrentar a Polônia e a Suécia, sua aliada, pois ambas possuíam exércitos muito mais desenvolvidos.

Enquanto essas guerras aconteciam, os tártaros atacaram Moscou em 1571, e a cidade foi saqueada. É possível não ter se tratado de um ataque, mas de um contra-ataque, uma vez que o czar havia tomado os canados[4] tártaros de Cazã e Astracã. Mais uma vez, as sequelas das guerras e saques ficaram com o povo. Assim, os moscovitas arcaram com as despesas da guerra, enquanto a maior preocupação do czar concentrou-se na renovação e modernização do exército.

Anderson (2004) afirma que o povo teve que lidar com epidemias, extorsões fiscais, pestes, más colheitas, desarranjo da economia rural, dentre outros dissabores. Quanto ao desarranjo da economia rural, havia o desespero do campesinato, que fugia das terras onde estavam para sobreviver à fome, o que resultou no esvaziamento de alguns locais. Como se não bastasse essa difícil condição, os camponeses começaram a se vender para sobreviver, em regime de escravidão.

No final de seu governo, tentando apaziguar o caos, Ivan proibiu por completo a movimentação dos camponeses no período de São Jorge, ampliando a medida de seu avô. A

[4] Khanato significa território governado por um Khan, "líder tribal" nas línguas mongol e turca.

ação foi tomada como exceção (seria apenas para o ano corrente), mas foi acionada ao longo da década, o que fez aumentar a repressão e a superexploração dos camponeses pelos senhores das terras.

Para Anderson (2004), a repressão resultou no absolutismo do Leste, que diferentemente do ocidente (onde o absolutismo foi uma compensação pelo desaparecimento da servidão),

> [...] foi a máquina repressiva de uma classe feudal que acabara de suprimir as tradicionais liberdades comunais da população pobre. Foi um *mecanismo para a consolidação da servidão* num ambiente onde não existiam cidades autônomas ou uma resistência urbana. A reação senhorial no Leste significou que um novo mundo tinha que ser implantado de cima para baixo, à viva força. (ANDERSON, 2004, p. 195, grifo do autor)

Com um terrível desfecho para a família real, assim terminou a dinastia dos Rurik: Ivan IV faleceu, deixando apenas dois herdeiros, Fiódor e Dmítri. O primeiro sofria com uma doença mental e o mais novo, Dmítri, foi assassinado. Há a lenda de que Ivan teria matado seu filho mais velho, Ivan, por acidente, em meio a uma discussão, o que não foi provado. Ainda assim, a cena foi retratada no famoso quadro de Ilya Repin, *Ivan, o Terrível e seu filho Ivan*, de 1885. Portanto, o trono passou para o cunhado de Fiódor, Bóris Godunov. Anderson (2004) afirma que Godunov refez as pazes com a Polônia, cessou ataque contra os tártaros da Crimeia e anexou a Sibéria, além de ter proibido toda movimentação dos camponeses até segunda ordem.

Konstantin Von Grunwald (1988) relata que mais um fator contribuiu para o tumulto na transmissão do trono russo: um embusteiro apareceu, apoiado pela Polônia, intitulando-se como Dmítri, o filho mais novo de Ivan IV, herdeiro legítimo do trono. O impostor tentou ganhar apoio da população, que estava insatisfeita com Bóris Godunov, o qual chegou a ser acusado de ter tentado matar o herdeiro de Ivan. Entretanto, mais uma variável aconteceu: Godunov veio a falecer e, assim, o falso Dmítri ascendeu ao poder, permanecendo por apenas um ano.

É importante ressaltar que a morte de Bóris marcou o início da Época das Dificuldades (1605-1613), na qual a Rússia esteve submersa na tenebrosa disputa pelo trono, enquanto acontecia a lacuna no governo.

Enquanto se instalava a desordem na monarquia, os camponeses, cansados do descaso dos governantes, iniciaram uma revolta liderada pelo ex-escravo Ivan Bolotnikov, em 1606-1607, movimento que ameaçou a cidade de Moscou. Entretanto, os revoltosos foram reprimidos e, depois, vencidos em Tula (ao sul de Moscou). Porém, essa foi a primeira das muitas insurreições camponesas que estariam por vir.

Em 1610, Ladislau, filho do rei polonês, entrou com sua tropa em Moscou e apoderou-se do trono, enquanto os suecos invadiam o Norte. Porém, apesar dos fatos não suscitarem esperança, os monges do Mosteiro da Trindade de São Sérgio foram importantes figuras na construção do patriotismo da época e assim se iniciou a resistência (VON GRUNWALD, 1988). Cidades e províncias se uniram e caminharam para Moscou, formando uma milícia popular que derrotou as tropas polonesas em outubro de 1612. Por conta disso, parte de seu território foi perdido: Smolensk, para a Polônia, e Novgorod, para a Suécia. Em meio à discórdia, o trono passou a ser solicitado pela aristocracia não herdeira dos Rurik.

Depois de expulsos os poloneses, foi acionada a *Zemski Sobor* para eleger o novo czar. Finalmente, em 1613, o aristocrata e parente dos Rurik, Miguel Romanov, aos dezessete anos de idade, iniciou a última dinastia russa.

2.2 A DINASTIA ROMANOV

Destruída por todos esses acontecimentos, a Rússia estava devastada, especialmente na cidade de Moscou. Na capital, os prédios do governo ficaram em ruínas e era grande o número de cadáveres pelas ruas. Todavia, Moscou foi reconstruída em apenas dez anos.

Entretanto, para os camponeses, do que um dia pôde ser nomeado de chama da esperança, sobrou apenas a fumaça de um longo pavio. Desde Ivan III, a população do campo tinha restrições de deslocamento no dia de São Jorge. Posteriormente, com Ivan IV, muitos camponeses se escravizaram para fugir de suas apavorantes condições e o czar continuou com ordem de limitar a locomoção dos camponeses. Já Bóris Godunov retirou por completo a liberdade deles no período de São Jorge, tornando o Estado ainda mais coercitivo. Nas palavras de Anderson: “Um aparelho repressivo impiedosamente centralizado e unitário era uma necessidade objetiva para a vigilância e a supressão da mobilidade rural generalizada, em épocas de depressão econômica [...]” (ANDERSON, 2004, p. 207).

Depois das agitações pré-Romanov, os campos ardiam duplamente com o fogo dos incêndios e com a brasa da raiva, devido à perda da liberdade pós-revoltas. Anderson (2004) afirma que a pequena nobreza requisitou o cancelamento das restrições de recuperação dos camponeses fugitivos, principalmente dos revoltosos da Época das Dificuldades. O tempo de perseguição aos fugitivos, que antes dos Romanov era ininterrupto, em 1615 passou a ser de

dez anos e depois, em 1642, diminuiu para cinco anos – o que ergueu a ira dos donos de terras. Com essa demanda, a pequena nobreza entrou em atrito com os Boiardos[5] (alta nobreza), pois eles acolhiam os fugitivos em suas terras, tornando a lástima dos servos num grande negócio.

Com o primeiro da dinastia Romanov, a Rússia envolveu-se na Guerra de Smolensk contra a Polônia (1632-1634) – considerada um fracasso, apesar da formação de um novo exército russo, que desde a Época das Dificuldades vinha sendo modernizado. A *Strel'tsy* há muito estava desmoralizada e os *pomeshchik* recusaram-se a aderir à conduta do novo exército, formado então por profissionais e mercenários estrangeiros.

Já em 1633-1634, servos e desertores da zona de luta de Smolensk revoltaram-se sob a chefia do camponês Balash.

Anderson (2004) ressalta que no governo de Alexis Romanov, herdeiro de Miguel, mais precisamente em 1654, os cossacos da Ucrânia passaram sua vassalagem para o czar por meio do Tratado de Pereyaslavl. Esse fato motivou a Guerra dos Treze Anos com a Polônia, que resultou no Tratado de Andrussovo (1667), pelo qual o Estado czarista obteve a metade oriental da Ucrânia além-Dnieper, incluindo Kiev, e recuperou a região de Smolensk (ao norte dos poloneses).

Nesse sentido, o exército russo passou a ser o maior dentre todos os países europeus da época, mesmo sem contar com os nobres *pomeshchik*.

A Rússia e a Ucrânia possuíam, durante todos esses anos de vizinhança, uma relação instável de tomadas de territórios e guerras. Ainda na atualidade há reflexos desses conflitos, entretanto, suas semelhantes características culturais são inquestionáveis, como afirmou o próprio presidente da Rússia[6] na contemporaneidade, Vladimir Putin (1952 -), em entrevista para os canais CBS e PBS em 2015.

Nessa comunicação, o presidente discorreu sobre a relação Rússia-Ucrânia no período em que ocorria uma revolução separatista pró-Rússia, localizada no leste e sul do país desde 2014: "Nós sempre dissemos que a Ucrânia é um país irmão. E é isso mesmo. Não se trata somente de ser um povo eslavo. É o povo mais próximo aos russos. O idioma é muito parecido, a cultura, a história comum, a religião comum etc."

Quanto à Igreja, é possível afirmar seu importante papel no governo, já que o czar, por ser o exemplo de cristão ortodoxo, vivia, segundo Konstantin Von Grunwald (1988), uma vida quase monástica. Assim, o czar deveria ser um exemplo para a população, seguindo fielmente

---

[5] Para Konstantin Von Grunwald (1988), os boiardos já estavam registrados na história da Rússia antes desta se unificar como Estado.
[6] Vladimir Putin é o presidente da Rússia desde 2012.

as leis religiosas. Em troca de apoio da Igreja e da manutenção de sua imagem divina, o czar dava, além da grande influência em suas decisões, terras para o poderio eclesiástico.

Em meio a tanto poder, a Igreja sofreu grande abalo quando o patriarca Nikon propôs a renovação dos livros de orações, pois o clero não tinha condições para tal ação, uma vez que era composto por leigos das camadas populares, sem qualquer instrução monástica (o que se refletia na fé alicerçada apenas nos sentimentos e sem razão). Em resposta à proposta de Nikon, a Igreja proibiu livros estrangeiros, a geometria euclidiana, a astronomia e qualquer técnica de pintura que se desviasse das tradicionais, mostrando seu poder também sobre a cultura (VON GRUNWALD, 1988).

Além da Igreja, nobres e a burguesia também influenciavam no governo. Os nobres já não viviam em suas terras, mas sim juntamente com o czar (*à la* Versalhes), e a burguesia não deixou de ser privilegiada depois da perseguição feita por de Ivan IV aos seus opositores. Ambas as classes participavam do conselho oficial do monarca, denominado Duma dos Boiardos, porém, mais tarde, "boiardos" não mais seria a designação para todos os nobres e aristocracia, mas sim para uma classe dentre esses – aquela que tinha a melhor árvore genealógica.

Anderson (2004) afirma que a classe burguesa não era grande o suficiente para liderar o comércio, o que o tornava monopolizado pelos boiardos, funcionários do estado e mercadores. Assim, a pequena nobreza insistiu na convocação da *Zemsky Sobor* para não ter desvantagens com essas outras classes.

Dessa forma, a assembleia promulgou a *Sobornoe Ulozhenie* em 1649, código jurídico que legitimou a servidão para a população rural; estabeleceu controle estatal sobre as cidades e respectivos cidadãos; oficializou a obrigação de todas as terras nobres prestarem serviço militar. De igual maneira, as terras *votchina* (sem vínculo obrigatório com o Estado) e *Pomest'e* (com vínculo) tornaram-se hereditárias, e para as últimas, a compra e a venda foram proibidas, tornando-as sujeitas apenas ao domínio militar.

Nesse sentido, cabe realçar que a *Sobornoe Ulozhenie* foi o primeiro código jurídico abrangente a ser publicado na Rússia, tendo persistido até o século XIX. Já as Gubas, a autoadministração, também foram abolidas, estando o poder centralizado em Moscou.

Um ano antes, o povo, furioso com o aumento dos preços das mercadorias de consumo básico, revoltou-se contra o czar, que fugiu de Moscou. A *Strel'tsky* também se rebelou contra o czar no mesmo ano, assim como as cidades de Novgorod e Pskov, que se sublevaram contra as cobranças fiscais e foram massacradas, deixando de estar entre as cidades russas economicamente importantes.

Mesmo com a tentativa de melhorar as decisões governamentais com a criação de um conselho complementar e do avançado código civil *Sobornoe Ulozhenie*, a Rússia ainda sofria com a corrupção e com a falta de capacidade, por parte dos funcionários, principalmente nos *prikas*, órgãos de supervisão, e no campo militar.

No tocante ao governo de Alexis, Anderson (2004) pondera que os impostos triplicaram e a classe de camponeses foi reduzida. Por conta dessas condições, ergueu-se a grande insurreição rural em 1670, composta por cossacos, servos, pobres dos subúrbios e escravos, todos liderados por Razin. Os boiardos e a pequena nobreza uniram-se contra os revoltosos e os venceram, resultando no restabelecimento dos vínculos entre a monarquia e a nobreza, antes abalados.

Durante esse período, a Rússia ficou isolada do Ocidente. De acordo com Konstantin Von Grunwald (1988), os russos eram proibidos pela Igreja de sair do país e os estrangeiros só entravam mediante autorização (apesar de já haver encontros entre esses grupos, principalmente na capital). Entretanto, a chegada de clérigos ucranianos foi diferente, pois eles receberam calorosas boas-vindas e se tornaram os responsáveis pela entrada da ciência escolástica no país, o barroco na arquitetura e pela tradução de obras históricas e científicas, o que enriqueceu, culturalmente, a nação russa.

Apenas ao final do século XV a Rússia retomou as ligações com os países do Ocidente, que visavam a uma parceria comercial. Entretanto, os russos tinham acesso ao Báltico apenas através do porto ártico Arkhanguelsk, o que impossibilitava a expansão do comércio marítimo. Com isso, o aristocrata Ordin-Nachtchokin, conselheiro do czar Alexis, elaborou um plano de chegada ao mar, ainda inacessível, que se estendeu no tempo e atravessou gerações.

Assim, Pedro I, o filho mais novo de Alexis, posteriormente conhecido como O Grande, O Reformador, foi o monarca que continuou com o plano de Ordin. Criado fora do Kremlin, Pedro teve contato com a atmosfera estrangeira, e dela saíram dois dos seus mais importantes conselheiros, Lefort de Genebra e Patrick Gordon da Escócia. Pedro criou dois batalhões formados por seus amigos e, mais tarde, esses batalhões se tornaram regimentos da Guarda Preobrazhenski e Semiónovski. Com eles, marchou rumo ao Império Otomano, no Mar Negro, a fim de dar continuidade aos planos de conquistar o mar. Porém, mesmo tomando a cidade de Azov, reconheceu que seu batalhão era mal preparado, e sem a marinha não conseguiria atingir seu objetivo.

Então, iniciou suas viagens ao exterior, visitando Holanda e Inglaterra para firmar algumas ligações comerciais e melhor navegar, instruindo-se em ciência marítima e astronomia. De acordo com o documentário *Empire of the Tsars* (2016), Pedro trabalhou nos estaleiros da

Holanda e da Inglaterra (que possuíam marinha admirável). Do próprio Guilherme III, rei da Inglaterra, ganhou o moderno navio *Royal Transport*, mediante a garantia de estabelecer uma aliança comercial. Em suas viagens, comprou equipamentos modernos para a criação da marinha russa, além de contratar marujos e armadores para ensinarem os russos a construírem seus próprios navios.

Em 1663, a guarda *strel'tsy* se revoltou novamente, e Pedro foi forçado a voltar para o país. Assim que chegou, dissolveu a guarda e castigou severamente os revoltosos, que em seu julgamento, tinham sido influenciados por sua meia-irmã, Sophia. Para castigá-la, Pedro forçou-a a se tornar freira, e nas janelas de seu quarto no convento, pendurou os corpos dos revoltosos.

De volta à Rússia, Pedro I iniciou o processo de reforma, ordenando o fim das barbas e das roupas medievais para os ocupantes de cargos políticos. Sua intenção era torná-los semelhantes aos ocidentais, mas tal fato trouxe muitos incômodos, pois a barba era item essencial para os russos desde 1551, quando Ivan IV impôs seu uso (o que mais tarde se tornaria o próprio símbolo do clero da Igreja Ortodoxa Russa). Para combater esse costume, aqueles que optassem por mantê-la deveriam pagar impostos. Ainda assim, o clero e os camponeses continuaram a usá-la.

Por sua vez, a nobreza se sentiu insatisfeita por não poder mais usar as roupas quentes e próprias para a neve do Leste, e também as mulheres tiveram que mudar suas roupas, seguindo a cultura ocidental.

Para Konstantin Von Grunwald (1988), Pedro também autorizou a importação do tabaco, a entrada de intelectuais estrangeiros e a tradução de livros internacionais para o russo. Foi substituído, também, o calendário bíblico hebreu, que inicia sua contagem no ano 5508 a.C.. Em seu lugar, foi colocado o calendário juliano, criado pelo imperador romano Júlio César no ano 46 a.C[7].

Ainda no âmbito de suas reformas, Pedro reorganizou o exército, a administração e a economia. Nessa última, uma das principais mudanças se deu no pagamento de tributos dos camponeses, que antes pagavam apenas uma quantia por família. Assim, para diminuição dos tributos, era comum o agrupamento de várias famílias numa mesma casa. Com a mudança, os homens camponeses, individualmente, passaram a ser responsáveis pelo pagamento das taxas. Então, para que o governo soubesse o número de pessoas que deveriam pagar impostos, Pedro I realizou o primeiro censo russo.

---

[7] Esse calendário possui treze dias de diferença se comparado ao calendário gregoriano, ou seja, caso esteja no dia primeiro de janeiro do calendário juliano, no gregoriano será dia treze de janeiro.

Pedro também rompeu com as velhas estruturas sociais ao "importar" títulos da Dinamarca e Prússia (tais como conde e barão), fato que, para Anderson (2004), tinha como objetivo introduzir novos escalões na aristocracia. A Duma foi definitivamente extinta e o czar nomeou um senado. Os *prikas*, órgãos de supervisão criados por Alexis, também foram substituídos por ministros, seguindo-se o estilo europeu.

Houve, também, a criação das Academias da Marinha e da Ciência, que ajudaram o país culturalmente, pois filhos dos nobres foram aos países estrangeiros para obterem formação profissional. Foram criadas várias metalúrgicas, fábricas de tecidos, curtumes, indústrias de transformação de lãs, tecelagens de seda e oficinas de tapeçarias.

A reforma chegou a atingir até mesmo a Igreja, que perdeu sua supremacia, não sendo mais o próprio clero a escolher seus sucessores, e sim o Sagrado Sínodo, constituído por arcebispos escolhidos pelo czar (que deviam lhe prestar contas). Isso fez com que a Igreja se tornasse responsável apenas por assuntos de cunho religioso, não mais políticos (VON GRUNWALD, 1988).

O patriarcado foi abolido e a *votchina* e o *pomest'e* passaram a ter o mesmo modelo de propriedades hereditárias, aproximando as classes *pomeshchik* e boiarda. Assim, ambas passaram a ter obrigações de serviço no exército e na burocracia, sendo essa última dividida em catorze níveis hierárquicos; os oito primeiros, de uma categoria superior nobre hereditária, e os seis inferiores, de uma categoria aristocrática não hereditária.

Uma de suas reformas mais marcantes foi a mudança da capital para um território conquistado da Suécia, onde foi criada uma nova cidade em 1703, a futura capital São Petersburgo. Essa criação representava o sonho de acesso ao Mar Báltico, bem como o núcleo da marinha russa, tão desejada pelo czar. Como outras realizações, a inspiração de sua construção baseou-se nos moldes dos países do Ocidente Europeu, o que traduzia a vontade de Pedro em modernizar a Rússia. Assim, ela se tornou a sede dos Romanov.

Em suas viagens internacionais, Pedro I conseguiu alianças com outros países, auxiliando-os em momentos críticos. Um deles era a Polônia de Augusto II, que em 1699 sofria com uma crise decorrente da revolta separatista da Letônia. Aproveitando a situação para tentar conquistar a saída para o Mar Báltico, a Rússia, juntamente com Polônia, Dinamarca e Saxônia, lutou contra a Suécia na Grande Guerra Nórdica (1700-1721). A principal batalha foi a de Poltava (1709), onde a Rússia venceu a Suécia.

Apenas três anos após o início dos combates, a Rússia fundou São Petersburgo. Anderson (2004) afirma que a guerra, por fim, resultou na Paz de Nystadt entre os países

aliados, na qual a Rússia teve como fruto a anexação da Estônia, Livônia, Íngria e Carélia, chegando ao Báltico e à parte oriental da Finlândia em 1709.

Com relação ao campesinato e aos escravos, a reforma desvinculou os servos à terra. Assim, a partir de então, eles não estavam mais ligados à propriedade, mas aos senhores, que obtiveram o poder de comercializá-los. Já os camponeses das terras negras da Sibéria passaram a ser "servos do Estado", nome que confunde ao parecer trazer algum prestígio e melhoria, mas que em suma só resultava em benefícios para os governantes.

Em 1707-1708, os camponeses do Baixo Don seguiram o cossaco Bulavin numa violenta revolta contra a exorbitante carga de impostos, quintuplicados pelo governo de Pedro, e também contra o trabalho forçado nos estaleiros, imposto pelo czar. A professora Janet Hartley, da London School of Economics, no documentário *Empire of the Tsars* (2016) afirma que foram recrutados cerca de 40 mil camponeses para trabalharem em São Petersburgo, alguns deles fugidos antes mesmo de chegar ou depois da chegada. Ainda assim, a população cresceu muito lentamente na cidade, o que leva à conclusão de que muitos camponeses morreram trabalhando.

Após tantas reformas, a Rússia estava aperfeiçoada com exército e artilharia fortes, além de possuir boas relações estrangeiras com a nova classe diplomática, não medieval, de aparência similar à do Ocidente. Além disso, segundo Konstantin Von Grunwald (1988), o país foi percebido de outra maneira após a vitória de Poltava (1709), conseguindo ligações e tratados com Polônia, Turquia e França. Essa última, inclusive, enviou, para a nova capital russa, artistas, artífices, ouvires, engenheiros e oficiais, o que consequentemente influenciou gostos, costumes e a cultura da nação.

Assim, em 1721, Pedro, O Grande, foi elevado, pelo Senado, a imperador de todas as províncias e se tornou símbolo do novo caráter russo, deixando o título de czar. Porém, todas as conquistas, mudanças e reformas tiveram um preço altíssimo: a exploração do povo russo, o recrutamento de soldados e a mobilização de trabalhadores levaram muitas famílias à miséria. De igual maneira, a construção de São Petersburgo foi cenário de muitas mortes de operários, como dito anteriormente, que se desdobravam para construir a grandiosa cidade em cima de um pântano. O dinheiro necessário para as construções e os planos executados foi conseguido pelo aumento dos impostos, mas o imperador demonstrou não se preocupar com os contribuintes ao criar as guardas repressoras Preobrazhenski e Semiónovski, que com suas coerções e com a ajuda da nobreza corrupta, arrombaram os cofres.

Além disso, por sua grande extensão, as reformas do czar não atingiram imediatamente toda a Rússia, fazendo com que houvesse a separação entre os detentores de conhecimento e os

ignorantes, sendo apenas a nobreza privilegiada, fluente em alemão ou, principalmente, em francês, beneficiada pelas reformas. Entretanto, tanto a Duma boiarda quanto a *Zemsky Sobor* começaram a ruir nesse período. Conforme Anderson (2004), esse declínio foi consequência das guerras camponesas de Bolotnikov (1606-1607), dos artesãos de Moscou (1648), de Razin (1670), dos cossacos (1707-1708), do longo do Dnieper e Don, após as reformas de Pedro I.

Por sua vez, o único sucessor masculino do trono, Alexis, não aceitava sua condição e fugiu para Viena. Pedro suspeitou de conspiração, pois sabia do descontentamento da burguesia com a Grande Guerra Nórdica e com a mudança da capital para São Petersburgo. Assim, Alexis voltou para a Rússia a pedido do pai e foi levado para a tortura assim que chegou. Semelhante à maioria dos torturados, se não todos, Alexis confessou a conspiração contra o pai e assim foi condenado à morte. Porém, antes mesmo de ser executado, faleceu.

Como não havia lei específica para a sucessão do trono e o patriarcado tinha sido recentemente abolido, Catarina I, viúva de Pedro, O Grande, foi a primeira mulher a ascender ao trono russo. Como imperatriz, não continuou com os planos do marido, chegando a entregar grande parte dos negócios do governo a Menchikov, um dos conselheiros de Pedro I.

Depois de Catarina I, Isabel ascendeu ao trono. Para Konstantin Von Grunwald (1988), Isabel buscou, em seu governo, o tradicionalismo russo. Os políticos, tanto da Rússia como da França, queriam casá-la com Luís XV, porém o cardeal Dubois não permitiu a união, e Isabel envolveu-se com Ivan Chuvalov, fundador da Universidade de Moscou e da Academia de Belas-Artes. Influenciada por ele, trouxe para São Petersburgo o famoso arquiteto Rastrelli, construtor do Palácio de Inverno, do Palácio de Tsarskoye Selo e do Palácio de Peterhof.

Apesar das imperatrizes até então não se dedicarem tanto aos planos políticos, a Rússia ainda assim progrediu. O exército, depois da vitória de Poltava (1709) com Pedro I, tornou-se importante para o equilíbrio da diplomacia internacional e os regimentos do exército desfilaram em Estocolmo e Nápoles, ocupando por três vezes as planícies da Moldávia. Em 1735, juntamente com os alemães, tomaram uma região junto ao Reno, e em 1747, Rússia, Áustria, França, Suécia, Saxônia e Dinamarca estavam juntos novamente, mas agora contra a Prússia na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), que teve início depois do grande crescimento do poder prussiano na Europa. Em 1763, com a paz, os territórios não sofreram modificações e a Prússia, por conta de sua resistência, tornou-se respeitável.

As reformas na educação realizadas por Pedro, O Grande, começaram a surtir efeito a partir do domínio de Isabel. A educação teve raízes na cultura clássica, que se expandiu, com a literatura, para um território maior, além das grandes cidades. A literatura francesa era a mais lida na época e os escritores russos tentavam seguir a mesma linha desses artistas.

Foi com a expansão da educação e da literatura que surgiram escritores russos com o objetivo de fazer obras úteis para o povo conhecer a história de seu país, bem como para a reflexão dos presentes acontecimentos. Os escritores e cientistas que se destacaram naquela época, segundo Konstantin Von Grunwald (1988), foram Trediakovski, filho de um sacerdote rural que escreveu a teoria da versificação russa, e Lomonosov, filho de camponeses, que completou o trabalho de Trediakovski, criou uma teoria sobre poesia e o famoso mural em mosaico *Batalha de Poltava* (1762-1764). Lomonosov estudou em Moscou e posteriormente na Alemanha, entrou para a Academia de São Petersburgo e se tornou um dos mais ativos alunos, sendo comparado ao italiano Leonardo da Vinci, pois atuava também em ciências clássicas, geografia, biologia, astronomia, química e física. Assim, Lomonosov, filho de camponeses, foi o primeiro cientista russo a ser reconhecido mundialmente.

Após Isabel, Pedro III, seu sobrinho, ficou no trono por apenas seis meses. Depois de muitos desentendimentos com nobreza, clero e militares desde o início de seu governo, foi preso e assassinado no cárcere, plano que se suspeita ter sido arquitetado por sua esposa, Catarina II, e seu amante, Grigory Orlov, oficial da artilharia.

Assim, Catarina, A Grande, alemã de nascença, seguidora do iluminismo, chegou ao poder. Como não se deveu à sorte o desenvolvimento do país, isso a tornou um dos principais governantes do Império Russo – já que as dificuldades em governar, pelo fato de ser mulher e estrangeira, não foram poucas.

Durante seu governo, Catarina aumentou o território do império, incentivou as artes e o patriotismo, firmou relações com outros países da Europa (além daquelas já realizadas pelo também grande Pedro), e deu continuidade aos planos de conquista dos mares. Durante o conflito contra a Turquia, com que a Rússia tinha contínuos desentendimentos, ocorreu a Batalha da Baía Chesma (1770), uma das mais importantes batalhas russas, principalmente para a consolidação do poder da marinha. Parte dela saiu de São Petersburgo e deu a volta, rumo ao Oeste europeu, a fim de chegar ao Mar Mediterrâneo através do Estreito de Gibraltar.

De acordo com o documentário *Empire of Tsars* (2016), nessa batalha houve a baixa de 9000 marinheiros turcos, enquanto apenas 30 russos faleceram. Rumianzov, chefe supremo das tropas russas, assinou em 1774 o acordo Kutchuk-Kainardji, que anexava a Crimeia à Rússia, trazendo os portos de Kertch, Azov e Kabarda ao império. O conflito resultou na devastação do canado dos tártaros na Crimeia e no rompimento do poder otomano no litoral norte do mar Negro. Isso fez com que a imperatriz aproveitasse da situação para estender a agricultura servil e romper com o poder otomano, o que resultou na conquista das estepes entre o rio Bug e o rio Dniepr, na livre navegação no Mar Negro e no acesso ao Mar Egeu.

Beneficiando-se do momento, ordenou que as estepes fossem cultivadas e criou as cidades Kherson, Odessa e Sebastopol, na Ucrânia e na Crimeia, consolidando assim o território russo ao longo do Mar Negro. Essas estepes transformaram-se no celeiro da Europa, e o centro industrial desenvolveu-se consideravelmente.

Catarina também introduziu na Rússia o método de vacinação contra a varíola, de Thomas Dimsdale, experimentando-o, primeiramente, em si mesma.

Além disso, investiu em um novo sistema educacional, criou o Instituto Smolni para Nobres Damas, a primeira escola para mulheres – instituição que, anos após, na Revolução Russa (1917), passou a ser ponto de encontro dos revolucionários.

De igual maneira, secularizou as terras da igreja; estimulou o desenvolvimento mercantil, atitudes oriundas da corrente iluminista da qual era adepta; promulgou a Carta da Nobreza, que garantia à aristocracia todos os privilégios, libertava-a dos serviços compulsórios e concedia controle jurisdicional absoluto sobre a força de trabalho rural. Não satisfeita, aumentou as rendas monetárias pagas pelos servos, e as corveias (pagamentos por meio de trabalho) passaram a não ter limites.

Nessa época, Radichtchev, o primeiro grande publicista do país, foi exilado na Sibéria por ter exigido a abolição da servidão e a igualdade de todos os cidadãos perante a lei. Nesse quesito, o professor Simon Dixon, da University College London, no documentário *Empire of Tsars* (2016), afirma que, na primeira versão de Nakaz, o conjunto de instruções escritas pela imperatriz em 1761, Catarina II havia escrito a favor da liberdade dos servos e escravos em seus capítulos. Entretanto, seus conselheiros relutaram e a convenceram de que isso não seria possível, pois os camponeses eram o sustento de todo o império, principalmente do exército.

No referido documentário, afirma-se também que Catarina II mudou de ideia sobre a liberdade dos servos por conta da revolta liderada por Pugatchev. Cossacos, camponeses, pastores e trabalhadores fabris revoltaram-se, liderados por Pugatchev, e foram agrupados por várias províncias do Volga, dos Urais, desertos de Bashkiria e outras regiões vizinhas. Essa havia sido a maior das revoltas, até então, posto que realizada por vários levantes, o que causou grande esforço do exército imperial para vencê-los. Pugatchev foi preso e depois morto em praça pública.

Outro fato citado sobre os camponeses no mesmo documentário é que as crianças camponesas “não muito feias” eram tiradas de suas famílias para se tornarem artistas-servos e se apresentarem para elite. Portanto, os nobres acreditavam que os poucos anos de convívio com a família não permitiam que os costumes camponeses fossem enraizados. Nesse mesmo sentido, a *Enciclopédia de Economia Doméstica e Agrícola* (1773), de Kunis, sequer citava a

palavra “trabalhador” – deixando claro a insignificância da classe trabalhadora rural para os demais (HOBSBAWM, 2016).

Catarina, A Grande, influenciada por Frederico da Prússia, anexou ao reino parte da Polônia na Partilha da Polônia em 1795. A destruição do reino polonês enriqueceu generais e os favoritos da czarina.

Na análise dos historiadores, as realizações políticas de Catarina II estiveram centradas no âmbito das administrações, pois a czarina queria aplicar as ideias de Beccaria, iluminista penal, principal alicerce do código penal moderno, sobre um povo com 90% da população composta por servos, nitidamente condenada ao fracasso (VON GRUNWALD, 1988).

O francês tornou-se a língua da nobreza russa, fruto da grande influência que a cultura exercia no império desde Pedro I. Ainda assim, nos anos finais de sua vida, encerrada em 1796 em decorrência de um infarto, Catarina participou da primeira Coalizão (1795) contra a França napoleônica.

2.2.1 ALEXANDRES E NICOLAUS

A Rússia iniciou o século XIX com Paulo I, filho de Catarina, A Grande, assassinado após cinco anos no poder. As marcas de sua rápida passagem foram o retorno do patriarcado e a Segunda Coalizão (1799) contra a França, na qual mobilizou o exército russo para a Europa Ocidental sob comando de Suvorov. Passou a morar no Castelo de São Miguel, que mais parecia um forte com difícil acesso, armado com canhões. Em 1801, conspiradores a favor de seu primogênito mataram-no.

Seu sucessor, Alexandre I, queria implementar uma Constituição para a Rússia, vetada pela nobreza a favor do absolutismo (VON GRUNWALD, 1988). A problemática sobre a libertação dos servos tomou sérias proporções com Catarina II, e continuou sendo pauta com Alexandre, que fora aconselhado, em caso de fazê-lo, a poupar os proprietários de terras, utilizando simplesmente uma reforma (sem sequer mencionar a liberdade).

O czar fez, então, algumas reformas nas condições dos servos e nas terras. Decidiu proibir anúncios de compra e venda de servos e não mais distribuiu terras para aqueles que prestavam serviços ao Estado. Em 1801, permitiu que comerciantes, burgueses e camponeses comprassem terras, e no ano seguinte, colocou condições de libertação dos servos na província

do Báltico. Livres, porém sem terras, tal medida não trouxe mudança social; os servos continuaram com suas dificuldades.

Konstantin Von Grunwald (1988) afirma que, nos primeiros anos de governo, o imperador tornou a censura menos rigorosa; criou a Sociedade de História e Literatura; autorizou publicações de revistas científicas e sociais; aumentou o acesso da população às revistas estrangeiras e às obras traduzidas de Montesquieu, Tácito, Beccaria, Bentham e Adam Smith. Assim, a Rússia começou a ter maior número de escritores e a arquitetura progrediu com as construções da Catedral de Kazan, do Almirantado e do Palácio da Bolsa. Porém, pouco tempo depois, Alexandre I deixou de se interessar pelas questões culturais e a Revolução Francesa passou a ser sua maior preocupação.

O Império russo há muito possuíam bom relacionamento com os franceses, dada também a grande influência que traziam a sua cultura, especialmente na pintura, teatro, literatura e educação dos nobres. Para ilustrar essa importância, cabe realçar que até conversas e cartas da elite eram faladas e escritas em francês, bem como podemos ver nos diálogos entre os personagens de *Ana Kariênina* e *Guerra e Paz* de Tolstói.

Entretanto, após o Bloqueio Continental (1806) imposto por Napoleão, que proibia o comércio com a Inglaterra e deixava os outros países sob ameaça, as relações de comércio entre a Rússia e seu principal mercado fragilizaram, fato que prejudicou a economia do império. Assim, a relação entre russos e franceses começou a se modificar.

As fronteiras entre esses dois países eram, e ainda são, bastante distantes, mas as mortes de Luís XVI e Maria Antonieta, aliadas às conquistas de Napoleão, trouxeram preocupações inevitáveis. Caso a Revolução chegasse até a Rússia, o czar cairia, e por conta disso, Alexandre I cortou relações com a França e se uniu com a Áustria para combater a Revolução.

Segundo Hobsbawm (2016), o império russo, juntamente com a Áustria e Grã-Bretanha, perdeu uma batalha contra a França napoleônica em Austerlitz, na Áustria, em 1805; perdeu novamente em Eylau, em 1807, e mais uma vez em Friedland, na Prússia, no mesmo ano, mantendo a ajuda ao país. Apesar das derrotas, o exército russo continuou com seu respeitável poderio e permaneceu como potência militar.

Depois das derrotas, já se esperava que a única solução seria o acordo com o inimigo, o Tratado de Tilsit (1807), pelo qual Napoleão exigia que a Rússia entregasse a Polônia e também que entrasse para o Bloqueio Continental. Porém, a Rússia continuou com o comércio, e depois de mais conflitos, em 1812 o tratado finalmente se rompeu. Com isso, o exército francês invadiu a Rússia.

No entanto, Konstantin Von Grunwald (1988) lembra que o império estava acostumado com invasões: mongóis no século XIII, poloneses no século XVII, suecos no XVIII e agora os franceses no XIX (o que ainda não seria a última vez). Portanto, o que preocupava o imperador não era a invasão em si, mas sim o numeroso e forte exército francês, formado pelo dobro de soldados, contra o qual não tinha condições de lutar. Alexandre I decidiu, então, recuar seu exército para o interior do país, a fim de forçar o exército francês a gastar seus suprimentos.

Assim, o exército de Napoleão foi refreado antes de Moscou na Batalha de Borodino (1812), cidade próxima a Moscou. Essa batalha é tão significativa para os russos que hoje há um museu dedicado somente a ela, o Museu-Panorama A Batalha de Borodino[8], em Moscou. Apesar de não saber quem havia vencido a batalha, Bartlett (2013) explana que o escritor Tolstói afirmou que a Rússia havia conquistado uma vitória moral independente do resultado oficial, uma vez que, no exército russo, muitos soldados eram inexperientes e lutaram semelhantemente a um exército forte, composto pelas melhores tropas da Europa.

Apesar de não ter conseguido derrotar o exército russo naquela batalha, Napoleão percebeu a exaustão do exército oponente, o que facilitaria sua entrada em Moscou. Todavia, ao invés de entregarem a cidade aos franceses, os russos abandonaram-na, com a intenção de deixá-la ingovernável. Então, iniciaram-se saques e incêndios.

O incêndio e o saque de Moscou, a “Cidade Sagrada”, construída de madeira, colocaram o povo russo a favor de Alexandre, segundo Konstantin Von Grunwald (1988). Assim, o czar recusou qualquer tipo de negociação com o invasor, e muitos se ofereceram como soldados, o que permitiu ao general Kutuzov, herói de Borodino (1812), formar um exército do mesmo nível que o francês, mas em menor tempo.

Napoleão retirou-se após incendiar Moscou, pois os franceses possuíam precário sistema de abastecimento, suficiente apenas para a invasão aos países ricos e saqueáveis, o que não acontecia nos países áridos como a Rússia (HOBSBAWM, 2016) . Envolto em outras dificuldades, o conquistador havia perdido grande parte do seu exército por consequências de ferimentos, doenças, exaustão e frio. Kutuzov bloqueou o caminho de volta dos franceses, que tiveram que voltar pelo mesmo trajeto, agora devastado, ficando expostos ao frio, fome e a guerrilheiros conhecedores da região.

A Rússia, juntamente com Áustria e Prússia, formaram a Santa Aliança em 1815, e mesmo com a dissolução do exército francês após a fuga, os países da Santa Aliança continuaram a persegui-lo. De acordo com Hobsbawm (2016), de 610 mil soldados que

[8] A palavra “panorama” está presente por conta da pintura panorâmica *A Batalha de Borodino*, de Franz Roubaud, com 150 metros de largura.

entraram no gelado território russo, o exército francês retornou com apenas 100 mil, o que representou a perda de aproximadamente meio milhão de homens.

Ao final, a muito desejada pelos russos, Paris, estava sob comando da Santa Aliança, e liderada por Alexandre I. Por fim, as fronteiras francesas foram levemente alteradas, o ressarcimento pelos danos não foi grande, a ocupação pelo exército foi curta e os Bourbons, dinastia que governava antes da ascensão de Napoleão Bonaparte, voltaram ao poder. O fato mais importante foi que Alexandre I, ao liderar o exército de seu país e de seus aliados até a França, garantiu que ele e os demais líderes presentes reconhecessem e garantissem uma nova constituição francesa. Depois disso, Napoleão foi levado ao exílio.

Konstantin Von Grunwald (1988) afirma que, após a guerra, Alexandre começou a se envolver com o misticismo e passou a defender uma ordem moral obscurantista. No final de seu governo, a Rússia ficou sob o despotismo do general Araktcheiev, confidente de Alexandre. Com ele, a censura voltou a ser rigorosa e os funcionários tiveram ordens de vigiar pessoas que mostrassem a liberdade aos camponeses.

Contudo, as ideias dos jovens oficiais que percorreram a Europa eram diferentes. Influenciados por pensadores, políticos e literatos do Ocidente, intrigaram-se sobre o porquê de Alexandre I garantir uma constituição para os franceses, mas não para os russos. Assim, os combatentes retornaram à pátria com pensamentos liberais, reformistas e revolucionários, desejando uma constituição, uma reforma no império heroico.

Tais soldados também sabiam que Alexandre I dera à Finlândia, obtida da Suécia em 1809, uma Constituição, bem como para a Polônia (parte dela), protetorado russo desde 1815 depois da invasão de Napoleão. Além da aquisição da Finlândia e da maior parte da Polônia, que ficou sob comando da facção local (favorável à aliança com os russos), Bessarábia da Turquia[9] também havia sido anexada. Entretanto, a Rússia continuava sem constituição.

Em 1825, ano da morte de Alexandre I, alguns jovens da guarda, oriundos de famílias ricas do império, realizaram a primeira insurreição moderna da história da Rússia. Eles se negaram a fazer o juramento de lealdade ao novo imperador, reunindo-se em torno da estátua de Pedro, O Grande (o responsável por modernizar a Rússia). Posteriormente, foram

---

[9] No que se refere à Turquia, a "Questão Oriental" – termo de Hobsbawm (2016) – fez do Oriente e dos Bálcãs campo de batalhas entre Rússia e Grã-Bretanha. Para a Rússia, ter acesso ao Mediterrâneo significava ter o controle dos estreitos entre Europa e Ásia, além de um possível aumento na exportação de cereais. Apenas com a ameaça de guerra da Grã-Bretanha é que se controlou a ruína da Turquia e a influência da Rússia no local. Em 1833, a Rússia e a Turquia assinaram o *Unkiar Skelessi*, tratado que favoreceu os turcos, que buscavam um forte protetor mediante a pressão que sofriam na região. Ultrajada, a Grã-Bretanha mergulhou então na difamação e na russofobia na década de 1830.

denominados “dezembristas” pelo fato de, no mês de dezembro, exigirem reformas políticas, tais como a extinção da autocracia.

De acordo com Hobsbawm (2006), os dezembristas tinham pouco contato com a política e com o restante da população russa e por isso, suas reivindicações não resultaram no engajamento de outros cidadãos. Ainda assim, os dezembristas tinham dois principais objetivos: o fim da servidão e a liberdade de imprensa. Entretanto, tinham a desvantagem de o povo russo ver os imperadores como símbolo da unidade russa.

Dessa forma, Nicolau I, irmão de Alexandre I (que não possuía filhos homens para herdar o trono), conseguiu dissolver essa conspiração e os responsáveis foram condenados à morte, ao trabalho forçado ou ao exílio na Sibéria.

Nicolau I, que na contemporaneidade tem seu retrato na antessala do gabinete do presidente da Rússia, reorganizou o exército e a administração após a revolta. A recém-formada Guarda Nacional teve sua Terceira Repartição destinada à vigilância do povo, com o objetivo de impedir qualquer movimento subversivo. Ele também criou o *Zvod Zakonov*, um código civil com treze volumes, que foi mantido até o final do czarismo.

Há uma simbologia interessante no governo de Nicolau I, segundo o documentário *Empire of the Tsars* (2016): acima de seu trono havia um quadro de Pedro, O Grande, que para ele não representava o símbolo da Rússia moderna (como era para os dezembristas), mas um ícone do poder militar russo.

Assim sendo, era natural que suas atenções se voltassem para a extensão do território russo. Ao analisar essa questão, Nicolau percebeu que os trens já utilizados na Europa Ocidental seriam de grande importância para a locomoção de pessoas (e também do exército) e o transporte de produtos. Assim, instalou as primeiras linhas ferroviárias em 1837.

Três anos mais tarde, Nicolau deparou-se com alguns movimentos político-religiosos de resistência aos russos, que se concentravam no Cáucaso, liderados por Shamyl, e aos franceses, na Argélia, liderados por Abd-el-Kader. Na análise de Hobsbawm (2016), ambos adiantaram o Pan-Islamismo, que buscava o retorno à pureza original do Profeta, bem como absorver as inovações ocidentais.

No campo econômico, havia desgaste na economia, e assim, no ano seguinte, foi implantada a deflação, com vistas à recuperação financeira (movimento que estava presente também em outros países europeus). Entretanto, os gastos públicos *per capita* aumentaram em 44%.

Conforme se esperava, o exército teve grande êxito durante o governo de Nicolau. A Circássia e o Daguestão tentaram resistir à invasão do império russo sem sucesso; Azerbaijão

e Armênia também foram ocupados; a Pérsia e a Turquia não conseguiram reagir às anexações territoriais que a Rússia realizava no Cáucaso. Na Europa, as tropas russas ajudaram na independência da Grécia em 1829, derrotaram a Revolução da Polônia em 1830 e a da Hungria em 1849, onde se aliaram ao imperador da Áustria para reprimi-los.

Nicolau I e seu império alcançaram uma força tal que, segundo Hobsbawm (2016), a Rússia foi o único país que passou sem abalos pelos levantes populares de 1848 (Primavera dos Povos), que aconteceram em toda a Europa. O exército russo estava tão aparelhado que atuava até na ajuda a outros países para conter as revoltas e revoluções então iniciadas contra as monarquias.

Tanto a guerra contra a Turquia (1828-1829) quanto a disputa entre Rússia e Grã-Bretanha pela Turquia instigaram os ânimos dos ingleses, que ao vencerem a disputa, ameaçaram os russos. Assim, sob pressão, a Rússia retirou suas tropas. Em 1840, foi proposta uma nova partilha da Turquia para a Grã-Bretanha. Mais tarde, a tomada da Turquia foi avaliada, pelos países vizinhos, como uma atitude imperialista – e como o imperialismo estava sendo combatido, Turquia, França e a Grã-Bretanha aliaram-se contra a Rússia e tomaram Crimeia e Sebastopol na Guerra da Crimeia (1854-1856). Segundo o professor Dominic Lieven, da London School of Economics, no ducumentário *Empire of the Tsars* (2016), a derrota era esperada, pois a Rússia não havia passado pela Revolução Industrial e, assim, não estava equipada com navios a vapor e armas mais modernas, que França e Grã-Bretanha já possuíam.

Depois das grandes revoluções na Europa Ocidental, Nicolau I tornou a censura ainda mais rígida, limitou o acesso às universidades e tomou medidas contra escritores como Dostoiévski (1821-1881), devido ao crime de elaborar atividades revolucionárias e antes dele, Pushkin (1799-1831), punido por se envolver com os dezembristas.

Quanto à produção interna do país, Hobsbawm (2016) afirma que a agricultura servil na região do Mar Báltico (principal rota de comércio com a Europa Ocidental) produzia trigo, fibra de linho, cânhamo e outros produtos destinados principalmente à indústria naval e à exportação. Essa rota, recém-conquistada no Mar Negro, estimulou a exportação de trigo das terras negras, que se tornaria, historicamente, o produto-chave do comércio russo (como citado pelo atual ministro da Agricultura neste mesmo texto).

Quanto ao restante do império, havia apenas uma agricultura atrasada, focada estritamente nos mercados regionais. Com relação às condições dos servos e camponeses, os decretos previam uma possível libertação dos servos mediante pagamento anual ou compra da liberdade por meio de leilões (que nunca aconteceram). Com a meta de possuir um exército

grandioso e implacável, a ideia de libertar os servos era distante, pois eram eles que formavam a grande massa de batalha.

Apesar de não haver grande incentivo às artes na época de Nicolau, alguns nomes surgiram no império, como traz Konstantin Von Grunwald (1988): os pintores e desenhistas, Alexandre Ivánov, Brulov, Bruni, Kiprenski, Tropinin, Venezianov e Fedotov; na música, Glinka, e na literatura, Pushkin, Lermontov e Gogol. Quanto ao poeta Pushkin, seu auge aconteceu no governo de Alexandre I, e faleceu na primeira década do governo de Nicolau I. Outros três grandes escritores russos passaram a juventude no governo de Nicolau I: Dostoiévski, Tolstói e Turguêniev. Os dois últimos faziam parte da *Intelligentsia*, grupo de pensadores e escritores que pretendiam transformar a sociedade russa, principalmente quanto à situação dos servos. Assim, Turguêniev, em 1852, publicou o livro *Memórias de um Caçador*, que mudou a opinião pública sobre a servidão. Por conta dessa obra, o escritor foi condenado à prisão domiciliar, acusado de ter cometido o crime de insultar os latifundiários.

Apesar de tantos nomes de artistas que influenciaram a política russa, apenas 2% da população era alfabetizada em 1840, segundo Hobsbawm (2016). Dez anos depois, a Rússia tinha cerca de 20 mil alunos secundaristas em meio a uma população de 68 milhões de habitantes. Quanto aos estudantes universitários, somavam-se cerca de 1700 no início do governo de Nicolau, e em 1848, eram apenas 4600.

Em Moscou, jovens estudantes influenciados por Schellling e Hegel uniram-se contra as atitudes e mentiras do governo e articularam um levante. Continuando a construir o pensamento de revolta, alguns desses estudantes, como Bielinski, Granovski, Herzen e Bakunin, inspiraram-se em liberalistas e socialistas da Europa Ocidental, dentre eles Saint-Simon, Karl Marx e Friedrich Engels. Por sua vez, outros estudantes, como Aksakov, Samarin, Khomiakov e Kireievski, procuraram referências no passado russo. Em comum, ambos os grupos possuíam esperanças nos mujiques (camponeses) e defendiam que a Rússia deveria sair da economia rural.

Com a morte de Nicolau I, ocorrida em 1855, seu filho Alexandre II chegou ao poder e cessou as inimizades feitas após a queda de Sebastopol, assinando a Paz de Paris (1856). O novo czar deu continuidade às artes e também reformulou a administração, mas seu maior feito foi a libertação dos servos, ocorrida em 1861. Esse fato deveu-se à pressão popular e à economia internacional, que necessitava de trabalhadores livres, e quebravam-se, assim, as barreiras com os opositores, seus conselheiros reacionários.

Porém, a iniciativa de assinar a libertação emergiu pela preocupação em conter uma possível revolução, que poderia usar a classe camponesa como apoio. Havia, portanto, a

percepção de que, num país basicamente agrário, o apoio dos camponeses na revolução seria infalível, principalmente porque essa aliança faria o czar perder quase a totalidade de seu exército. Assim, após dois séculos de atrocidades, os camponeses tiveram o fim da servidão.

Durante o governo de Alexandre II, surgiu na Europa o Pan-Eslavismo, movimento que buscava unir as nações eslavas. Era sustentado pelos políticos conservadores e imperialistas da Rússia, além dos povos eslavos do império Habsburgo. Aqui, são importantes as palavras de Hobsbawm:

> O pan-eslavismo atraía tanto os políticos conservadores e imperiais da Rússia, para a qual oferecia uma extensão da sua influência, quanto os povos eslavos do Império dos Habsburgos, oferecendo-lhes como um poderoso aliado e talvez uma remota esperança de formar uma grande nação, em vez de várias pequenas nações aparentemente inviáveis. (O pan-eslavismo revolucionário e democrático do anarquista Bakunin pode ser desconsiderado como utópico.) Esse pan-eslavismo era combatido fortemente pela esquerda, que via a Rússia como centro da reação internacional (HOBSBAWM, 2016, p. 151).

Mais especificamente na Rússia, um outro movimento surgiu: o populismo russo. Segundo o mesmo historiador, o objetivo era modernizar a Rússia, especialmente na área das ciências, educação, política, dentre outras. Mesmo que muitos de seus feitos não se tenham concretizado, esse movimento marcou a história das revoluções no império.

As artes continuaram a evoluir e aqueles que passaram a juventude sob o governo de Nicolau I produziram suas grandes obras no período de Alexandre II. Dentre eles, menciona Konstantin Von Grunwald (1988): na literatura, Dostoiévski, Gotcharov, Leskov, Nekrassov, Ostrovski, Pissemski, Tolstói e Turguêniev. Os pintores: Kramskoi, Makovski, Repin e Surikov, com suas obras realistas do campesinato russo. Na música, os nomes foram: Balakirev, Borodin, Dargomyjski, Mussórgski, Rímski-Korsakov e Stassov, também reconhecidos mundialmente.

Durante o governo de Alexandre foram empreendidas várias reformas, tais como a criação de novas universidades e a reorganização daquelas que já existiam; a educação de nível superior acessível a todas as classes, e para as mulheres, na década de 1860; grandes investimentos nas escolas primárias e médias; censura menos severa; sistema de recrutamento geral; a jamais esquecida venda do Alaska para os EUA, por 7,2 milhões de dólares; justiça remodelada sem processos secretos; igualdade de todos perante a lei (diferente da realizada por Catarina II, já que os servos estavam libertos). Foram também concedidos às cidades os conselhos municipais, e também à nobreza rural a administração econômica autônoma, o *zemstvo* (1864-1918), administração local.

No mesmo ritmo de desenvolvimento, houve a importante construção das estradas de ferro, porém de forma mais madura do que ocorrera no governo de Nicolau I. Surgiram bancos privados e instituições de crédito.

Os ex-servos tornaram-se mão-de-obra barata nas fábricas das cidades, e os proletariados urbanos começaram a conviver com os grandes industriais. Se a libertação dos servos não era suficiente sequer para trazer mudanças à condição dos próprios servos, quiçá à sociedade russa. Sobre a condição dos servos em todo o território russo após a emancipação, Anderson (2004, p. 348) afirma que:

> Distribuíram-se aos servos as terras que anteriormente cultivavam nos domínios da nobreza, em troca de um pagamento de compensações monetárias aos seus senhores. O Estado adiantou à aristocracia o valor dessas indenizações e depois reclamou-o junto ao campesinato, por vários anos, na forma de "pagamentos de resgastes". Na Rússia setentrional, onde era baixo o valor das terras e os tributos servis eram pagos em espécie (*obrok*), os proprietários conseguiram extorquir quase o dobro do valor de mercado das terras em compensações monetárias. Na Rússia meridional, onde as obrigações servis assumiam principalmente a forma de prestações de serviços (*barshchina*) e o rico solo negro permitia lucrativas extorsões de cereais, a nobreza defraudou seus camponeses em até 25 por cento das terras melhores que lhes eram devidas (as chamadas *otrezki*). O campesinato, esmagado sob o peso dos resgastes, sofreu assim uma redução líquida do total das terras que antes haviam cultivado para suas famílias. Além disso, a abolição da servidão não significou o fim das relações feudais no campo, tal como já acontecera na Europa ocidental. Na prática, o labirinto de formas tradicionais de extração do excedente extra-econômico, corporificado em direitos e deveres consuetudinários, continuou a existir nos domínios russos."

Os servos passaram a herdar essas dívidas e, com isso, não conseguiram sair da miséria. Conforme a população rural aumentava, suas condições pioravam.

O imperador estava envolto de progressistas que tinham a ideia de que a nação, como um todo, deveria participar das atividades políticas – principalmente das leis. Entretanto, Alexandre insistiu no absolutismo, ainda que nesse período a Revolução Industrial já tivesse incorporado a Rússia. Para Konstantin Von Grunwald (1988), o czar não levou em consideração, ao teimar no absolutismo, os escolarizados da Rússia, que eram os de filhos de camponeses, de padres[10], de funcionários e de pequenos burgueses. A partir deles, surgiram as lutas pelo socialismo agrário, pela melhoria das condições dos trabalhadores e pela politização da população. Entre esses estudantes, encontravam-se Tchernichevski, Dobroliulov e Pissarev.

[10] Os padres da Igreja Ortodoxa podiam, e ainda podem, se casar.

Depois do frustrado atentado de Karakosov contra Alexandre em 1866, muitos desses jovens fugiram para a Suíça. Mais tarde, sob o comando de Netchaiev, Tkatchev e Lavrov, formaram uma nova organização. Quando voltaram ao Grande Império, organizaram uma "Marcha ao Povo", que não teve muitos adeptos. Mediante o insucesso, concentraram-se em interferir nos acontecimentos políticos, relegando a um segundo plano a questão da integração do povo às suas ideias (embasadas em Karl Marx). Quanto à influência de Marx, Hobsbawm (2016) afirma que, em 1872, as mil cópias da primeira edição russa de *O capital* (1867) levou menos de dois meses para se esgotar.

Dois anos depois, os revolucionários formaram um grupo denominado "Terra e Liberdade", que iniciou diversos ataques contra o czar e outras personalidades do governo. Dentre os revoltosos, estava Alexandre Ulyanov, irmão de Vladimir Ilyich Ulyanov, Lênin. A partir de então, Alexandre II levou uma vida intensa junto ao medo constante, e após duas tentativas, o grupo "Terra e Liberdade" finalmente conseguiu atingir o alvo e o imperador faleceu em 1881.

Konstantin Von Grunwald (1988) afirma que Alexandre III ignorou os conselhos do escritor Tolstói, bem como do filósofo Solojov, que recomendavam atenuar as penas dos assassinos. Tolstói e Solojov argumentavam que, dessa maneira, era possível amenizar as tensões políticas do momento, o que não foi seguido por Alexandre III, pois condenou os criminosos ao enforcamento. O herdeiro também regrediu nas reformas feitas por seus antecessores: controlou a imprensa, tirou a autonomia das universidades, os administradores passaram a ter poderes quase ilimitados e a polícia passou a ter mais seções de segurança secreta chamadas *Okhrana*.

Como se não bastasse, Alexandre III decidiu perseguir o povo russo. A partir de então, havia o plano de "russificação", que impunha a crença somente na Igreja Ortodoxa e sobrepunha a língua russa na educação. Com isso, ucranianos, caucasianos, poloneses e outros povos que habitavam o território russo foram subjugados.

Continuando seu plano, o czar começou a perseguir os judeus, impondo-os limitações e permitindo que a população os agredisse em frente aos policiais (VON GRUNWALD, 1988). No Sul, foram realizados *pogroms*, massacres desse povo, que cada vez mais se interessava pelos movimentos revolucionários que aconteciam no período. Além disso, o país passou por uma grande escassez de alimentos em 1890-1891.

Naquele período, a França firmou um acordo com a Rússia a fim de proteger suas fronteiras da Alemanha, que visava à hegemonia das relações internacionais.

Com as medidas tomadas por Alexandre III, a população fez emergir grande ódio contra o czarismo. Alexandre morreu de doença renal em 1894, deixando como sucessor Nicolau II, o último Romanov a governar a Rússia.

Nesse período de transição (1894-95), a Rússia prosseguiu para a Manchúria, lugar em que seria derrotada pelos japoneses, que buscavam mais territórios além de Taiwan e Coreia, anteriormente tomados da China. Cinco anos mais tarde, Rússia, Alemanha, Estados Unidos da América, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão atacaram Pequim na Guerra dos Boxers (1900), momento em que os chineses lutavam contra a presença dos estrangeiros no país e o imperialismo em suas terras.

A Rússia, naquele momento, estava em difíceis condições, o que se relacionava não só à trágica perseguição ao próprio povo, realizada por Alexandre III. A nobreza também estava arrasada por conta das derrotas nas guerras, das revoltas e dos desentendimentos que ocorriam entre seus membros e o imperador. Isso fez com que o czar não contasse com o apoio da nobreza, há muitos anos tido como seguro, para a dinastia Romanov.

Quanto à Igreja, apesar de menor poder (se comparado àquele que tinha na Dinastia Rurik), ainda possuía influência sobre os imperadores, como bem representada na "russificação". Era propagado, ainda, o discurso de que a condição dos pobres era uma vontade divina, e o czar era o líder destinado a conduzi-los. Hobsbawm (2016, p. 358) acrescenta a influência da Igreja além da política, também na censura, "[...] o sacerdote, o policial e o censor eram agora os três principais apoios da reação contra a revolução". Assim, é impossível não se recordar de sua influência na reconquista de Moscou pré-dinastia Romanov, na vida quase monástica dos czares e, claro, da cultura social russa com as leis orientadas pela Bíblia, segundo as interpretações da própria Igreja.

Depois dos servos libertos e dos filhos intelectualizados dos não nobres com mais acesso às universidades, o povo russo viu surgir seus próprios intelectuais. Na literatura, apareceram os simbolistas Balmont, Briussov, Blok e Andrei Bieli; na pintura, surgiram os também simbolistas Serov, Levitan, Repin e Surikov. O mundialmente conhecido e respeitado balé russo fez seu legado com Serguei Diaghilev, Aleksandr Benois e Liev-Bakst, além do cantor de ópera Chaliapin (VON GRUNWALD, 1988).

O escritor Liev Tolstói, em sua fase mística, com seus questionamentos religiosos, posicionou-se contra o governo czarista, pregando a não violência, a abolição do serviço militar e pediu o regresso ao cristianismo de origem – fatos que o levaram a ser excomungado da Igreja Ortodoxa Russa. Outros intelectuais e progressistas se uniram e escreveram obras sobre a

situação do império e soluções para prevenir uma revolução, que posteriormente foram proibidas.

Na análise de Hobsbawm (2016), a economia russa cresceu, concluiu-se a linha de ferro Transiberiana (em 1904) e foram duplicados os investimentos financeiros estrangeiros aplicados nas indústrias de carvão, ferro, tecidos e extração de petróleo. Entretanto, os trabalhadores das indústrias eram mal pagos, moravam em casebres e não possuíam representantes no governo. Os camponeses também estavam em condições miseráveis, ainda trabalhando como servos (e não como assalariados, como já acontecia na Europa Ocidental), já que a abolição da servidão resultou num grande endividamento e os camponeses recorreram à servidão, novamente, para garantirem a sobrevivência.

Nos últimos anos do governo de Alexandre III, a crise capitalista mundial afetou a agricultura, o que acarretou na morte de russos, por fome, em 1891-1892. Isso fez com que os revolucionários encontrassem ótimo terreno para suas ideias não apenas nos camponeses – que em 1897 representavam 80% da população russa, cerca de 126 milhões de habitantes (HOBSBAWM, 2016) –, mas principalmente na trabalhadora fabril.

Desde a chegada de Nicolau II ao trono, os revolucionários se organizaram e fundaram, em 1895, a União de Luta pela Libertação da Classe Operária, tendo como um dos fundadores Vladimir Ilyich Ulyanov, Lênin. Depois dessa organização, foi criado o Partido Operário Social Democrata Russo, com inspiração marxista, que possuía duas alas: *mencheviques*, que significa minoria, e *bolcheviques*, maioria. Já em 1897 foi fundado o Partido Socialista Revolucionário, que era apoiado por intelectuais, estudantes e professores universitários.

Nicolau II, sem conseguir controlar as agitações nas universidades e greves fabris após os assassinatos de dois ministros (Bogoliepov, Ministro da Educação, em 1901, e Sipiagin, Ministro do Interior, em 1902), decidiu evocar Pleve, novo Ministro do Interior, para atenuar a situação. Porém, Pleve era adepto da “russificação” e a executou na Finlândia, Cáucaso e nos países Bálticos.

Outro erro cometido pelo czar foi ter iniciado uma guerra contra o Japão com pretensões à conquista da Coreia. O czar perdeu a guerra de maneira desastrosa, tendo como resultados a queda do Porto Artur em 1904, a derrota de Mukden, em 1905, e a destruição do exército em Tsushima, no mesmo ano.

Por conta de todos esses acontecimentos, surgiram agitações no império. Pleve foi assassinado em 1904, e já em 1905, cerca de cem mil trabalhadores foram ao Palácio de Inverno para apresentar ao imperador suas reinvindicações. Em contrapartida, a guarda do palácio atacou-os, deixando muitos vitimados. Pela forma como os trabalhadores foram recebidos no

palácio, este episódio ficou conhecido como “Domingo Sangrento”[11], o embrião da Revolução de 1905, que finalmente contou com o apoio da classe média e dos intelectuais.

Uma greve geral se deu nas fábricas e empresas de transportes, fazendo a economia parar. No mesmo ano, contrariado, Nicolau II assinou um manifesto que assegurava ao povo os direitos civis e determinava que qualquer futura lei deveria ser aprovada pelos representantes eleitos do povo nos *Soviets* (conselhos) da nova Duma. Um dos direitos dos camponeses, depois da libertação, em 1861, foi o direito de votar, mas mesmo assim as representações não surtiam efeito nas decisões políticas.

Com tais leis fundamentais, que não eram praticadas, a Rússia deixava o sistema absolutista e passava a uma monarquia semiconstitucional, na qual o czar não tinha mais o poder “ilimitado” de antes. Por sua vez, o recém-formado Partido dos Democratas Constitucionais, que representava os intelectuais, era a maioria na Duma, ou seja, o pseudoparlamento, agora indiretamente eleito, possuía poderes limitados nas finanças do governo. Suas leis recém-criadas, após o período de ressaca das revoltas, foram revogadas.

Repreendendo ferozmente as revoltas em todo país, o governo conseguiu se consolidar em algum tempo. O capital estrangeiro voltou a ser investido na Rússia, a economia cresceu e, junto com ela, o número de trabalhadores.

Ainda assim, o misticismo se fez presente. Sabe-se, pelas informações trazidas pelo documentário *Empire of Tsars* (2016), que Nicolau II era extremamente religioso, e mesmo com tantos entraves na economia, devido à guerra e às revoltas, ainda foram construídas mais igrejas em seu governo do que em todos os seus antecessores do século XIX.

Mesmo com tantos acontecimentos e medidas insatisfatórias, Stolypin, Ministro do governo, realizou uma reforma nas terras camponesas, que tinha como principal objetivo apoiar os camponeses mais ávidos por lucros, os *kulaks*, também conhecidos como camponeses “ricos”. Eles possuíam uma visão empresarial de suas terras, que antes eram divisíveis e passaram a ser hereditárias. Anos mais tarde, houve uma superpopulação nas aldeias, o que também se tornou um grande problema. Anderson (2004) explica que a parcela de cultivos camponeses no conjunto da propriedade fundiária cresceu 50% com essa reforma, porém a propriedade camponesa *per capita* decaía em um terço. Assim, a reforma manteve os camponeses na pobreza secular.

---

[11] O genocídio foi descrito minuciosamente pelo escritor Gorki no conto *Nove de Janeiro* publicado na Rússia somente em 1920. O conto pode ser encontrado no volume *Os melhores contos russos*, da Edições LeBooks, 2018 (Coleção Melhores Contos).

A reforma foi suspensa depois do assassinado de Stolypin, em 1911, deixando a reestruturação incompleta e sem chances de uma continuidade, pois logo eclodiu a Primeira Guerra Mundial.

O czar, honrando seus compromissos com a Inglaterra e França, não pôde deixar de se envolver com a Grande Guerra. Os três países formaram, então, a Tríplice Entente, que enfrentaria a Tríplice Aliança, constituída por Alemanha, Itália e Império da Áustria-Hungria.

Com o desencorajamento do povo e dos soldados diante da guerra, Nicolau II resolveu ir pessoalmente ao comando das tropas, deixando o império à czarina Alexandra. Como seu filho, Alexei, sofria de hemofilia[12], Catarina era devota de Rasputin, o único que conseguia controlar a doença do menino. A família Romanov estava aflita não só por conta da doença do caçula, mas também porque Alexei era o único filho homem dentre cinco filhos, logo, herdeiro do trono.

Como o monge Rasputin conseguia controlar a doença do menino, a família Romanov depositava-lhe grande respeito, especialmente a imperatriz. Dessa forma, na ausência de Nicolau, era difícil saber quem estava no comando da Rússia – a imperatriz ou "o santo".

Para Konstantin Von Grunwald (1988), com Alexandra/Rasputin no poder, a desordem se instalou e se enraizou com a admissão e a demissão de funcionários com ávida frequência e com a consequente exigência da Duma pela formação de um conselho de ministros. Toda essa situação desencadeou complôs entre exército, governo e família imperial.

Com mais uma página sangrenta dessa história, o assassinato de Rasputin teve como autor o marido da sobrinha de Nicolau. Ainda assim, não houve significativa mudança no comando da Rússia. Depois de desastrosas ações, a família Romanov estava exilada na Sibéria, e em 1918 foram assassinados, dando fim à segunda dinastia que governou a Rússia por mais de trezentos anos.

Este capítulo apresentou o contexto histórico dos servos camponeses e de Tolstói, essencial para a compreensão das atitudes tomadas pelo escritor com relação a melhoria de vida dos mujiques, principalmente, por meio da educação. O próximo capítulo, sua biografia, complementará esta compreensão expondo, em detalhes, suas fases e transformações que o levaram a se tornar escritor e educador.

---

[12] A hemofilia, doença hereditária que consiste na difícil coagulação do sangue, foi herdada da bisavó materna, a rainha Vitória. Na época, ainda não existia o tratamento de aplicação das proteínas, e a doença era extremamente temida, pois não havia grandes chances de sobrevivência ao doente, já que qualquer ferimento consistia em hemorragia.

3 LIEV TOLSTÓI, O CONDE CAMPONÊS

3.1 FAMÍLIA TOLSTÓI E INFÂNCIA

Antes de narrar sobre Liev Nikoláevitch Tolstói (1828-1910), seu nascimento, vida, obras, brigas com governo e com a Igreja Ortodoxa, é necessário narrar sobre a família do escritor, uma vez que, em suas obras, os personagens por ele criados foram inspirados em seus familiares, servos, tutores, amigos e outras figuras marcantes de sua vida[13].

Sua trajetória pode ser contada com início em Ilia Andréievitch Tolstói (1757-1820), avô paterno do escritor, que seguiu a carreira no exército e casou-se com Pelageia Nicoláievna Gorchakova (1762-1838) – a quem Tolstói adjetivava como "tirânica" e "inconstante" (BARTLETT, 2013, p. 64). Com seus costumes depravados e viciado em jogos, seu avô foi o responsável por empobrecer a família, que pertencia à aristocracia russa.

O casal morava na província de Tula (ao sul de Moscou) e em 1815, Ilia deixou as dívidas grandes o suficiente que o fizeram arrumar um emprego tornando-se governador de Kazan, algo inviável para uma família aristocrática. Sob acusações de corrupção – que não se confirmaram –, Ilia foi deposto do cargo, contraindo dívidas ainda maiores. Já no mês seguinte, faleceu.

O filho de Ilia, Nikolai Ilitch Tolstói (1794-1837), pai do escritor, trabalhou desde os seis anos de idade no serviço público, pois precisava ajudar a saldar as dívidas familiares. Aos dezesseis, ocupava o mais baixo cargo do funcionalismo público, o de escrivão colegiado. Juntamente com esse emprego, também trabalhava para a tia Afanási Pétrov, como serviçal pessoal. Bartlett (2013) afirma que já nessa idade Nikolai se tornara pai, pois Ilia o presenteou com uma camponesa e com ela teve Michenka, filho não reconhecido por Nikolai, que, de acordo com Liev Tolstói, era aquele que mais se parecia com o pai. Essa semelhança entre filho ilegítimo e pai também aconteceu com a prole do escritor: seu filho não reconhecido, Timofei Bazíkin (filho da serva Aksínia Bazíkina), também se parecia com Tolstói.

---

[13] Para este segundo capítulo, foram usadas duas obras principais (no caso, duas biografias): *Tolstói, a biografia*, de Bartlett (2013) e *Tolstói, a fuga do paraíso*, de Bassínski (2013). A primeira justifica-se pela sua dedicação aos acontecimentos da vida de Tolstói, desde sua infância até sua fase mística. Por sua vez, a segunda analisa algumas passagens marcantes da vida do escritor, segundo seus diários, como forma de compreender seu pensamento em acontecimentos e fases, dando maior destaque às fases maturidade e mística.

Com a invasão de Napoleão, Nikolai passou do serviço público ao exército. Em São Petersburgo, em 1814, compôs a Guarda da Cavalaria, mas saiu para cuidar das finanças do pai (que se endividava cada vez mais). Com a morte paterna, Nikolai ficou responsável por toda administração financeira e pelos cuidados com a mãe, a irmã e uma prima. Anos mais tarde, casou-se com Mária Nikoláievna Volkonskaia (1790-1830), uma prima distante, e com tal união, os Tolstói deixaram Kazan e passaram a morar em Iásnaia Poliana.

Mária usufruía do título de princesa e sua linhagem remetia à dinastia Rurik do século XIII. Bartlett (2013) ainda afirma que o sobrenome Volkonskaia origina da região onde a família possuía suas propriedades, ao longo do rio Volkona. Nessa vizinhança, o bisavô materno de Tolstói, Sierguiêi Volkonski, comprou partes da fazenda onde nasceu o escritor, a sua tão querida Iásnaia Poliana.

> Iásnaia Poliana, que significa "clara clareira" ou "clareira límpida", recebeu este nome por uma razão bastante específica. No século XVI, quando o Estado moscovita precisou rechaçar ataques de invasores nômades como os tártaros da Crimeia, beneficiou-se de uma série de fortificações naturais ao longo de sua fronteira meridional, na forma de florestas e rios. As áreas vulneráveis da fronteira ganharam o reforço de árvores cortadas de modo a formar uma sólida barricada, conhecida como zaseka. A Kozlova Zaseka (homenagem a um líder militar chamado Kozlov) se estendia por milhares de quilômetros, com clareiras em vários pontos, onde ficavam os portões e estradas de acesso. Iásnaia Poliana ficava em uma dessas clareiras. Originalmente, Iásnaia Poliana era chamada de 'Yasennaya Polyana', por causa dos freixos (*yaseni*) ali plantados (BARTLETT, 2013, p. 43).

Os pais de Mária Nikoláievna, Nikolai Sergueievitch Volkonski (1753-1821), também militar, e Iekatierina Trubetskaia (1749-1792), optaram por não construir uma igreja no local. Tampouco seus descendentes o fizeram, algo incomum para a época e para um país com grande influência da Igreja Ortodoxa.

Com relação aos 159 servos, Bartlett (2013, p.49) afirma que a família Volkonski era "suavemente despótica". Por diversas vezes, a autora atribuiu essa característica a algo "melhor do que a de outros proprietários de terras", ou seja, como algo incomum, mesmo que essas duas palavras "suavemente" e "despótica" pareçam antônimas. Bartlett (2013) traz, em sua obra, discursos contraditórios de Tolstói acerca de seu avô: ora ele mostra o avô como um homem rígido, porém que nunca punia servos de maneira cruel, ora consentia que o avô passava dos limites. Mesmo com relação ao pai, essa contradição é marcante quando se relata que ele era

mais piedoso do que Volkonski, pois "*raramente* recorria a punições corporais" (BARTLETT, 2013, p. 61, grifo meu).

Para a filha, os Volkonski investiram numa educação ampla, que abrangia matemática, astronomia, política, filologia, agricultura, piano e cinco línguas (sendo quatro estrangeiras e a própria língua russa). Assim, Mária, na idade adulta, também se aventurou na escrita. Bartlett (2013) afirma ter ela escrito um conto inspirado em *Pamela* (1740) de Samuel Richardson, intitulado *A Pamela Russa ou Não existem regras sem exceções*.

Mária ainda inspirou Tolstói com alguns feitos, como escrever sobre uma serva liberta; doar os lucros da venda de uma propriedade à sua dama de companhia, Louise Henissiènne. Entretanto, Mária faleceu em Iásnaia Poliana em 1830, ou seja, quando o escritor tinha apenas dois anos de idade.

Bassínski (2013) afirma que o fato de o escritor ter perdido sua mãe muito cedo fez com que ele desenvolvesse um culto à sua imagem, que julgava estar personificada no quadro *Madona Sistina* (1512), de Rafael. Essa obra adornava seu quarto, e depois, seu gabinete (entre 1862 e 1885), e sua influência se fez sentir em seu modelo de mulher ideal.

Com tanto investimento feito na educação de Mária, não é estranho que o pai de Tolstói estaria disposto a sair da fazenda rumo à capital, a fim de investir na educação dos cinco filhos: Nikolai, Serguei, Dmítri, Liev e Mária. Entretanto, no mesmo ano da mudança para a capital, o pai Nikolai faleceu em viagem de negócios e a tia Alexandra Ilínitchna Tolstáia (1795-1841) ficou como responsável pela família e pelas finanças. Como mais um fato somado às tragédias, a avó do escritor, mãe de Nikolai e Alexandra, faleceu apenas um ano após seu filho.

Duas mulheres que viviam junto com a família Tolstói também foram suas grandes influências, principalmente em sua fase mística. A primeira foi Tatiana Alexándrovna Ergolskaia (1792-1874), mais conhecida como Toinette, órfã acolhida pelos avós de Tolstói. Toinette opunha-se aos castigos físicos dos servos, ainda que acreditasse ser a condição servil dada por Deus. Assim, não se colocava contra a servidão, e foi em quem o escritor mais se inspirou, em suas mudanças morais e espirituais, e era com quem mais conversava por meio de cartas.

A segunda foi a tia Alexandra, que voltou para a casa da família após quase ter sido assassinada grávida pelo marido, o filho do embaixador saxônio Karl von Osten-Sacken (1787-1855). Esse fato ocorreu logo antes de Karl ter sido internado no manicômio, mas Alexandra perdeu a criança, e então a família incentivou a adoção de Pelageia Ivánovna Nastásina (1817-1846), criada por Alexandra como filha.

De acordo com Bartlett (2013), assim como Toinette, Alexandra também tinha elevada moral, e passava o dia se dedicando aos costumes e estudos cristãos. Interessante ressaltar que constam nos escritos de Tolstói os costumes de Alexandra, posteriormente adotados por ele:

> A tia era uma mulher verdadeiramente religiosa. Suas ocupações prediletas era a leitura da vida dos santos e as conversas com peregrinos, mendigos loucos, monges e freiras... A tia Aleksandra Ilínichna era religiosa não só na parte ritual – observava os jejuns e rezava muito -, ela levava uma autêntica vida cristã, evitava todo tipo de luxo e dispensava serviços de outros, procurando ela mesma ser útil para os outros na medida do possível (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p.145).

Responsável por pessoas e bens de repente, Alexandra não conseguiu lidar com tudo de maneira eficaz. Apesar de Nikolai tê-los deixado em boa situação financeira, a tia aproveitou dessa situação apenas nos primeiros meses após a morte do irmão. Ainda assim, continuando os planos de Nikolai, ela não deixou de investir na educação das crianças.

Diante da escassez das finanças, Alexandra decidiu separar a família. Ela ficou em Moscou com sua filha, o tutor francês Saint-Thomas e os dois irmãos mais velhos, Nikolai e Serguei. Enquanto isso, os filhos mais novos, Dmítri, o próprio Liev e Mária voltaram para Iásnaia Poliana, juntamente com Toinette e o tutor alemão Rössel.

Após quatros anos da morte do pai e três da avó Pelageia, Alexandra faleceu em razão de um rigoroso jejum realizado no mosteiro Óptina Pústinh[14], para onde fazia peregrinações. A guarda das crianças foi dada para Pelageia Ilinitchina Tolstáia (1797-1875), irmã mais nova, casada com o coronel Vladimir Ivánovitch Iuchkov (1789-1869) e assim, a prole se mudou novamente, agora para a cidade de Kazan.

Nikolai Nikoláievitch Tolstói (1823-1860), irmão mais velho de Tolstói, também o influenciou, mas em questões filosóficas. Quando crianças, juntamente com os outros irmãos, escreveram *Diversões infantis*, obra que, para Bartlett (2013), é similar a uma enciclopédia sobre aves.

Em seu trabalho, a mesma autora afirma que Nikolai dissera aos irmãos que a felicidade humana estaria escrita em um graveto verde, localizado na floresta perto de casa. Quando tal segredo fosse revelado, haveria paz e igualdade, e todos se tornariam "irmãos formigas", expressão que, em russo, tem a grafia *muraveinye bratya*. Posteriormente, Tolstói acreditou que o irmão estava querendo dizer *moravskie bratya*, "Irmãos Moravianos", que possuíam uma

[14] Famoso mosteiro masculino russo criado entre o século XIV ou XV. O nome significa "Ermida de Opta" sendo este o nome do bandoleiro que resolveu tomar o hábito religioso e passou a se chamar Makári (BASSÍNSKI, 2013).

filosofia parecida com a pregada pelo escritor em sua última fase: a salvação estaria na relação individual com Deus, sem a necessidade de igrejas, templos, líderes e rituais.

Outros parentes, servos e tutores também marcaram Tolstói em sua infância. A surpresa foi o primo em segundo grau do escritor, Fiódor Ivánovitch Tolstói (1782-1846), quem o escritor definiu como *dikost*, palavra que usava para definir os Tolstói:

> Essa é uma palavra com muitos significados na língua russa. *Dikost* significa literalmente "estado selvagem" ou "selvageria", mas também qualifica indivíduos antissociais ou tímidos. Em outros contextos, pode significar estranheza, excentricidade ou absurdo. Quando aplicava o termo a membros de sua família, Tolstói gostava de definir *dikost* como paixão e ousadia, ardor e veemência. Em seu livro, não se trata de um substantivo com conotações negativas. Para ele, a palavra denotava originalidade e independência de pensamento, bem como a propensão para fazer o contrário do que fazem todas as outras pessoas. O Tolstói adulto certamente nadou contra a corrente em quase tudo que fez, e chegou inclusive a usar a palavra *dikost* para descrever as ideias radicais que desejava aplicar à educação, quando lançou seu boletim pedagógico em 1862. Tolstói via *dikost* não apenas em muitos de seus ancestrais ilustres, mas também em alguns de seus parentes contemporâneos – mesmo em sua afetada e bem-comportada prima distante, Alexandra Andréievna, que era espirituosa, mas não obstante uma comedida dama de companhia na corte imperial. "Você tem o *dikost* tolstoiano que todos nós temos", escreveu ele em carta a Alexandra em 1865. "Não foi por outro motivo que Fiódor Ivánovitch tatuou o corpo. " (BARTLETT, 2013, p.74)

Para resumir a vida de Fiódor, ele se envolveu em inúmeras brigas durante a adolescência, mesmo quando pertencia ao regimento de elite de São Petersburgo, a Guarda de Preobrazhenski. Largou a Guarda e conseguiu emprego na construção naval, participando da primeira circum-navegação russa, passando pela Ilha Marquesa, onde tatuou o corpo com os nativos da ilha. Depois de muitas desordens, Fiódor foi expulso pelo capitão do navio.

Entretanto, Bartlett (2013) lembra que muitas lendas rondam o nome de Fiódor, e com histórias tão interessantes, o filho mais velho do escritor Tolstói, Serguei Lievitch Tolstói (1863-1947), redigiu sua biografia. Nela, afirma-se que Fíodor foi forçado a descer do navio na Ilha Sitka, ao sul do Alasca (ainda território russo à época, mas chamado de "América Russa"), onde ganhou o apelido de "Tolstói, o americano".

Ademais, Fiódor atravessou a Sibéria, lutou na guerra contra a Finlândia e por conta disso, retornou à Guarda de Preobrazhenski, sendo logo dispensado por mau comportamento. Ainda assim, voltou à batalha quando Napoleão invadiu a Rússia, oportunidade em que foi condecorado por seus feitos.

Mais tarde, casou-se com uma cantora cigana e foi condenado ao ostracismo. Ao conhecer as histórias de seu primo, o escritor Tolstói o definiu como “atraente, extraordinário e sem lei” (BARTLETT, 2013, p. 77), sendo homenageado com o personagem Dolokhov na obra *Guerra e paz*.

De igual maneira, houve servos que influenciaram Tolstói em seu período místico; foram eles: Mitka Kopilov, Mária Gerásimovna e Akim. O primeiro, por sua atitude submissa diante das dificuldades e Mária e Akim frequentavam a fazenda da família e eram tidos como santos, que ajudavam a família principalmente na área da saúde.

Tendo em vista de que se tratava de uma família aristocrática, era evidente que Tolstói cresceria cercado por muitas pessoas – não só pela família, mas por servos, criados, agregados, lembrando que um serviçal comum, na casa dos aristocratas, era o tutor. A educação dos filhos se dava com tutores estrangeiros, que acabavam morando com a família. No caso de Tolstói, seu primeiro tutor foi o alemão Friedrich Rössel, apelidado de Fiódor Ivánovitch. Mais tarde, depois da mudança para Moscou, foi contratado o tutor francês Saint-Thomas, de quem Tolstói tinha péssimas lembranças por conta de castigos e humilhações que o traumatizaram.

Bartlett (2013) também traz as inusitadas e importantes referências literárias do autor nessa primeira fase, na infância. Dentre as histórias prediletas enquanto criança, estavam: *As mil e uma noites*, o poema *Napoleão* de Púchkin e *A galinha preta ou os moradores subterrâneos* de Anton Pogorelski. Essa última marcou a história literária russa como a primeira obra a dissertar sobre crianças.

3.2 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

Tolstói tinha treze anos quando passou a morar em Kazan, na casa dos tios, onde ficou até os dezoito. Mesmo com a nova condição financeira da família, o período na nova cidade fez o autor se firmar na vida aristocrática, aproveitando de maneira intensa as festas e jogatinas, que se tornaram seus principais desvios morais (segundo suas próprias afirmações), que antes de sua chegada eram tomados pelos tios. Bartlett (2013) ainda pontua que a tia, assim como Tolstói posteriormente, possuía destaque na aristocracia pela ascendência do antigo governador de Kazan, Ilia Andréievitch Tolstói, avô do escritor.

Foram seus irmãos Nikolai e Serguei que iniciaram Tolstói na vida aristocrática, nas idas às festas e bordéis. Nikolai, o mais velho, marcou sua infância, e depois que terminou a faculdade, alistou-se no exército e passou a residir no Cáucaso. Já Serguei Nikolaevitch Tolstói (1826-1904), o segundo mais velho, foi sua inspiração para a vida depravada que resolveu ter durante e depois de sua estadia em Kazan.

Em contrapartida, seu irmão Dmítri Nikoláivitch Tolstói (1827-1856) era o extremo oposto de Serguei e o mais distante dos irmãos. Cristão fervoroso, frequentador assíduo das igrejas, Dmítri era frequentemente alvo de zombaria dos irmãos por suas atitudes e costumes, tendo sido apelidado de Noé. Dmítri foi o primeiro dos irmãos a falecer, aos 29 anos, em 1856.

Todos os irmãos mais velhos frequentaram a universidade de Kazan, criada em 1804. Os três primeiros estudaram matemática e a irmã mais nova estudou no Instituto Rodionov para mulheres. Diferentemente deles, Tolstói ingressou na Faculdade de Línguas Orientais, que possuía grande prestígio na Europa por conta de a cidade ainda possuir traços marcantes da cultura tártara. Tolstói foi admitido na universidade em 1844, aos dezesseis anos (idade comum de admissão), porém foi reprovado já no primeiro ano, o que o levou a mudar de curso, passando a frequentar a Faculdade de Direito, menos prestigiada em relação ao curso de Línguas Orientais.

Bartlett (2013) faz grande ressalva quando aponta que a universidade foi a primeira instituição de ensino que Tolstói frequentou, sendo então a primeira vez em que lidou com múltiplos professores, vários colegas de turma e vários cronogramas e avaliações. O primeiro ano de Direito não foi notável, e a autora traz informações de que Tolstói teria prometido à Toinette, em carta, que no ano seguinte dedicaria mais tempo aos estudos, e nas horas vagas estudaria artes, música e outras línguas, além de não mais sair às festas (promessa que sustentou por alguns meses).

Além de não ter interrompido seus eventos aristocráticos, Tolstói recebeu uma detenção por não frequentar as aulas logo no segundo ano da faculdade de Direito. Em 1847, escreveu sua severa lista de rotina de estudos, que durou cinco meses. Em conjunto a esse rol, criou outra rotina, com regras gerais para serem seguidas com teor religioso, refeitas no mês seguinte:

> Em março, reiniciou sua lista de princípios, delineando 47 regras organizadas sob vinte tópicos. Tolstói se instruiu, por exemplo, a nunca demonstrar suas emoções, a deixar de se importar com as opiniões de outras pessoas sobre ele e a fazer o bem de maneira discreta. Deu a si mesmo a ordem de se manter longe das mulheres, sufocar seus sentimentos de luxúria por meio do trabalho árduo e ajudar as pessoas menos afortunadas do que ele (BARTLETT, 2013, p. 113).

Naquele mesmo ano, internado na clínica de doenças venéreas da universidade devido à gonorreia, iniciou o hábito de escrever em diário. Tal hábito de escrita renderia quatorze volumes dentre sua *Obra completa*. Além disso, também passou um período na masmorra por não frequentar as palestras de história. Preso, ele gritava: "O que nós vamos adquirir nessa universidade? Pense e responda com honestidade. Que conhecimentos vamos levar desse santuário voltando para casa, para o campo? Para que seremos úteis? Quem vai precisar de nós?" (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p.70).

Tolstói abandonou o curso de Direito apenas dois anos após seu ingresso, assim que a documentação de divisão de bens da família foi providenciada. Sobre isso, Bartlett (2013) afirma que as leis russas da época permitiam que as filhas herdassem apenas a oitava parte das propriedades dos pais e a décima quarta dos outros bens familiares. Entretanto, os irmãos Tolstói concordaram em dividir os bens em partes iguais:

> Nikolai ficou com a propriedade de Nikolskoie, na província de Tula, além de 313 servos do sexo masculino (os únicos que valia a pena contar, segundo a tradição da época) e uma vasta porção de terras. Notório amante de cavalos, Serguei herdou a fazenda de Pirogovo, também na província de Tula, juntamente com o haras e 316 servos homens. Mária recebeu terras no mesmo vilarejo, um moinho de farinha e uma elevada soma em dinheiro. Dmítri ficou com Cherbachevka, a propriedade da família na província de Kursk, e mais de trezentos servos. Por sua vez, Liev herdou Iásnaia Poliana e os vilarejos adjacentes, e cerca de trezentos servos. Para equilibrar tudo e compensar eventuais discrepâncias, quantias em dinheiro foram trocadas entre os irmãos (BARTLETT, 2013, p. 115).

Nesse período, suas grandes influências literárias foram *Os três mosqueteiros*; *O conde de Monte Cristo* e *O professor de esgrima* de Alexandre Dumas, autor e obra proibidos de entrar na Rússia durante o governo de Nicolau I, devido ao retrato da Revolta Dezembrista, condição revertida apenas em 1858, no governo de Alexandre II (BARTLETT, 2013).

Além desses títulos, Tolstói também apreciou os trabalhos *Evguiéni Oniéguin*, de Púchkim; *Os salteadores*, Schiller; *Uma viagem sentimental através da França e da Itália*, Sterne; *David Copperfield*, Dickens; O *Sermão da Montanha*, Evangelho de Mateus; *Almas mortas*, de Gogol; *História da conquista do México*, de Prescott; *O herói do nosso tempo* e *Notas de um caçador*, Turguêniev, autor que inovou e retratou os camponeses com mais profundidade, causando impactos à sociedade russa, incluindo o czar Alexandre II, que libertou o escritor da prisão domiciliar imposta por Nicolau I, como aconteceu com Dumas.

Além dessas obras, também outras tiveram grande importância para o Tolstói educador: *Confissões*; *Emílio* e *A nova Heloísa*, de Rousseau. Esse autor foi uma das pessoas mais significativas na vida do escritor, que chegou a produzir uma obra de mesmo nome e temática que seu ídolo: a autobiografia de Rousseau, chamada *Confissões* (1781-1788), inspirou a obra homônima de Tolstói *Confissão* (1880), ambas voltadas à autoanálise. Bartlett (2013) ainda compara a vida dos escritores:

> Não é de admirar que Tolstói se visse em Rousseau, que também perdera a mãe ainda menino e trilhara diversos caminhos diferentes antes de encontrar seu ofício. As duas figuras têm em comum um gênio assombroso, a vaidade excessiva e arrogante, uma sinceridade nobre e obstinada, ainda que invariavelmente equivocada e enganosa, e uma lamentável falta de senso de humor – esta última característica é o único aspecto que por vezes faz com que o estudo da obra e da vida de Tolstói seja tarefa ligeiramente difícil e cansativa (BARTLETT, 2013, p. 109).

Diógenes também foi de grande importância para Tolstói, principalmente em sua fase mística, mas foi ainda adolescente que o escritor conheceu o pensamento do cínico[15], que defendia uma vida autossuficiente, apenas com a sabedoria, sem bens, sem família, e fora das leis da sociedade corrupta e hipócrita.

Residindo então em Iásnaia Poliana, Tolstói traçou planos e metas para cumprir, o que incluía terminar os exames de Direito. Entretanto, instável, no dia seguinte não os levou à risca e parou de escrever em seu diário. Retornou somente em 1848, quando resolveu se mudar para Moscou a fim de terminar os exames da faculdade (plano que sucumbiu às tentações das noites da aristocracia e jogos). Sobre essa questão, Bartlett (2013) afirma que Tolstói, numa das breves anotações antes de parar de escrever em seu diário, estava enfurecido com as mulheres, afirmando que elas seriam as responsáveis pela perda da virilidade dos homens, optando, assim, por evitá-las. Bassínski (2013, p. 67) ainda revela um escrito de Tolstói sobre essa relação conflituosa com as mulheres, fato que aparecia já na juventude:

> "Não me contive, dei sinal a algo cor-de-rosa que de longe me pareceu muito bom e abri a porta dos fundos. Ela entrou. Não suporto nem olhar para ela. Sinto um nojo e até ódio por ela ser a causa de eu contrariar as regras", escreveu ele no diário, em 18 de abril de 1851. Que regras são essas? Ei-las: "Em conformidade com a lei da religião, não ter mulheres" (anotação de 24 de outubro de 1850).

[15] O cinismo, criado pelo filósofo grego Antístenes, discípulo de Sócrates, na era pré-cristã, preconizava a felicidade e a virtude moral por meio de um treinamento rigoroso, que rejeitava os desejos de riqueza, poder, sexo e fama, o que se traduzia em levar uma vida simples e sem bens materiais.

Em meio às dívidas contraídas na jogatina, Tolstói desejou voltar para casa, entretanto, em 1849, mudou seus planos e viajou para São Petersburgo com alguns amigos retornando para Iásnaia Poliana cinco meses depois. Quando na capital, Tolstói definiu que prestaria os exames de Direito e arranjaria um emprego público. Apesar das promessas, aumentou o déficit no orçamento: precisava de 1200 rublos para quitar as dívidas. Para saldá-las, decidiu pedir para o irmão Serguei vender uma floresta de bétulas de sua propriedade.

Permanecendo em seu momento de instabilidade, Tolstói chegou a prestar duas provas de Direito, penal e processual, mas não concluiu os exames. Em carta para Serguei, cogitou se voluntariar para o exército, mas na semana seguinte escreveu desistindo da ideia e voltou a focar nas provas. Tornou-se, então, funcionário público, ingressando no cargo mais baixo da Tabela de Posição Social, ou Tabela de Classes, criada por Pedro, O Grande, que obrigava os aristocratas ao serviço público dividido em 14 cargos hierárquicos.

Apesar de arrependido de seus atos imorais nas grandes cidades, o escritor abusava das servas em sua propriedade, atos relembrados com lamento:

> Outra frustação de Tolstói no verão de 1850 era sua incapacidade de reprimir o desejo sexual que sentia pelas belas servas de sua propriedade. Como tantos outros proprietários de terras russos desse período, em sua juventude Tolstói abusou de seu 'privilégio' de nobre dono de servo e exerceu com regularidade o *droit de seigneur* com as meninas camponesas. Em 19 de junho de 1850, confessou a seu diário que era incapaz de se controlar, e que para piorar as coisas a prática de seduzir as meninas tinha se tornado um hábito (BARTLETT, 2013, p. 132).

Importante apontar que, nesse trecho, é possível que a autora esteja suavizando as atitudes de Tolstói, e não apenas comentando um comportamento da aristocracia naquele período, uma vez que "como tantos outros proprietários de terras russos desse período" pode ser compreendido como: abusar as servas seria normal para a época, então o escritor apenas seguia um mero costume praticado por familiares e colegas da aristocracia. Nesse sentido, dividir a responsabilidade dessa atitude com toda a classe aristocrática aliviaria a culpa de Tolstói.

Tolstói não conseguiu deixar o hábito de apostar nas cartas, seu outro vício em comum com jovens aristocratas. No ano de 1850, mudou-se novamente para Moscou e refez sua rotina, decidindo que iria tocar piano quatro vezes ao dia, se exercitaria, treinaria a oratória e se afastaria das mulheres, além de jogar cartas seriamente apenas apostando dinheiro com pessoas

que fossem mais ricas que ele (BARTLETT, 2013, p. 133). Além de uma nova tentativa de postura, Tolstói se dedicou mais à leitura, e nessa empreitada leu *História dos Girondinos*, Lamartine; *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre; *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe; *A vida e as opiniões do cavalheiro Trintram Shandy*, Sterne; além das obras de Montesquieu. Com maior intimidade da literatura, ele iniciou o rascunho de seu primeiro livro, *Infância* (1852).

Preocupados com as escolhas que o escritor vinha fazendo, Toinette, o irmão Serguei e o mais velho, Nikolai, pediam incessantemente, nas cartas, que o irmão mais novo deixasse de jogar e parasse de contrair dívidas. Como forma de afastá-lo da vida leviana, Nikolai pediu ao irmão mais novo que o acompanhasse até o Cáucaso, onde servia ao exército. Tolstói viu nessa oportunidade um novo começo para sua vida longe de bebidas, mulheres e jogos, aceitando prontamente. Para Bassínski (2013), Tolstói viu essa oportunidade como uma fuga, no caso, da vida que levava (atitude que repetiu ao longo de sua vida).

Embora tenha aceitado ir ao Cáucaso, Bartlett (2013, p. 136) faz uma citação do diário do autor, que ao chegar na base do exército em Starogladkovskaia, escreveu: “Como vim parar aqui? Não sei. E por que estou aqui? Também não sei”. Foi nessa região (hoje Chechênia) que Tolstói conheceu os cossacos, que futuramente o inspiraria na literatura. Na ansiedade para viajar, Tolstói esqueceu seus documentos e teve que esperar por eles durante quatro meses para só então poder desenvolver qualquer atividade em Starogladkovskaia.

Durante esse período com o irmão, participou voluntariamente de um ataque do exército. Pelo bom desempenho, foi elogiado pelo general e incentivado pelo irmão a se alistar. Aceito o convite, Tolstói enviou uma carta à Tula, pedindo exoneração de seu cargo. Enquanto esperava pela carta de resposta, continuou aplicado em suas leituras e iniciou a segunda versão de *Infância*, mas mesmo centrado nessas atividades, aplicava-se também em jogar cartas com os soldados, o que resultou na venda de mais uma parte de sua propriedade para quitar as dívidas. Com sua exoneração do serviço público, compôs de fato as fileiras do exército russo.

Mesmo com a vida intensa no exército, Tolstói aproveitava as expedições para descrevê-las em contos, tais como *A derrubada do bosque*, além de continuar a escrever *Infância*.

Em seus primeiros momentos como militar, deixou de lado as cartas e a bebida e concentrou-se nos livros, xadrez e esgrima. Com essas novas ocupações, terminou e enviou, aos 24 anos, o manuscrito de *Infância* para a editora *Sovremênnik*, ou *O Contemporâneo*, que Bartlett (2013, p. 143) afirma ter sido a mais importante revista literária russa daquele período:

> *O Contemporâneo* era um periódico sediado em São Petersburgo fundado por Púchkin em 1836. Desde 1847 a revista era editada pelo poeta Nikolai Nekrásov, que consolidara a reputação do periódico como a casa da *intelligentsia* de mentalidade progressista e liberal, publicando a obra de importantes autores ocidentalistas como Herzen e Turguêniev e contando com a colaboração de críticos proeminentes como Vissarion Bielínski.

Entretanto, irritou-se ao ver que seu texto teve partes cortadas pelo censor, além da alteração do título: *Uma história da minha infância* – que Tolstói desaprovou por afirmar não ter escrito sobre sua infância. Contudo, *Uma história da minha infância* foi bem aceita pela crítica, pelos russos e pelos familiares de Tolstói. Com isso, o poeta Nekrásov (1821-1878) interessou-se por mais escritos, o que fez Tolstói iniciar *A incursão: história de um voluntário* (1853) simultaneamente com *Adolescência* (1854). Entusiasmado com a repercussão de suas obras, chegou a considerar em dar baixa no exército.

No ano de 1853, seu irmão Nikolai pediu baixa do exército após oito anos de serviços na corporação, deixando assim a companhia de Tolstói. Financeiramente, o escritor continuava com dívidas, o que o obrigou a vender a outra parte de sua propriedade, perdendo, com isso, mais de 140 hectares. Em consequência, recuou em seu ofício de escritor, não terminando alguns contos e histórias a que dera início.

Depois desses acontecimentos, pediu baixa do exército, mas teve seu pedido negado por conta do rompimento das relações entre Rússia e Turquia (os oficiais foram proibidos de se afastarem do exército após a invasão turca à Moldávia e Valáquia). Sem dinheiro suficiente para quitar suas dívidas, Tolstói teria que vender Iásnaia Poliana. Desapontado consigo, Bartlett (2013) afirma que ele leu fervorosamente *Confissões* de Rousseau como forma de ajudá-lo em sua conduta e mergulhou novamente na escrita continuando *Adolescência*, iniciando *Os cossacos* e publicando *Memórias de um marcador de pontos de bilhar* (1855).

Em Bucareste, terminou *Adolescência* enquanto a Guerra da Crimeia (1854) eclodiu. Em guerra, leu *A cabana do Pai Tomás* na versão alemã e queria criar um jornal do exército. Sem dinheiro para concretizar a ideia, pediu para o cunhado parte do dinheiro da venda de Iásnaia Poliana, mas antes da criação do periódico, o czar deveria dar seu aval.

Enquanto isso, iniciaram as batalhas em Sebastópol, para onde Tolstói também queria servir ativamente. Nesse conflito, Tolstói passou por vários locais: Sebastópol, Odessa, Crimeia. Quando não estava nas batalhas, conversava sobre suas experiências em guerra com outros soldados, marinheiros e até mesmo padres, o que o ajudou não só nas suas descrições sobre a guerra como também em sua aversão às condições dos soldados russos. Dessa forma, ele mesmo escreveu sobre reformas necessárias para o exército, tais como melhoria nos

armamentos, nas estradas de ferro, nas condições dos soldados, modernização das táticas de guerras e treinamento para os militares.

Por fim, o czar negou o pedido para a criação de um jornal do exército e o aconselhou a fazer publicações no *Veterano russo*, jornal oficial do exército patrocinado pelo Ministério da Guerra. Bartlett (2013) afirma que Tolstói iniciou a escrita de *Sebastópol em dezembro* (1855) como resposta ao czar. Assim, a partir de 1856, Nekrásov deu carta branca para os artigos do escritor, que começou então a dar detalhes sobre a guerra e as condições dos soldados em Sebastópol. Entre os leitores que se emocionaram com o detalhamento da obra estavam o escritor Turguênev (1818-1883) e a família imperial.

Posteriormente, Tolstói foi transferido com o exército para as margens do rio Balbek, próximo a Sebastópol, onde recebeu o dinheiro resultante da venda de parte de Iásnaia Poliana. Ao contrário de seus planos, perdeu a quantia em jogos.

Com a morte do czar Nicolau I em 1855, Tolstói se encorajou para publicar as reformas necessárias para o exército, mas logo desistiu quando afirmou que a Rússia, afinal, não possuía um exército: "[...] mas sim uma multidão de escravos oprimidos e disciplinados que se submeteram a mercenários e ladrões" (BARTLETT, 2013, p.152). Os camponeses eram obrigados a servirem o exército.

Simultaneamente, o escritor se envolvia cada vez mais com a religiosidade. Bartlett (2013, p. 153) traz um escrito acerca da religião, definido pela autora como uma declaração de "teor profético", pois anos mais tarde seus planos descritos neste trecho se concluiriam:

> Ontem uma conversa sobre a divindade e a fé me levou a uma grandiosa e estupenda ideia, a cuja realização me sinto capaz de devotar toda a minha vida. Essa ideia é a fundação de uma nova religião, correspondente ao desenvolvimento da humanidade – a religião de Cristo, mas liberta do dogma e do sofrimento, uma religião prática, que não promete a felicidade futura mas proporciona a felicidade na Terra. Sei que para levar a cabo essa ideia será necessário que gerações de pessoas trabalhem conscientemente tendo em vista esse objetivo. Uma geração legará a ideia para a geração seguinte, até que um dia ela seja implementada, pelo fanatismo ou pela razão. O trabalho consciente para unir as pessoas à religião é o alicerce da ideia que, espero, me manterá ocupado.

Tempos depois da morte do czar, Tolstói iniciou *Sebastópol em dezembro* (1855) e *Juventude* (1857), que causaram furor na sociedade russa. Esses escritos também chegaram a Alexandre II, que solicitou a tradução e a publicação no *Le Nord*, periódico do governo publicado em francês. Também em 1855, enviou para São Petersburgo *Sebastópol em maio*.

Em agosto do mesmo ano, Panaiev (1812-1862), coeditor de *O Contemporâneo*, escreveu dizendo que a censura cortou drasticamente *Sebastópol em maio*, de modo que estava pensando em desistir da publicação – mas o próprio censor insistia no lançamento. Então, Panaiev publicou *Sebastópol em maio* com o título *Uma noite na primavera de 1855 em Sebastópol*, anonimamente, a fim de preservar a figura de Tolstói.

Depois das diversas obras publicadas, Tolstói recebeu uma carta de Turguêniev, escritor já consagrado e que recepcionou Tolstói em seu retorno a São Petersburgo, oferecendo-lhe moradia. Turguêniev levou-o ao prédio de *O Contemporâneo*, onde foi recebido como herói de guerra. Depois, conheceu todos os outros ilustres escritores da literatura russa, mas foi com Turguêniev que Tolstói teve uma relação intensa, além do poeta Afanasy Fet (1820-1892), com quem teve uma longa amizade.

O motivo pelo qual muitos escritores não permaneceram na companhia de Tolstói foi seu comportamento. Bartlett (2013, p. 162) afirma que ele possuía opiniões "provocativas, e quando contrariado parecia ficar furioso e fora de si". Além da difícil convivência, Tolstói criticava o fato de outros escritores estimarem demais a literatura ocidental – inclusive criticou Shakespeare, afirmando que o escritor inglês não tinha tanta excelência quanto seus leitores defendiam.

Assim, Tolstói nutria desavenças com os outros escritores, principalmente com Turguêniev, de quem começou a criticar as obras. Mais tarde, envolvido com as questões sociais, Tolstói também questionava a intrínseca relação que seus colegas escritores mantinham com a aristocracia e acabou abandonando as noites festivas, de que antes era frequentador assíduo.

Em São Petersburgo, publicou a obra *Sebastópol em agosto*, agora assinada como "Conde L. Tolstói", que mostra um pouco de sua controversa relação com a aristocracia nesse período: ao mesmo tempo em que a rejeitava e criticava, não abdicava do título de conde.

No mesmo ano, 1856, ele publicou os contos *A nevasca* e *Os dois hussardos*, ambos elogiados pela crítica. Tal prestígio conferiu a Tolstói a assinatura de um contrato com *O Contemporâneo*, dando preferência de suas obras por quatro anos em troca de remuneração. Entretanto, arrependeu-se dessa transação por conta das brigas que comprou com os outros escritores, sendo uma delas relativa à emancipação feminina, que contrariava sua opinião:

> O primeiro conflito de maiores proporções veio à tona em fevereiro, em torno da prolífica romancista francesa George Sand[16], a quem Turguêniev admirava

[16] Pseudônimo da escritora francesa Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant.

> por sua coragem e espírito independente. Tolstói acreditava na instituição do casamento e não aderiu à causa da emancipação feminina (as "garotas" que ele visitava nos prostíbulos de São Petersburgo eram outra coisa, é obvio)[17]. Foi uma discussão particularmente inflamável por causa do *ménage à trois* mantido por Nekrásov e seu coeditor Panaiev, cuja esposa Advotia era amante de Nekrásov, como Tolstói bem sabia. Outra altercação com um dos colegas de Nekrásov em 19 de março levou Tolstói a desafiá-lo para um duelo. O desafio ficou sem resposta, e por algum tempo Tolstói cogitou a ideia de abandonar a literatura e se mudar para o campo (BARTLETT, 2013, p. 168, grifos do autor).

Nesse trecho é possível perceber a personalidade geniosa de Tolstói e a consequente facilidade com que se desentendia com os demais, além da teimosia, que cogita até desistir da literatura quando as discussões não terminavam como ele desejava. Nesse sentido, a questão da mulher (BARTLETT, 2013) é importante a ser destacada, pois há anos o escritor possuía uma mágoa pelas mulheres, afirmando que elas eram as responsáveis pelos homens perderem sua virilidade (conforme afirmado aqui anteriormente). Portanto, tal sentimento parecia perdurar em Tolstói, que a partir da mágoa defendia a mulher no papel de esposa e dona de casa, o que não cabia a escritoras e pensadoras como George Sand.

Sendo assim, poucas eram as mulheres fora de seu círculo familiar que eram respeitadas por Tolstói. Além da irmã e de Toinette, Tolstói admirava Alexandra Andréievna Tolstáia, ou Alexandrine (1817-1904), como Tolstói costumava chamá-la. Filha do seu tio-avô paterno, era dama de companhia das filhas do czar e acabou se tornando mensageira entre o escritor e o próprio imperador. De acordo com Bassínski (2013), Alexandrine correspondia a seu ideal de mulher.

De maneira contrária à sua posição como aristocrata, em 1856, aos 28 anos, quando Alexandre II fez um discurso afirmando que planejaria a emancipação dos servos, logo o escritor se dedicou a um projeto semelhante para os seus próprios servos. Sua intenção remontava à época de quando conheceu os membros da *Intelligentsia* e o historiador Konstantin Kavelin (1818-1885), que também escreveu a favor dos servos. Assim, Tolstói foi ao Ministério de Assuntos Internos a fim de discutir o projeto criado por ele mesmo: "Sua intenção era dar aos servos completa liberdade pessoal, e vender-lhes a terra ao longo de um período de trinta anos por 150 rublos cada *desyatina* (1,2 hectares)" (BARTLETT, 2013, p.171).

Com isso, solicitou licença do exército por quase um ano, e assim que sua liberação foi aceita, retornou a Iásnaia Poliana, onde se sentiu deslocado por discutir a questão dos servos

---

[17] Górki (2006) diz que quando Tolstói não queria responder algo, encerrava o assunto com a frase: "Isso é outra coisa", como é possível ver nas falas de Liévin, personagem do romance *Anna* Kariênina (cuja personalidade se assemelha ao de seu criador).

em São Petersburgo, mas ao chegar a Tula, percebeu que ainda era um proprietário de terras e servos. Mais tarde, pediria e receberia a licença permanente do exército.

Com a fala de Alexandre II prometendo a libertação dos servos, houve uma desconfiança geral em torno do projeto de emancipação de Tolstói. Assim, quando ele os reuniu para a apresentação do plano, não entenderam o porquê de o senhor fazer aquele documento, se logo o czar faria o mesmo. Desse modo, em todas as reuniões, os servos não fechavam acordo e Tolstói acabou desistindo de seu projeto.

Além da questão dos servos, Bartlett (2013) conta que Tolstói aproveitou sua estadia em Iásnaia Poliana para visitar os irmãos e mergulhou na leitura e escrita de *Juventude* e *A manhã de um fazendeiro* (1856). Entretanto, o que mais se destaca nas informações trazidas desse período é o episódio do "quase" interesse por Valéria Arsênieva, que estava sob tutela de Dmítri Diákov, amigo de universidade do escritor. O que ressalta aos olhos nesse "quase" romance é a forma como Tolstói, inconstante, relacionava-se com a moça: ao mesmo tempo em que a flertava, também a criticava, cobrando melhorias morais, tentando moldá-la "de acordo com sua ideia de feminilidade" (BARTLETT, 2013, p.173):

> "Por favor, não perca as noites... Os estudos à noite lhe serão úteis para que se acostume a superar seus maus hábitos e preguiça... Seu defeito principal é a fraqueza do caráter, da qual provêm outros defeitos menores. Eduque a força de vontade. Assuma e lute contra seus maus hábitos..." (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p.101).

Em meio a tantas anotações contraditórias sobre Valéria, em 1856 escreveu rompendo relações. Depois dela, Ekaterina Fiódorovna, filha de seu ídolo, o poeta Tiútchev (1802- 1873), foi quem ocupou seu pensamento. Também com ela Tolstói teve uma relação contraditória, ora gostando, ora julgando tal relacionamento uma tolice.

Esse antagonismo não se deu apenas com Ekaterina e Valéria, mas em todas suas relações com as mulheres. Bassínski (2013) utiliza o termo "esposofobia" para definir parte do pensamento do Tolstói adulto, mas confessa soar contraditório o próprio termo, pelo fato de o escritor ter criado as personagens Natacha Rostova, Maria Bolkonskaia, Kitty Lévina, Katiucha Másslova, dentre outras. Ao mesmo tempo, Bassínski (2013) disserta que essa "esposofobia" acompanhava os mitos sobre sua homossexualidade. Ele traz um relato de Tolstói sobre esse assunto:

> Eu nunca me enamorei pelas mulheres. Um sentimento forte, parecido com amor, eu experimentei quando tinha treze ou catorze anos; mas não quero acreditar que aquilo era amor, porque o objeto foi uma camareira gorda (mas com o rostinho bonitinho) e, além disso, a idade de treze a quinze anos, a adolescência, é a mais confusa para os meninos: a gente não sabe sobre quem se lançar, e a lascívia nesse período age como uma forma incomum. Eu me enamorava pelos homens frequentemente. O primeiro amor foram dois Púchikin, o segundo amor foi Sabúrov, o terceiro, Zybin e Diákov, o quarto, Obolénski, Blosfeld, Isslávin e ainda Gautier e muitos outros... Eu me enamorava pelos homens antes de saber da noção de *pederastia*; mas, mesmo quando soube, nunca me passou pela cabeça a ideia da possibilidade do coito. O exemplo estranho de uma simpatia inexplicável foi Gautier. Além da compra dos livros, não tive nenhum relacionamento com ele. Quando ele entrava no quarto, o sangue me subia à cabeça. O meu amor por Isslávin estragou os oitos meses de minha vida em Petersburgo. Sem querer, eu não pensava em nada, além de o que fazer para ele gostar de mim. Todos que eu amava sentiam isso, e eu notava que eles evitavam olhar para mim. Frequentemente, quando não encontrava as qualidades morais que a razão exige do objeto do amor, ou depois de algum desentendimento, sentia por eles uma antipatia, mas essa antipatia baseava-se no amor. Nunca tive esse tipo de amor pelos meus irmãos. O amor ideal eu entendia como um sacrifício total de si próprio pelo objeto de amor. Era isso que eu sentia. Sempre gostei das pessoas de sangue-frio e que tinham por mim apenas estima. Quanto mais velho eu fico, menos vezes surge esse sentimento. E, quando surge, não é com tanto ardor e somente em relação às pessoas que gostam de mim, isto é, o contrário do que acontecia antes.
> A beleza sempre teve muita influência na escolha. Aliás, um exemplo com Diákov: jamais vou esquecer a noite quando nós viajávamos voltando de Pirogovo e me deu vontade de beijá-lo e chorar. Houve nisso volúpia também, mas como e para que ela se meteu ali é impossível entender, porque, como eu já disse, nunca a minha imaginação pintava cenas lúbricas, muito pelo contrário, tenho uma aversão terrível a isso (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p.121, grifo do autor) [18].

Importante ressaltar nesse escrito sua dúvida sobre os sentimentos devotados aos homens por quem se apaixonava. Num primeiro momento, é possível relacionar esse amor com a admiração, porém o próprio autor relaciona esse amor ao desejo sexual, como em dois trechos específicos: “Eu me enamorava pelos homens antes de saber da noção de *pederastia*; mas, mesmo quando soube, nunca me passou pela cabeça a ideia da possibilidade do coito” e: “ [...] jamais vou esquecer a noite quando nós viajávamos voltando de Pirogovo e me deu vontade de beijá-lo e chorar. Houve nisso volúpia [...] nunca a minha imaginação pintava cenas lúbricas, muito pelo contrário, tenho uma aversão terrível a isso”. Tais acontecimentos descritos por Tolstói podem ajudar a compreender sua relação com a esposa e com seu fiel discípulo Tchertkov, como veremos posteriormente.

---

[18] TOLSTÓI, L.N. “Diários”. In: **Obra completa** [edição comemorativa em 90 volumes]. Moscou, 1928-1958, segunda série, vols. 46-58.

Agora como civil, voltou para São Petersburgo, onde rompeu com *O Contemporâneo* por conta da nova agenda política esquerdista adotada, cujo destaque fez deixar a literatura de lado. Essa nova linha editorial também impulsionou outros escritores a publicarem em *Mensageiro Russo*, periódico que lançou *Juventude* em 1857.

Depois disso, aos 29 anos, Tolstói planejou sua primeira viagem ao exterior, e em Genebra leu *Vida de Charlotte Brontë*, de Elisabeth Gaskell; *O memorial de Santa Helena*, Napoleão Bonaparte; Tocqueville; Proudhon; Balzac e Goethe, além de iniciar os manuscritos de *Os cossacos.*

Após tudo que viu na viagem, Tolstói não aceitava o fato de a Rússia ainda estar atrasada em comparação à Europa Ocidental, especialmente na questão servil. Bartlett (2013, p.180, grifo do autor) afirma que na volta para Iásnaia Poliana o escritor tentou, mais uma vez, uma negociação com os servos:

> Por fim todos eles foram transferidos do antigo sistema de *corveia* para o pagamento de um aluguel ou "imposto territorial" (efetivamente um pagamento de "resgate", eximindo-os de sua obrigação de servir e dando-lhes autonomia para cultivar a terra para seu próprio benefício); mesmo assim, anos depois Tolstói continuaria sentindo culpa por exigir de seus servos algum tipo de compensação financeira em troca do uso de uma terra que pertencia a eles. No que restava de sua propriedade, Tolstói agora passou a usar mão de obra contratada e libertou os servos domésticos.

Em 1858, Tolstói publicou *Albert*, seu último conto pela revista *O Contemporâneo*, no qual, de acordo com Bartlett (2013), o escritor defende a arte como abordagem da verdade moral eterna e não da política ideológica, pois ele não acreditava que a literatura servisse como instrumento para a reforma social.

No ano anterior, pediu baixa do exército pela segunda e última vez, e em 1858, fixou-se em Iásnaia Poliana, cultivou a terra, ocupou-se com a silvicultura e estudou agricultura. Nesse período, apaixonou- se por Aksínia Bazíkina, uma serva de outro vilarejo de Tula, casada, com a qual teve um filho, Timofei Bazíkin (citado anteriormente). Esse filho, quando jovem, trabalhou para o escritor como cocheiro e seu relacionamento com a camponesa foi descrito em uma de suas últimas obras, *O diabo* (1911)[19].

Já em 1859, lançou as obras *Três mortes* e *Felicidade conjugal*, publicadas pelo *Mensageiro Russo* e decidiu abrir a escola para os filhos dos camponeses em Iásnaia – fato em que suas biografias não se aprofundam.

---

[19] A obra foi publicada um ano após sua morte.

Nas férias de verão, quando as crianças iam para as colheitas e, por conseguinte, a escola fechava, Tolstói fez uma viagem internacional junto com a irmã, a fim de visitar seu irmão Nikolai, que estava na Alemanha em tratamento contra a tuberculose, acompanhado pelo irmão Serguei. Com a piora de Nikolai, os médicos aconselharam sua mudança para um território mais quente, e assim a família Tolstói viajou para o sul da França. Entretanto, Nikolai faleceu nos braços do irmão mais novo, seu maior admirador e amigo, em quem deixou profundas marcas:

> A irreversibilidade da morte e a impossibilidade de explicá-la racionalmente deixou-o tão aturdido que ele resolveu abandonar o trabalho literário. Para que ele serve? Pois "amanhã começarão os sofrimentos da morte com toda a nojeira da vilania, mentira, engano de si mesmo e tudo acabará em insignificância, nulidade para você mesmo". A única coisa que resta é "esse desejo tolo de saber e falar a verdade", "mas não na forma da vossa arte. A arte é uma mentira, e eu já não sou capaz de amar uma bela mentira" (BASSÍNSKI, 2013, p. 112).

Enquanto viajava, pesquisou sobre pedagogia, aprofundou-se no pensamento de Rousseau e chegou a visitar algumas escolas da Europa para analisar novas formas de ensino. Ainda em viagem, Tolstói teve notícias do documento de Alexandre II que abolia a servidão, cuja notícia foi publicada em todos os jornais do país. Mesmo assim, Tolstói ficou decepcionado com a impossibilidade de os camponeses lerem aquele documento, que apesar de emancipar os servos, não contribuía para acabar com a desigualdade social.

De volta à Rússia, Tolstói fez reuniões com o ministro da Educação em São Petersburgo a fim de obter uma autorização para escrever um periódico pedagógico, solicitação que foi concedida.

Em seguida, assumiu o cargo de juiz de paz[20] em assuntos de alforria do distrito, cargo oferecido pelo governador de Tula, onde se desentendeu com os aristocratas, já que era o responsável pela mediação entre os senhores de terra e os camponeses pela efetivação do documento que os libertava. Era de se esperar que a aristocracia se sentisse desfalcada e que tentariam de tudo, até por ameaças, para manterem seus servos.

Em 1861, aos 33 anos, o escritor abriu mais escolas, e no ano seguinte, fundou a revista educacional Iásnaia Poliana. Os periódicos da escola de Tolstói sofreram ataques do Ministério

[20] Para Zweig (1967), Tolstói não ocupava a função de juiz de paz, mas sim de árbitro territorial. Apesar da diferença de nomenclatura, a caracterização da ocupação é a mesma: mediar as relações entre os camponeses recém-libertos da servidão e seus antigos proprietários.

de Assuntos Internos, que começou a elaborar um dossiê sobre Tolstói no mesmo ano de lançamento da revista, por entender que as escolas do escritor eram centros de revolucionários principalmente porque alguns professores de Iásnaia Poliana estavam envolvidos com as questões políticas do país. Em conjunto com os vizinhos aristocratas do escritor, o Ministério de Assuntos Internos concluiu o dossiê. Assim, com problemas com o Ministério de Assuntos Internos, com os vizinhos e com muito trabalho para fazer, Tolstói adoeceu, saiu do cargo de juiz de paz, abandonou a revista e foi à Samara, cuidar da saúde.

Enquanto estava fora, *O Contemporâneo* foi fechado e alguns envolvidos foram exilados na Sibéria. No mesmo mês, a polícia secreta do czar foi a Iásnaia Poliana vasculhar a fazenda, e após dois dias inteiros de busca lendo todos os escritos de Tolstói e importunando os moradores, a polícia deixou o local.

Ao retornar, Tolstói se sentiu ofendido com tal atitude e, preocupado com o que os policias haviam dito aos camponeses sobre seu caráter e conduta, fechou as escolas de Iásnaia Poliana. No mesmo ano, 1862, casou-se com Sófia Andreiévna Berhs (1844-1919), ele com 34 anos e ela com 18 (BARTLETT, 2013).

3.3 A MATURIDADE

Sófia Andreiévna Berhs, esposa de Tolstói, nasceu no Kremlin, onde o pai servia como médico da corte no governo de Nicolau I e em 1842 conseguiu o direito à nobreza hereditária. A família Berhs era conhecida do escritor e sua sogra era sua amiga de infância.

Tolstói, quando voltou a frequentar a casa da família, começou a se aproximar das jovens filhas Elizaveta, Sófia e Tatiana. Ter se apaixonado pela filha do meio, trouxe à mais velha e à família Berhs grande preocupação, pois a cultura russa determina casar as filhas seguindo a ordem de nascença. Ainda assim, aceitaram casar a filha do meio com o escritor. O pedido foi feito dia 16 de setembro e o casamento aconteceu uma semana depois, na Igreja da Natividade de Nossa Senhora, no Kremlin. Sobre esse acontecimento, Bassínski (2013) afirma que logo antes da cerimônia, novamente Tolstói pensou em fuga, mas ela não se concretizou talvez por conta da carta de sua irmã, Mária, que pediu para que ele não fugisse da felicidade. Ele expressou em seu diário:

> No dia do casamento, medo, desconfiança e vontade de fugir. A cerimônia de casamento. Ela – chorosa. Na carruagem. Ela sabe de tudo, simples. Em Biriuliovo. O susto dela. Algo doentio. Iássnaia Poliana. O irmão Serioja sensibilizado. A tia já está se preparando para sofrer. Noite. Sonho pesado. Não era ela (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p. 135).

Depois de casados, Tolstói pediu para que Sófia lesse todos os seus diários até ali, mas Bartlett (2013) afirma que Sófia se arrependeu por ter encontrado relatos de seus inúmeros romances. Entretanto, ela continuaria lendo seus escritos por muitos anos, não apenas o diário do marido, mas as histórias por ele escritas, das quais ela ficou responsável por passar a limpo e enviar para a editora.

Deixando um pouco de lado a escrita simples e clara que tinha dedicado aos mujiques para que eles lessem suas histórias, artigos e contos, Tolstói resolveu voltar para a escrita aristocrática, utilizada para escrever *Guerra e Paz* (1863-1869) e *Anna Kariênina* (1873-1877). *Guerra e Paz* demorou seis anos para ser concluída e foram escritas mais de cinco mil páginas e 15 inícios diferentes até sua versão final. Junto com a obra, nasceu seu primeiro filho, Serguei Lievitch Tolstói (1863-1947).

Para *Guerra e Paz*, Tolstói contou com a ajuda de familiares, principalmente do seu sogro, que passou a infância na década de 1810 e lembrava de alguns fatos sobre a invasão Napoleônica. Ele também ajudou o escritor a reunir relatos, cartas e artigos de jornais para a narrativa. De igual maneira, Tolstói frequentou o Museu Rumiantsev, mansão antiga devastada no incêndio de 1812, mas reformada posteriormente; a Bilbioteca Tchertkov e o local onde aconteceu a Batalha de Borodino para enriquecer seus escritos.

Guerra e Paz ficou rapidamente famosa, porém recebeu muitas críticas: aqueles que presenciaram os acontecimentos históricos retratados detestaram o fato de Tolstói, segundo eles, ter distorcido a história; outros repreenderam sua valorização dos costumes conservadores e a aristocracia. Além disso, foram criticados os longos “rodeios” na escrita do autor, utilizados para explicar alguns acontecimentos. Mesmo assim, a obra se consolidou e logo foi traduzida para o francês em 1879.

Faltava publicar os últimos capítulos de sua grande obra, mas Tolstói via sua imaginação desacelerar. Então, preferiu mergulhar na filosofia alemã e nos folclores russos para reescrevê-los para as crianças. Leu, também, o muito criticado por ele, Shakespeare, e Molière. Quis também começar outras obras: primeiramente, pensou em uma história sobre Pedro, O Grande, depois voltou seus pensamentos sobre o que posteriormente seria *Anna Kariênina*.

Nesse sentido, Bartlett (2013) traz informações do que Tolstói sofria no período de transição entre uma obra e outra, período que ele chamava de “zona morta”. Havia angústia quando pensava toda a trajetória de vida dos personagens, a personalidade, as aflições, as combinações que poderiam ser feitas, dentre outros fatores. Mas esse suplício tornou-se ainda maior depois de *Guerra e Paz*, já que ele havia se dedicado tão intensamente aos estudos para a obra durante seis anos, que quando a finalizou, a sensação de esgotamento da imaginação e da criatividade foi tão intensa que ele entrou em depressão.

Sófia, depois de dar à luz ao quinto filho do casal, em 1871, contraiu febre puerperal, doença que quase levou-a a morte. Tal quadro a fez desistir de ter mais filhos, o que o marido julgou ser um absurdo, pois para ele, a mulher deveria ser o centro da família, a responsável por preservar a espécie.

Mesmo brigando com o marido para não ter mais filhos, teriam mais oito filhos, dos quais cinco não alcançaram a maioridade. Bartlett (2013) traz um fragmento do diário de Sófia escrito em 1870 sobre suas gravidezes: “A cada filho que nasce é preciso desistir ainda mais da vida para si mesma, e conformar-se com o fardo de cuidados, preocupações, doenças e anos que passam” (TOLSTÁIA apud BARTLETT, 2013, p. 241). Sófia sofreu com as imposições do marido e com a vida pacata e cada vez mais distante do esposo no campo. Assim, ela alimentava um árduo desejo de voltar a morar na cidade, ideia que Tolstói desprezava, fazendo-a se sentir sozinha na própria casa.

Na contramão das vontades de Sófia, Tolstói voltou com o desejo de educar as crianças, agora não somente as camponesas, mas também seus filhos. Ele se viu descontente ao analisar as cartilhas russas, e assim, criou a *Cartilha* (1872), seu livro para a educação das crianças. Com o material pronto, reabriu a escola de Iásnaia Poliana.

Cartilha foi impressa e Tolstói teve que lidar com vários problemas como o alto preço e a não aceitação do livro por parte das escolas, o que também se devia à forma de impressão escolhida pelo autor. Com tanta resistência para a aceitação da obra, escreveu na *Gazeta de Moscou* sobre os defeitos dos métodos de ensino utilizados na Rússia e em outros países da Europa. Posteriormente, pôde defender suas ideias e propor um experimento para o Comitê Literário de Moscou, que comparava sua metodologia e aquelas utilizadas nas escolas comuns. Ainda publicou em *Notas da pátria* um manifesto defendendo sua *Cartilha*, o que fez levantar debates sobre educação popular na Rússia.

No segundo semestre de 1874, a *Cartilha* foi aprovada pelo governo e assim, Tolstói começou a revisar a obra, criando a *Nova Cartilha* (1875), que passou a ser um dos livros mais vendidos.

Na mesma década, Tolstói comprou uma propriedade nas estepes de Samara, onde costumava fazer seus tratamentos com *kumýs*[21] quando doente. A propriedade 2832 hectares custou 17,5 mil rublos, os quais Tolstói prometera a Sófia que recuperaria com as colheitas dos próximos dois anos. Entretanto, as colheitas de 1871 a 1873 foram muito ruins em toda a região, e preocupado com as famílias que ali habitavam, Tolstói recenseou as condições dos camponeses de Gavrilovka, vilarejo mais próximo de sua propriedade nas estepes. Publicou, então, uma carta de apelo ao governo na *Gazeta de Moscou* com suas observações. Com o país comovido, o escritor conseguiu arrecadar dois milhões de rublos e 344 mil quilos de grãos do governo central e da população russa. Dessa forma, o sofrimento dos camponeses foi aliviado naqueles anos de pouca colheita.

Depois que escreveu *Cartilha*, Tolstói estava animado para voltar aos romances. Ponderou, em princípio, romancear a história de Pedro, O Grande, imperador que Tolstói inicialmente admirava. Porém, Bartlett (2013) afirma que quanto mais o escritor lia sobre Pedro I, mais rejeitava a ideia de colocá-lo como protagonista de uma história. Começou o romance sobre o czar 33 vezes, mas desistiu do trabalho, chegando a caracterizar o imperador como "bufão bêbado" (BATLETT, 2013, p. 276).

Uma das mais importantes influências de Tolstói para a trama de *Anna Kariênina* foi sua tia Toinette, que lhe contou sobre um amigo que a esposa traíra e fugira com o amante. Toinette ainda falou sobre o perdão, afirmando que se devia odiar o adultério e não o adúltero. Isso fez com que, segundo Bartlett (2013), *Anna Kariênina* se tornasse uma das mais complexas personagens da literatura.

Antes de terminar a obra, Tolstói e sua família tiveram que lidar com a morte de Piotr a dezoito meses de idade, o sexto filho. Depois, Nikolai, que nascera após Piotr, faleceu de meningite aos dez meses. Com a morte prematura de outro filho, Tolstói atrasou a publicação dos outros capítulos de *Anna Kariênina*. No mesmo ano, 1875, Sófia, grávida de Várvara, teve peritonite, o que ocasionou um parto prematuro. Várvara faleceu horas depois de ter nascido. Bartlett (2013, p. 303) afirma que em carta a Fet, Tolstói definiu Iásnaia Poliana nesse período como: "Medo, horror, morte, crianças cabriolando, comendo, bagunça, médicos, falsidade, morte, horror". Em suas palavras, "morte" e "horror" foram citadas duas vezes.

Com muito medo de engravidar novamente, Sófia queria apelar para a contracepção. Tolstói foi veementemente contra, pois julgava ser um ato imoral. Sófia engravidou mais cinco

[21] Leite de égua ou camela fermentado, utilizado pelos *Kumýsniks*, pessoas que faziam uso da bebida a fim de curar, principalmente, as doenças pulmonares.

vezes, sem conseguir vencer o marido e o constante medo. Bassínski (2013, p.39) traz um escrito de Tolstói que soa contraditório no que se refere às vontades dele sobre a vida familiar:

> se ainda na juventude, ao menos uma vez, eu tivesse gritado com minha mulher ou tivesse batido os pés, talvez ela tivesse se submetido como se submetem as mulheres de vocês; mas eu, pela minha fraqueza, não suportava escândalos em família e, quando eles aconteciam, sempre pensava que o único culpado era eu e que eu não tinha o direito de fazer sofrer uma pessoa que me ama. E sempre cedia.

Essa passagem se torna contraditória quando se consideram as gravidezes que Sófia teve, mesmo não querendo mais ter filhos. Além disso, ela foi forçada a amamentá-los, mesmo com muita dor, pois para Tolstói, era inadmissível a mãe não amamentar os próprios filhos e passá-los a uma ama de leite. Cabe, então, um questionamento: Sófia não "bateu os pés" suficientemente?

3.4 O MÍSTICO

Tolstói se esforçou para ter uma vida cristã a partir de 1877, aos 49 anos: começou a ler sobre teologia, principalmente as obras de Aleksiei Khomiakov; *A velha e a nova fé*, de David Friedrich Strauss; *Vida de Jesus*, Ernest Renan, banido desde 1863, além de Eugène Burnouf e Max Müller. Também começou a orar diariamente, ir à igreja aos domingos, peregrinar rumo ao Mosteiro Óptina Pústinh, além de fazer jejum duas vezes na semana. Depois da primeira visita ao mosteiro, Tolstói viu sua fé revigorada e passou a conversar com frequência com o padre da vizinhança de Iásnaia Poliana.

Em viagem a São Petersburgo, Tolstói estudou sobre os Velhos Crentes e os Molokáni, que imprimiram grande influência sobre o pensamento do escritor, que conversava sempre nas estradas de Tula com peregrinos rumo a locais santos e se envolvia com suas histórias. Nas palavras de Bartlett (2013):

> Ao que parece os *Molokáni* eram assim chamados por causa de sua recusa em beber leite durante os duzentos dias de jejum do calendário ortodoxo[22], mas havia quem alegasse que o nome deriva de um rio no sul da Rússia. Como muitas outras seitas "racionais", os *Molokáni* se distinguiam e levavam uma vida modesta e laboriosa. Rejeitavam não apenas todos os rituais (da realização de cerimônia e cultos à prática de fazer o sinal da cruz), mas dispensavam também o clero, os prédios sagrados e artefatos como ícones; em vez disso, empenhavam-se no estudo da Bíblia (BARTLETT, 2013, p. 342).

> O maior grupo de dissidentes religiosos na Rússia era o dos Velhos Crentes, grupo que se recusara a aceitar as reformas do rito empreendidas pelo Patriarca Nicon na década de 1660, e que por isso causara um cisma de amplas repercussões na Igreja. Em parte porque Constantinopla (e com ela todo o Império Bizantino) tinha sucumbido à "heresia" do islamismo depois de ter sido conquistada pelos otomanos no século XV, milhares de fervorosos e abnegados crentes ortodoxos na velha Rus insistiram em se manter aferrados a rituais e à linguagem litúrgica a que estavam acostumados, a despeito do fato de que ao longo dos séculos a prática religiosa ortodoxa fora gradualmente divergindo dos ofícios e costumes gregos. Longe de ser uma Reforma da Igreja Ortodoxa Russa, essa rejeição teve o efeito contrário, pois um grande número de pessoas resistiu à mudança – talvez metade da população. Os Velhos Crentes passaram a ser conhecidos como *staroobriadtsi* ("adeptos do antigo rito") e *raskolniki* ("cismáticos") e foram responsáveis pelo primeiro sintoma de enfraquecimento sério da Igreja Ortodoxa Russa, pelo que receberam tratamento implacável e brutal, o que levou muitos a preferirem o caminho da autoimolação em massa, ao exílio na Sibéria ou à capitulação (BARTLETT, 2013, p. 339).

O rompimento de Tolstói com a Igreja Ortodoxa Russa, seus ritos e tradições, representou para ele um grande avanço moral, uma espécie de libertação do materialismo em busca do contato mais próximo de Deus. Nisso, fica clara a influência dos Molokáni e dos Velhos Crentes em sua decisão.

Mergulhado nos estudos religiosos, Tolstói voltou a Tula ainda com dúvidas e resolveu tirá-las com um dos padres da região. Numa dessas conversas, foi aconselhado a ler *Teologia dogmática*, de Makari. Juntamente com a leitura desse livro, Tolstói iniciou a tradução dos Evangelhos e escreveu críticas à Igreja Ortodoxa, que para ele, servia apenas para débeis, malandros e mulheres (BASSÍNSKI, 2013).

Depois disso, Tolstói começou com suas estranhíssimas atitudes. Afastou-se da família, da administração das propriedades, mandou cartas a familiares e amigos terminando relações sem explicação aparente, quis se afastar da literatura e se recusou a ir à inauguração da primeira estátua do escritor Púchkin – o que foi recebido como afronta, mas Tolstói passou a não se

[22] O jejum da Igreja Ortodoxa consiste em evitar alguns alimentos como carne, ovo, laticínio, azeite de oliva e bebida alcoólica, bem como fazer poucas refeições no dia.

importar mais com os intelectuais, mesmo sabendo da importância de Púchkin para os escritores e literatura russa.

Tolstói dedicou muito tempo mergulhado nos estudos dos princípios da Igreja Ortodoxa Russa e dirigiu a ela grande crítica, afirmando que nela os ensinamentos de Jesus estavam distorcidos, o que resultava em contradição frente aos ensinamentos. *Crítica da teologia dogmática*, pronta somente em 1882, teve como prefácio outra obra, *Uma confissão*[23], na qual o autor explica o motivo de escrever uma crítica à Igreja Ortodoxa Russa, ao mesmo tempo em que fazia relatos pessoais.

Seus escritos religiosos não foram destinados apenas à Igreja Ortodoxa. Com o assassinato do czar Alexandre II, Tolstói escreveu uma carta a Alexandre III para que, como cristão, perdoasse os assassinos e não os executasse (pedido que não foi atendido).

Depois, peregrinou novamente para o mosteiro Óptina Pústinh, vestido como mujique, a fim de questionar mais algumas ideias da Igreja Ortodoxa Russa, saindo insatisfeito novamente. Aproveitou a viagem para conhecer as ramificações dos *Molokáni*, os *Vozdikhantsi*, que significa "suspiradores", nome dado pelo costume de suspirarem profundamente e olharem para o céu. A outra ramificação era os *Subbotniks*, que significa "sabatinos".

Já em Iásnaia Poliana, a família Tolstói estava se preparando para mudar para Moscou, já que Serguei, o filho mais velho, entraria na universidade, e Sófia havia dito que a família também se mudaria, para evitar que o filho se envolvesse com os revolucionários. Serguei entrou para o curso de Ciências Naturais da Universidade de Moscou, o que Tolstói interpretou como um insulto, já que agora, em sua crise espiritual, declarava-se antidarwinista e até escreveria, junto com Strákhov, um livro contra as teorias de Darwin. Não só contra Darwin, Tolstói se colocou contra os cientistas em geral: "Os cientistas não fazem distinção entre os conhecimentos úteis e inúteis. Eles estudam matérias tão desnecessárias como os órgãos sexuais da ameba, porque graças a isso eles podem levar uma vida senhorial" (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p.228).

Por outro lado, os outros filhos, Ilia e Liev, entraram para uma escola para meninos, enquanto Tânia estudou numa renomada escola de artes. Tolstói, apesar de ter concordado anteriormente com a decisão de se mudar com a família para Moscou, estava descontente com a mudança, e Sófia, que julgava ter na cidade a sensação de liberdade, sofreu com a apatia do marido. Mais uma vez, sozinha, cuidou da estadia e bem-estar da família.

---

[23] A obra foi concluída em 1882, porém proibida pela censura. Sua publicação se deu em Genebra no ano de 1884.

Em Moscou, Tolstói começou a visitar as favelas e decidiu viajar para a província de Tver para conhecer Vassíli Síutaiev, pois quando ainda estava em sua propriedade em Samara, depois de sua última ida ao mosteiro Óptina Pústinh, conheceu um etnógrafo de nome Alexander Prugavin, que falou sobre Síutaiev e seus ensinamentos como o amor fraterno e o fim da propriedade privada. Esses assuntos logo despertaram o interesse de Tolstói, e Síutaiev passou a ter grande influência para o escritor nesse período:

> ‘A propriedade é hoje a raiz de todo o mal. Ela causa o sofrimento dos que a possuem e dos que não a possuem. O perigo dum conflito entre os que dispõem do supérfluo e os que vivem na pobreza é inevitável. Todo o mal começa na propriedade’. Enquanto o Estado defender êste [sic] princípio, êle age, tão anticristã quanto anti-socialmente [sic] e – desde que a propriedade representa aos seus olhos uma falta em relação aos outros – não só se torna cúmplice como é mesmo o principal culpado. ‘Os Estados e os governos intrigam e entram em guerra, ora para possuir as margens do Reno ou terras na África, ora na China e os Balcãs; os banqueiros, os comerciantes, os fabricantes e os proprietários rurais não trabalham, não fazem projetos e não se atormentam, a si e aos outros, senão pelo desejo de possuir. Levados pelo mesmo desejo os empregados lutam, enganam, oprimem e sofrem. Nossos tribunais e nossa polícia sustentam a propriedade. Nossas colônias penitenciárias e prisões, todos os erros que chamamos “repressão do crime”, sòmente [sic] existem para proteção da propriedade’ (TOLSTÓI apud ZWEIG, 1967, p.17).

Finalmente, Tolstói retornou às publicações e iniciou um conto intitulado *De que vivem os homens?*, história que seria publicada em revista infantil. Essa obra iniciou seus escritos morais baseados em suas traduções do Evangelho de João, tendo os camponeses como o público-alvo e, por conta disso, seus novos contos e textos foram escritos com linguagem simples.

Em 1882, aos 54 anos, Tolstói publicou um artigo chamado *Sobre o recenseamento em Moscou*, que discorria sobre a pobreza dos moradores de Moscou, em proveito do recenseamento que seria realizado naquele período. Essa era a segunda vez que o escritor se manifestava a favor dos pobres (primeiro, escreveu sobre a condição dos camponeses de Samara que passavam fome, e dessa vez, escrevia sobre os favelados de Moscou). Apelava, em seu texto, para o amor cristão e questionava a preparação daqueles que iriam realizar o recenseamento, pois, para ele, não bastava olhar milhares de pessoas passando fome e anotar os dados, mas se envolver com aqueles irmãos a fim de tirá-los do sofrimento mostrando amor e respeito.

Bartlett (2013) afirma que na década de 1880 Tolstói já se comprometera com o anarquismo, e que por conta disso, recusava-se ao envolvimento com qualquer tipo de instituição e reprovava as ações que angariavam fundos para a caridade, pois defendia o trabalho dos abastados em favor dos pobres, não simplesmente a doação de dinheiro.

Depois de sua crítica, iniciou o processo de escrever sobre religiosidade, começando pela publicação de *Uma confissão*, prefácio de *Crítica da teologia dogmática* (1882), como dito anteriormente. Assim como qualquer outro texto de cunho religioso, *Uma confissão* deveria passar pelo comitê censor religioso que respondia ao Santo Sínodo. Esse, por sua vez, além de proibir a publicação da obra de Tolstói, ordenou que a polícia destruísse todos os exemplares. Entretanto, os russos estavam tão ansiosos com os anúncios dos novos escritos de Tolstói que mesmo proibidas, as obras circulavam entre cidadãos comuns e governantes.

Para isso, um dos meios utilizados era *samizdat*[24], pelo qual circulavam obras proibidas e que, de acordo com Bartlett (2013), o proprietário do principal depósito de obras tinha contato indireto com o ministro de Assuntos Internos, ou seja, o chefe da polícia russa. Tolstói queria que *Uma confissão* fosse a primeira das quatro partes da sua obra religiosa, juntamente com *Crítica da teologia dogmática*; *Junção e tradução dos quatro Evangelhos* e *Em que acredito* (não publicadas à época).

Ao escrever essa última, Tolstói tomou a decisão de se dedicar plenamente à religiosidade e abandonou sua vida familiar. Tal decisão abalou Sófia tão profundamente que ela sucumbiu ao desespero, ao pensar em todos os anos de dedicação ao marido, aos filhos, à casa e às obras.

Depois de um incêndio que atingiu as casas dos camponeses em Iásnaia Poliana, Tolstói deixou para Sófia o cargo de organizar suas propriedades e publicar suas obras. Dividiu sua propriedade em Samara e a distribuiu para os camponeses locais. Foi também nesse período que o escritor começou a defender o pacifismo. Depois de *Uma confissão*, Tolstói passou a ser vigiado, pois era considerado um subversivo.

A década de 1880 foi extremamente importante para Tolstói não só pelos fatos citados, mas principalmente pela chegada de um verdadeiro discípulo em sua vida, Vladímir Tchertkov (1854-1936). Oriundo de família aristocrática, amigo de infância do czar Alexandre III, tinha 29 anos quando conheceu o escritor.

---

[24] O nome *samizdat* foi criado apenas em 1960 na União Soviética e foi utilizado como referência aos processos de edições e divulgações independentes de obras literárias censuradas realizadas nesse período (BASSÍNSKI, 2013, Nota da Tradutora).

Assim, a vida dedicada ao campesinato e à fé foram o elo entre Tchertkov e Tolstói. Logo que se conheceram, começaram a trocar muitas cartas, que no futuro ocupariam cinco volumes da *Obra completa* de Tolstói, obra que o próprio discípulo lançou em 1920. Bassínski (2013) afirma que muitos acreditavam que Tchertkov não era psiquicamente sadio e o próprio Tolstói afirmaria que Tchertkov e Sófia sofriam desse desequilíbrio.

Uma das grandes mudanças trazidas por Tchertkov para a vida de Tolstói foi a criação de uma editora. Assim, o escritor não precisaria se preocupar com as publicações de seus manuscritos. Além disso, seu discípulo iniciou as traduções de suas obras para o inglês a fim de expandir ainda mais os trabalhos do escritor.

Continuando na mesma década, Tolstói escreveu *Em que acredito* (1884), e visando a não ter problemas com a censura, resolveu escrever de forma subjetiva, imprimindo poucas cópias. Porém, como o autor já era perseguido pela censura, 39 das 50 cópias foram confiscadas e mandadas para São Petersburgo, para onde mais outros oito exemplares foram enviados, sendo desviados para as mãos de grandes figuras do governo e da corte. Ainda assim, rapidamente foram feitas cópias clandestinas, *samizdat*, e a obra passou a circular no território russo.

Tchertkov ofereceu a Tolstói a ideia de produzir livros de boa qualidade para as massas assim como ele fazia para os instruídos. Assim, juntamente com Ivan Sitin, outro jovem editor, fecharam um acordo e criaram *Posrédnick*, "O intermediário". Para Bartlett (2013), a nova editora tinha como objetivo publicar livros russos e estrangeiros renomados com ilustrações e pouco custo e para isso, Tchertkov investiu o dinheiro que ganhava da família, que somava mais do que o lucro com os direitos autorais das obras de Tolstói[25].

Para prosseguir com seus planos, Tchertkov ainda abriu uma livraria em Moscou e comprou um depósito para os livros. Além disso, contratou Pável Bíriukov como coeditor, que mais tarde escreveria uma biografia do Tolstói. O primeiro conto publicado pela editora foi *O prisioneiro do Cáucaso* e o responsável pela revisão foi Tchertkov, que passou a ser não apenas o editor, mas conselheiro de Tolstói, chegando a interferir nos escritos e a readaptá-los, sob o consentimento do escritor.

A editora teve excelentes vendas. Bartlett (2013) indica que nos primeiros quatro anos, foram vendidos doze milhões de livros para os leitores da Rússia, que cresciam cada vez mais com os camponeses e operários alfabetizados. Como ídolo dos editores, Tolstói indicava as

[25] Bartlett (2013) afirma que a riqueza de Vladímir Tchertkov era um dos pontos de divergência entre o mestre e o discípulo.

obras a serem publicadas, além de escrever para a editora. Nesse período, escreveu vários contos e publicou outros que havia colocado na *Cartilha*.

Enquanto escrevia para *O intermediário*, Tolstói deixou Sófia como encarregada de supervisionar as próximas edições de sua *Obra completa*. Essa, diferentemente das *Obra completa* lançada após a morte do escritor e que reúnem todos seus escritos: diários, cartas, contos, romances, eram apenas os romances e contos escritos até então, que aumentavam a cada vez que o autor lançava um novo título.

Em 1885, uma notícia que envolvia Tolstói teve grande repercussão na Rússia: um jovem se recusou ao serviço militar, alegando que isso ia contra seus princípios religiosos tolstoianos. Sobre esse assunto, Zweig (1967, p.18) relata a aversão de Tolstói ao serviço militar obrigatório:

> Segundo Tolstói, há, pois, um único e poderoso culpado, responsável por tôda [sic] a injustiça da organização atual, e êste [sic] criminoso é o Estado, cuja criação não teve outra finalidade senão a proteção da propriedade; para isso, estabeleceu seu sistema de violências com numerosas malhas, leis, homens da lei, prisões, juízes, policiais, exércitos. Entretanto, a mais terrível e mais impiedosa falta do Estado é, para Tolstói, o serviço militar obrigatório estabelecido sòmente [sic] em nosso século. Dobrar-se alguém às ordens do Estado, deixar que ponham à força em sua mão, um instrumento para matar um homem completamente desconhecido ao comando de qualquer palavra de ordem acidental – pátria, liberdade, Estado – uma palavra de ordem que, Tolstói não se cansa de repetir, - dissimula um único fim: proteger a propriedade de outrem e elevar, pela violência a idéia [sic] de propriedade ao grau de direito superior e moral.

Ainda na década de 1880, Tolstói teve que enfrentar mais três mortes: a de seu amigo Leonid Úrusov, de seu filho Alexei (aos quatro anos de idade) e da sogra e amiga, aos sessenta anos. Para Bartlett (2013), as mortes eram tema presente na escrita de Tolstói nessa época e os pensamentos suicidas também se manifestaram. Nesse sentido, *A morte de Ivan Ilitch* (1886), *O poder das trevas* (1886) e *A sonata a Kreutzer* (1890) tiveram a morte como tema central. Bartlett (2013) ainda explana sobre o volumoso tratado que ele escreveu sobre a vida e a morte, chamado *Sobre a vida* (1887).

O mais novo filho do casal nasceu no mesmo ano que o primeiro neto, em 1888. Sófia sofreu ainda mais com o parto e Tolstói começou a se envergonhar por não conseguir controlar seus impulsos sexuais, mesmo sabendo que Sófia não queria mais engravidar há anos. Bartlett (2013) afirma que Tolstói utilizava sua escrita para desabafar sobre seu descontrole, mas Sófia, ao passar a limpo os manuscritos, entendia que eram mensagens de críticas a ela.

De igual maneira, Bartlett (2013) relata sobre a mudança de opinião do autor sobre o casamento. Antes, em *Em que acredito* (1885), Tolstói defendia o casamento como algo sagrado e que deveria necessariamente resultar em filhos, mas passou a ver o casamento como algo a ser extinto, o que colaborou para perceber a castidade com outros olhos, como em *A sonata a Kreutzer*. Em contrapartida, Sófia via tudo isso como um manto de hipocrisia que o marido vestia.

A sonata a Kreutzer ainda não havia sido enviada para a editora e Tolstói estava indeciso para onde o enviaria, por conta da censura. Enquanto Tchertkov queria a obra para *O intermediário*, Sófia queria colocá-la na *Obra completa*. Por sua vez, Tolstói queria evitar brigas e ponderou abrir mão dos direitos autorais para acabar, ou pelo menos diminuir, as discussões – e assim o fez, em 1891, aos 63 anos:

> Concedo a todos os interessados o direito de imprimir e publicar gratuitamente na Rússia e no exterior, em língua russa e em traduções, minhas obras que foram escritas a partir do *ano de 1881* e publicadas no décimo segundo volume da obra completa, editada em 1886, e no décimo terceiro volume, editado neste ano de 1891, assim como todas as minhas obras não editadas na Rússia e que podem vir a aparecer a partir de hoje (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p.326, grifo do autor).

Tolstói já pensava nas futuras obras, mas se dedicou também a desaprovar o consumo de carne. Depois de ler *A ética da dieta: uma série de autoridades que condenam a prática do consumo de carne*¸ de Howard Williams quis escrever o prefácio da versão russa e criou *O primeiro degrau*, no qual descreveu sua visita ao abatedouro de Tula, que o fez questionar a prática do consumo de animais. Bartlett (2013) assevera que o escritor decidiu escrever sobre esse assunto logo após *A sonata a Kreutzer*, pois Tolstói acreditava que o consumo de carne resultava no desejo sexual; logo, ligou os assuntos tratados nessas obras.

No início da década de 1890, a Rússia passou por uma grave crise de fome, e mais uma vez Tolstói se dispôs a ajudar. A falta de medidas por parte do governo fez com que a atitude de Tolstói se destacasse e, por isso, o povo russo colocou-o como alguém maior, com mais caráter e com maior eficácia que o czar.

Tolstói então visitou os camponeses a fim de ver suas situações e escreveu *Sobre a fome*, oportunidade em que criticou as classes instruídas de auxiliarem os pobres e famintos somente num momento de extrema necessidade. Mais uma vez, o texto foi proibido de ser publicado. Quando o jornal *Moskóvskie Védomosti*, “Notícias de Moscou”, publicou parte da tradução

inglesa de *Sobre a fome*, foram publicadas também acusações como: “As cartas de Tolstói [...] são um apelo aberto a derrubar todo o regime econômico e social existente no mundo inteiro. A propaganda do conde é a propaganda do mais extremo, do mais desenfreado socialismo, perante a qual até a nossa propaganda clandestina empalidece” (BASSÍNSKI, 2013, p.360). Foi nesse episódio que Alexandre III recusou uma retaliação contra o escritor para não o transformar em mártir para o povo, mas esperava uma retratação dele, principalmente pelo fato de o escritor ter entregue seu trabalho aos ingleses, inimigos da Rússia nesse período.

Tolstói foi juntamente com as duas filhas mais velhas fazer e distribuir sopões comunitários e registrar as condições dos camponeses em Kazan. O filho Liev tentou fazer o mesmo em Samara, mas adoeceu por consequência das precárias condições de suprimento da região. Sófia teve que cuidar dos filhos mais novos, mas publicou um pedido de ajuda na *Gazeta Russa* e seu pedido passou pelo restante da Europa e atravessou o Atlântico, chegando até os Estados Unidos. A matriarca também coordenava as doações: alimentos, roupas de cama e afins.

Meses mais tarde, Tolstói escreveria outro artigo, intitulado *Uma pergunta terrível*, que se resumia como: a Rússia é capaz de alimentar seu povo? Logo, no final do ano 1891, existiam 70 cozinhas comunitárias que alimentavam cerca de 4000 camponeses. Publicou novamente: *Maneiras de ajudar a população que sofre por conta da colheita malograda.* Esse último artigo deu ao escritor a posição de “czar espiritual” dada por seu amigo Nikolai Grot e de “Júpiter” por Tcherkhov, mas trouxe, em igual intensidade, muitos problemas, uma vez que ao contatar colegas de outros países para traduzirem e publicarem esse artigo nos respectivos territórios, Tolstói acabou sendo vítima da distorção do seu discurso:

> Como Tolstói esperava, alguns trechos foram então retraduzidos para o russo pela imprensa de seu país, mas suas palavras acabaram sendo distorcidas por publicação de direita e imediatamente condenadas pelos jornalistas mais reacionários como propaganda revolucionária da pior espécie. Tolstói foi rotulado como o Anticristo, alguém que estava incitando os camponeses à revolta (BARTLETT, 2013, p. 421).

O trabalho que o escritor estava realizando com os camponeses não cessou e cada vez mais pessoas se voluntariavam. Por fim, o trabalho durou até metade de 1892, mas mesmo depois desse marco temporal, Tolstói continuou visitando os camponeses, reabriu algumas escolas e retomou seu trabalho literário. Nesse ínterim, o escritor iniciaria seu trabalho de propagar a não violência. Sobre esse tema, ele escreveu *O reino de Deus está em vós* (1893), do qual Bartlett (2013) traz a informação de que, até a última versão da obra, Tolstói havia

escrito mais de treze mil páginas (as quais, segundo a mesma autora, somavam quase a mesma quantidade dos manuscritos de *Guerra e Paz, Anna Kariênina* e *Ressurreição* (1899) juntos). Para o prestígio dessa obra, constava como um de seus principais leitores o também adepto ao pacifismo, Mahatma Gandhi.

Na década de 1880, como citado anteriormente, Tolstói já possuía alguns seguidores, porém conforme escrevia sobre religiosidade, teve mais adeptos à sua ideologia. Várias pessoas, entre russos e estrangeiros, começaram a visitá-lo não apenas por se tratar de uma celebridade, mas por considerá-lo um apóstolo. Com isso, Tolstói passou a enfrentar o governo, defendendo seus seguidores, que eram perseguidos e exilados. Assim, já se planejavam resistências, o que tornava o escritor ainda mais conhecido por ter sido anatematizado da Igreja Ortodoxa Russa.

Isso resultou numa organização tolstoísta, sobre a qual o próprio Tolstói se posicionava contrariamente – já que se opunha a qualquer tipo de organização. Ainda assim, não pôde conter o fanatismo dos seus seguidores. Bartlett (2013) explana um pouco sobre o impacto do tolstoísmo na Rússia:

> [...] o procurador chefe do Santo-Sínodo, Konstantin Pobedonóstsev, escreveu a Alexandre III para alertá-lo dos perigos do impacto do tolstoísmo no campesinato em uma área em que já havia inquietação. Dos seis mil paroquianos do distrito de Khílkov, ele afirmou, agora apenas cinco velhinhas estavam frequentando a igreja, e um número cada vez maior de homens se recusava a se alistar no exército. As autoridades agiram rápido. Em janeiro de 1892, Khílkov foi mandado para o exílio no Cáucaso, [...]. Tolstói escreveu uma carta de protesto a Alexandre III, e a esposa de Khílkov viajou a São Petersburgo para suplicar pessoalmente ao tsar, mas em vão, apesar do clamor público (BARTLETT, 2013, p.437).

Mais tarde, escreveu *Senhor e servo* (1895), que pretendia publicar gratuitamente na revista *Mensageiros do Norte*, mas foi veementemente repreendido por sua esposa, que tentou suicídio quando soube que o marido não ia confiar sua nova obra às suas edições. Com isso, a obra foi publicada na revista, na *Obra completa* e no *O intermediário*.

Sófia passou a ter ciúmes de Tchertkov. Além de mandar inúmeras cartas ao devoto seguidor, Tolstói passava muito mais tempo com ele do que com a esposa e os filhos, o que a fez considerar que Tolstói mantinha uma relação homossexual com Tchertkov. Bartlett (2013, p.447) indica que apesar de não ser comprovado, a acusação faz jus à obsessão de Tchertkov em Tolstói e ao teor de "adolescente apaixonado" de algumas cartas: "Todo dia aguardo sua carta, sonho com você e penso em você constantemente. O que há com você? Por que não

escreve uma palavra sequer?... Fico tentando lembrar se o magoei com alguma coisa, mas não consigo adivinhar com o quê'" (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p.358).

Portanto, fica claro que a relação entre Tolstói e Tchertkov era muito íntima, e Bassínski (2013) relata que o discípulo do escritor se empenhava, em suas cartas a Tolstói, a criticar Sófia, mesmo que indiretamente, como fez em 1887, quando explanou para o escritor sobre sua felicidade no casamento e lamentava que as pessoas não tinham a mesma comunicação espiritual com suas esposas. De igual maneira, sugeriu ao escritor que deixasse seu filho mais velho como responsável pelos seus escritos, pois acreditava importante ter um familiar responsável cuidando desse assunto, o que demonstrava clara crítica à Sófia. Em culminância de seus comentários, chegou a pedir para Tolstói abandonar a família, em 1885.

Em 1896, os seguidores de Tolstói foram presos e exilados, e o escritor ficou sob vigilância do governo russo. Nesse período, Tchertkov foi exilado na Inglaterra e dedicou-se à publicação das obras outrora proibidas na Rússia, além de textos escritos autorais de tolstoístas (como ele e outros seguidores).

Em 1898, Tolstói completou setenta anos e publicou *O que é arte?*, obra iniciada em 1881, quando Mária começou a estudar artes. Nessa ocasião, foram proibidas homenagens ao escritor[26], mas Tolstói recebeu muitas cartas e as vitrines das grandes cidades estamparam seu rosto no dia de seu aniversário, 28 de agosto do calendário juliano (9 de setembro no calendário gregoriano). Por várias vezes Tolstói foi indicado ao Prêmio Nobel e em 1909 foi convidado a discursar no Congresso da Paz de Estocolmo (BARTLETT, 2013).

No final da década de 1890, a Igreja Ortodoxa Russa, ao saber que Tolstói havia adoecido, quis adiantar sua morte, proibindo orações pós-morte ao escritor. Entretanto, Tolstói se recuperou e continuou com seus ideais religiosos contra a ortodoxia, e a Igreja fez o pedido de excomunhão. Sobre esse fato, Bassínski (2013) assinala que há uma suposição de que Pobedonóstsev, procurador-geral do Santíssimo Sínodo, fora o responsável pelo ato, o que se deve à vingança contra o personagem Tópov, de *Ressurreição*, no qual foi reconhecido. A excomunhão aconteceu em 1901.

O mesmo autor ainda relata que o Santo Sínodo não queria excomungar Tolstói, pois isso aumentaria sua fama. Sua intenção, entretanto, era afastá-lo da Igreja Ortodoxa. Assim, não contente com a excomunhão do escritor, o Santo Sínodo investiu em cartas ofensivas e com ameaças de morte direcionadas a Tolstói. Aconteceu, então, o oposto do esperado: o povo ovacionou ainda mais o escritor por ter sido excomungado da Igreja.

---

[26] Segundo Bartlett (2013), no aniversário de oitenta anos do escritor, a Igreja Ortodoxa Russa convocou os fiéis a não celebrarem a data.

Quando Tolstói ficou novamente doente em 1902, o Santo Sínodo também ficou novamente em alerta, agora em conjunto com o Ministério de Assuntos Internos e com o Comitê de Censura. O Ministério de Assuntos Internos decidiu deixar um padre a postos, em frente à casa do escritor, a fim de anotar uma retratação antes da morte e o Comitê de Censura proibiu a publicação de fotografias de Tolstói, que só foram permitidas após sua morte.

Novamente, Tolstói se recuperou e continuou escrevendo sobre a Igreja Ortodoxa, publicando *Apelo ao clero* (1902), no qual afirmou que o sacerdócio pregava ensinamentos em que não acreditavam apenas para receberem seus salários.

Em 1904, em meio ao tumulto que a Rússia passava por conta das revoltas e greves, Nicolau II entrou em guerra contra o Japão – o que, além de trazer desastrosas consequências para o povo russo, fez ressurgir os sentimentos patrióticos com os quais Tolstói havia travado embate. Tolstói escreveu *Reflitam sobre isso*¸ artigo de jornal, oportunidade em que novamente discorreu sobre a incongruência entre o pacifismo cristão e budista e as formas de violência, como a guerra.

Nesse mesmo ano, Tchertkov enviou um "questionário" a Tolstói para que ele respondesse claramente quem herdaria seus escritos. Bassínski (2013, p. 397) apresenta o documento na íntegra:

> 1. O senhor deseja que sua declaração publicada em 16 de setembro de 1891 continue em vigor atualmente e após sua morte?
> *Desejo que todas as minhas obras escritas a partir de 1881 e as publicadas posteriormente à minha morte não sejam propriedade particular de ninguém e possam ser reeditadas e publicadas por todos que desejarem.*
> 2. A quem o senhor deseja conceder o direito de solução final das questões ligadas à revisão e à edição de suas últimas obras, caso não haja unanimidade por algum motivo?
> *Creio que minha esposa e V. G. Tchertkov, a quem incumbi de selecionar meus manuscritos póstumos, chegarão a um acordo sobre o que e de que forma eles devem ser conservados e editados, e o que pode ser jogado fora.*
> 3. O senhor deseja que, após sua morte, continuem em vigor os poderes dados a mim pelo senhor por escrito como seu único representante no exterior, caso eu sobreviva ao senhor?
> *Desejo que, mesmo após minha morte, unicamente V. G. Tchertkov administre a edição e a tradução de minhas obras no exterior.*
> 4. O senhor concede a mim, após sua morte, a administração das edições a meu pleno critério, durante minha vida, e a transferência à pessoa de minha confiança, após minha morte, de todos os manuscritos que eu receber do senhor antes de sua morte?
> *Concedo à disposição de V. G. Tchertkov todos os meus manuscritos e papéis que estão em sua posse. Em caso de morte dele, creio que seja melhor entregar esses papéis e manuscritos à minha esposa ou a alguma instituição russa, como a biblioteca pública ou a academia.*

> 5. O senhor deseja que eu tenha a possibilidade de examinar todos os seus originais, sem exceção, que após sua morte estarão com Sófia Andrêievna ou seus familiares?
> *Gostaria muito que V. G. Tchertkov examine todos os manuscritos que houver após minha morte e copie o que achar necessário para editar.*

Portanto, segundo tal documento, Tchertkov seria o único herdeiro dos escritos pós-1881 de Tolstói, bem como administrador e redator-chefe. Sófia passou a ser uma ajudante. Depois de escrever as respostas, Tolstói as enviou juntamente com uma carta, dizendo a Tchertkov o quão errado ele se sentiu escrevendo esse testamento escondido da família: "Não sei como, mas sinto-me *forçado a participar* de algo hostil, de algum ato que pode causar mal. Respondi às perguntas e as envio. Mas, se você me escrever dizendo que as rasgou ou queimou, será muito agradável para mim" (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p. 399, grifo do autor).

No ano seguinte, depois de outra desastrosa decisão do czar em massacrar o povo russo no "Domingo Sangrento", aumentaram as revoltas contra o governo. Assim, Tolstói publicou *Apelo ao povo russo*, no qual condenou a atitude do czar e a dos revoltosos, posteriormente.

Em 1907, Tchertkov contratou Nikolai Gusev como secretário de Tolstói para ajudá-lo com a correspondência, mas em apenas um mês de trabalho, ele foi preso, acusado de disseminar propaganda revolucionária (já que o governo acreditava que o autor dos panfletos anticzaristas era Tolstói). De igual maneira, foi retomada a perseguição contra os seguidores tolstoístas.

No ano seguinte, Tolstói, doente, apresentou grande dificuldade para andar. Acreditando na morte próxima, escreveu pedindo para que seus herdeiros fizessem com que suas obras ficassem em domínio público, principalmente as *Cartilhas* e os *Livros de leitura*. Também pediu que fosse enterrado no mais simples dos caixões e que se não fizesse nenhum tipo de ritual durante o enterro. Por último, pediu para ser enterrado junto com a vareta verde que seu irmão Nikolai havia dito estar escrito a receita para a felicidade. Escreveu também seu testamento, no qual concedia as obras escritas a partir de 1881 para domínio público e seus manuscritos para Tchertkov:

> Declaro meu desejo de que todas as minhas obras literárias e escritos de todo o gênero já publicados, manuscritos ou impressos a partir de 1º de janeiro de 1881, assim como tudo escrito por mim e ainda não publicado até esta data, não sejam propriedade de ninguém após minha morte e possam ser reeditados sem indenização por qualquer pessoa que queira fazer isso. Desejo que todos os manuscritos e papéis meus que houver após minha morte sejam entregues a Vladímir Grigórievitch Tchertkov para que ele os administre, assim como já os administra agora, para que todos os meus escritos sejam acessíveis a todos

> que desejem usá-los para edição. Peço também a Vladímir Grigórievitch Tchertkov que nomeie a pessoa ou as pessoas a quem passar esse encargo em caso de sua morte.
>
> Lev Nikoláievitch Tolstói.
>
> Krékchino, 18 de setembro de 1909.
>
> Presenciaram a assinatura do presente testamento e certificaram que, durante sua redação Lev Nikoláievitch Tolstói estava em sã consciência e boa memória:
>
> *Aleksandr Goldenweiser, artista independente. Aleksei Petróvitch Serguêienko, pequeno-burguês. Aleksandr Vassílievitch Kalatchev, pequeno-bruguês.*
>
> O presente testamento foi copiado por Aleksandra Tolstaia (BASSÍNSKI, 2013, p.415).

Em 28 de outubro (9 de novembro) de 1910, acompanhado pelo médico Makovítski (logo após, sua filha Aleksandra os alcançaria), Tolstói fugiu, levando uma trouxa de roupa rumo ao Mosteiro de Óptina Pústinh e deixou uma carta para a esposa, na qual pedia para não o procurar. O mosteiro foi o primeiro destino, mas o ponto de chegada o escritor ainda não tinha decidido. Bassínski (2013) declara que, apesar de lúcido, Tolstói estava doente em seus 82 anos: sofria com desmaios, perda de memória, arritmia cardíaca, dilatação de veias nas pernas, convulsões agônicas e mãos trêmulas. Mesmo assim, ele não desistiu de sua fuga.

Depois de pegarem a primeira estação de trem, Schékino, chegaram a Gorbatchevo, tomaram o trem de carga “Sukhínitchi-Kozelsk”, onde ficaram num vagão lotado com fumantes e, por conta disso, foram para a plataforma dianteira. Naquele local, ventava muito, o que, de acordo com Bassínski (2013) contribuiu para a pneumonia de Tolstói.

Foi o secretário de Tchertkov, Aleksei Serguêienko, quem descreveu os acontecimentos de Iásnaia Poliana ao escritor após sua fuga. Um deles foi a tentativa de suicídio de Sófia, que se jogou no açude, mas foi socorrida a tempo. No mesmo dia, porém, ela tentou afogar-se novamente, mas Bulgákov (1886-1966), secretário de Tolstói, alcançou-a.

Depois de Gorbatchevo, pegaram um trem com destino ao sul do Cáucaso, porém Tolstói adoeceu e desceu em Astápovo (vilarejo que, atualmente, possui o mesmo nome do escritor). Sua filha logo chamou Tchertkov, que chegou com dois secretários. O jornalista Konstantin Orlov, que seguia Tolstói desde a cidade de Kozelsk, avisou Sófia e os filhos sobre o paradeiro e adoecimento de Tolstói por meio de um telegrama do dia 2 de novembro (14 de novembro). Dois dias depois, ali chegaram Sófia, Serguei, Tatiana, Andrei e Mikhail.

Depois que Tolstói fugiu de Iásnaia Poliana, Sófia tentou se reconciliar com Tchertkov com a ajuda do secretário do marido, Bulgákov, enviado pelo próprio Tchertkov à casa da família Tolstói. Porém, Bulgávok afirma que num primeiro momento, o discípulo aceitou o

pedido de reconciliação, mas depois mudou de ideia, afirmando que não adiantaria sua presença para que Sófia se humilhasse e pedisse desculpas apenas para que ele enviasse um telegrama para o escritor. Além disso, Tchertkov era quem tomava providências para que nem Sófia nem os filhos encontrasse Tolstói.

Bassínski (2013) explana que Serguei, o filho mais velho, quase não conseguiu ver o pai por conta dos telegramas contraditórios assinados no nome de Aleksandra: ora pedia para que Serguei fosse visitar o pai, ora dizia para ele não ir. Sófia, assim que ficou sabendo da localização e da doença do marido, viajou até a estação, mas foi impedida de vê-lo.

Depois de três dias, policiais chegaram. No dia 7 de novembro (19 de novembro), Tolstói faleceu na estação ferroviária. Sófia só teve permissão para ver o marido depois que ele já havia falecido. Em uma nota, Górki (2006, p.74) alerta:

> No 4º livro do Arquivo Vermelho foi publicado um artigo profundo e interessante – 'Os últimos dias de Liev Tolstói'. Entre outras coisas, é citado um relatório do general da gendarmaria Lvov e eis o que lemos nele:
> "Nas conversas com o capitão da cavalaria Savítski, Andrei Tolstói disse que o isolamento de Tolstói da família e, em especial, de sua mulher, foi precisamente o resultado da influência de Tchertkov, exercida sobre os médicos e a filha Aleksandra."
> E mais adiante:
> "Por algumas frases poder-se-ia concluir que à família Tolstói não era permitido visitar o enfermo sem um aviso prévio, porque não tinham nenhuma relação com o estado de sua saúde".

O governo tomou providências para que o corpo do escritor fosse enterrado logo, a fim de evitar grandes peregrinações da população. Mesmo que muitos russos não pudessem fazer a viagem, o corpo de Tolstói foi recebido do lado de fora do quarto por cerca de três mil pessoas. O quarto fúnebre foi enfeitado com flores e havia coroas e mensagens como: "*Ao Apóstolo do Amor"; "Ao grande vovô das pequenas admiradoras"; "Lev Nikoláievitch! A memória de sua bondade não morrerá entre nós, os camponeses de Iássnaia Poliana que ficamos órfãos"*. Bassínski (2013, p.472) revela que essa última mensagem foi escrita pelos próprios camponeses. A multidão acompanhou a família na viagem da estação de trem até Iásnaia Poliana. Antes de ser enterrado, o corpo foi velado em casa e, na indicação de Bartlett (2013), cerca de cinco mil pessoas prestaram suas últimas homenagens.

O enterro de Tolstói foi feito em 9 de novembro (21 de novembro) de 1910 às 15 horas. Como bem lembra Bartlett (2013), foi o primeiro enterro público sem culto religioso realizado na Rússia, evento que reuniu camponeses, aristocratas, operários e intelectuais. Tolstói foi

enterrado no mesmo local onde estava enterrado o graveto verde, em que seu irmão Nikolai afirmava estar inscrito o segredo da felicidade humana.

Nessa ocasião, as únicas palavras ditas foram as explicações do enterro simples que o próprio escritor pedira. Depois de proferidas as palavras, as pessoas se ajoelharam enquanto a urna descia ao sepulcro. Mesmo depois de sepultado, o corpo de Tolstói continuou sendo visitado e Iásnaia Poliana passou a ser local de peregrinação.

Bartlett (2013) assevera que na Rússia e em outros países, Tolstói foi relacionado aos bolcheviques por conta de seus escritos contra as atitudes dos czares com relação ao povo russo, bem como contra a Igreja Ortodoxa Russa, ou seja, sua reação contra o governo, segundo a autora, encabeçaram as manifestações bolcheviques. Ela cita um artigo de Aylmer Maude, biógrafa e tradutora de Tolstói, publicado nos Estados Unidos, no qual Maude coloca Tolstói na posição de "patriarca da família bolchevique" (MAUD *apud* BARTLETT, 2013, p.522).

Bartlett (2013) ainda traz a informação de que Lênin colocou a reunião das obras de Tolstói como questão de Estado, e a recém-criada Sociedade para o Estudo e Disseminação das Obras de L.N. Tolstói (presidida por Aleksandra, filha do escritor), bem como Tchertkov, como editor, estavam trabalhando separadamente na *Obra completa*. Nesse período, Tolstói, segundo o *Bibliotecário vermelho*, periódico bolchevique, foi o escritor mais lido do país e o escritor pré-revolucionário a continuar com a mesma popularidade anterior à Revolução. Zweig (1967, p. 25) continua:

> [...] nenhum dos revolucionários russos do século XIX franqueou tanto o caminho a Lênine e a Trotsky quando êste [sic] conde anti-revolucionário [sic], que foi o primeiro a se opor ao Czar e que, perseguido pela excomunhão do Santo Sínodo, deixou a Igreja, que destruía com veemência tôda [sic] a autoridade existente e sugeria a igualdade social como condição preliminar de nova e melhor organização do mundo.

Na contemporaneidade, há seis museus na Rússia dedicados a Liev Tolstói, sendo um em Iásnaia Poliana, na província de Tula, um em Liev Tolstói (Astápovo), outro em Zheleznovodsk e três em Moscou.

Com este capítulo é possível compreendermos as fases e acontecimentos históricos que o escritor passou e escreveu cada obra e assim, entendermos, eficazmente seus ideais expressos em suas obras, as quais trabalharemos a seguir.

4 A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DE TOLSTÓI

Antes mesmo de compreender e interpretar os escritos de Liev Tolstói, é necessário refletir acerca da relação entre História e Literatura, já que este trabalho utiliza das obras literárias do escritor e as estuda de forma integral, ou seja, seguindo a ideia de Volóchinov/Bakhtin (2017). Portanto, entende-se que é preciso conhecer o contexto histórico do país, no momento em que as obras foram escritas, a fim de que os leitores possam reconhecer os valores, a cultura, os sentimentos que rondavam as pessoas naquele momento, bem como a vida do escritor, para que seja possível reconhecer o horizonte social e o discurso alheio com quem dialoga, tornando-se possível a compreensão da obra.

O questionamento que prevalece quando o assunto é utilizar obras literárias para compreender um dado período é: seria possível usar a literatura para análise dos fatos? Tal questionamento surge porque o sujeito historiador, ao se deparar com seu objeto de pesquisa e produzir seu relato, o faz baseado em seus conhecimentos passados acerca do assunto, segundo suas interpretações, e acaba por selecionar o que para ele é importante e descartar o que para ele é irrelevante. Dessa forma, mesmo que se tente apresentar sem viés os fatos de certa época, o historiador ainda assim imprime, em sua escrita, suas interpretações pessoais. A partir do que se produziu, outros estudiosos tecerão seus comentários e, em consequência, dão continuidade à interpretação do historiador acerca daquele fato, dando continuidade aos trabalhos a partir dali.

Outro aspecto a ser considerado é a necessidade de se refletir acerca das fontes que o autor utiliza para a construção de suas obras literárias. Esse movimento engloba o estudo do autor sobre sua nova escrita, os personagens que estarão presentes, o local onde viverão, suas ocupações e personalidades, dentre outros aspectos pertinentes à construção literária. Com este processo de construção de personagens, é possível perceber que a Literatura inspira-se na História para apresentar seus feitos, o que acaba por trazer, ao público, a possibilidade de conhecer a interpretação do autor sobre a história do local escolhido para a obra a partir do que ali foi escrito.

Nesse sentido, Pesavento (2003) afirma que História e Literatura possuem formas distintas, porém próximas, de narrar a realidade e atribuir-lhe sentidos; nessa interface, a principal diferença reside no objetivo que cada abordagem possui quando lida com a veracidade dos fatos. Sob tal perspectiva, o historiador, diferente do autor literário, não cria os fatos; fica à mercê de um episódio, e o que cria é sua versão dos acontecimentos, sua interpretação. Assim,

caso sejam pesquisados dados históricos como nomes e datas, a literatura não será a melhor opção. Em contrapartida, a literatura passa a ser uma aliada caso sejam buscados os valores e sentimentos que eram comuns na época analisada. Portanto, dependendo do objetivo do trabalho, as obras literárias podem ser utilizadas para estudar história, e vice-versa.

Uma breve ilustração dessa relação está na obra do historiador Carlo Ginzburg, quando estudava a bruxaria. Ginzburg optou não por investigá-la por meio do óbvio, mas nas entrelinhas, utilizando-se, para isso, do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Ou seja, o referido autor observou pequenos indícios, detalhes que, para outros estudiosos, seriam dispensáveis. Assim, ele explica a importância desse método ao citar Giovanni Morelli, historiador da arte, que diferenciava obras de arte falsas e originais não pela parte principal retratada, mas pelos detalhes, como o formato empregado para retratar orelhas e unhas. Ginzburg (1989) também cita Sherlock Holmes, que, para cumprir sua função de detetive, empregava o método morelliano de olhar para os detalhes na resolução de seus casos.

De igual maneira, o mesmo autor cita duas situações médicas para o emprego do método morelliano: Freud, que teve contato com o referido método antes mesmo de estabelecer os pilares da psicanálise, bem como o próprio trabalho dos médicos, que podem utilizar os sintomas para descobrir a doença, olhando detalhes para, assim, detectarem a patologia. Em suas palavras, "Nos três casos, pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)" (GINZBURG, 1989, p. 150).

Portanto, considerando-se a técnica de Ginzburg (1989), os dois pontos de vista – estudar o período histórico e analisar a representação artística/literária dos acontecimentos no determinado período – são válidos.

Assim, o presente capítulo tem como objetivo apresentar a concepção de educação do escritor Liev Tolstói por meio de suas obras, e dividimos em três os tipos de educação descritas nelas: educação geral, educação aristocrática (a qual Tolstói recebeu em casa, por meio de tutores) e educação moral (sua nova proposta de educação).

Para tanto, tendo em vista que Tolstói possui vasta lista de obras – suas *Obras completas* totalizam 90 volumes, dentre os quais incluem-se romances, contos, cartas, diários, como já afirmado no capítulo 2 – foram selecionadas, para este capítulo, algumas obras de suas principais fases como escritor. Conforme já explicitado, as fases de Tolstói são: juventude, maturidade e fase mística. Em linhas gerais, suas características são, respectivamente: I. de 1852 (ano de publicação de *Infância*¸ sua primeira obra) a 1863 (ano em que iniciou a escrita

de *Guerra e Paz* (1863-1869); II. de 1863 (início da escrita de *Guerra e Paz*) a 1877 (fim da escrita de *Anna Kariênina*); III. de 1880 a 1890, década de escritas e publicações intensas, com questionamentos morais e religiosos.

Da fase Juventude, escolhemos 17 obras, que foram: *Infância* (1852); *A incursão* (1853); *Adolescência* (1854); *Memórias de um marcador de pontos de bilhar* (1855); *A derrubada da floresta* (1855); *Sebastopol no mês de dezembro* (1855); *Sebastopol em maio* (1855); *Sebastopol em agosto de 1855* (1855); *A nevasca* (1856); *Dois hussardos* (1856); *Das memórias do Cáucaso* (1856); *Manhã de um senhor de terras* (1856); *Das memórias do príncipe D. Nikhliúdov* (1857); *Juventude* (1857); *Albert* (1858); *Três mortes* (1859); *Polikhchka* (1863).

Por sua vez, da fase Maturidade, selecionamos a grande obra *Anna Kariênina* (1873-1877), e de seu período Místico, selecionamos seis obras da década de 1880, incluindo uma compilação de contos: *Os três filhos* (1881); *Uma confissão* (1882); *Kholstomier* (1885); *A morte de Ivan Ilitch* (1886); *A sonata a Kreutzer* (1890) e *Contos populares* [década de 1880][27], coletânea que inclui: *Do que vivem os homens?*; *Os dois irmãos e o ouro*; *Iliás*; *Onde está o amor, está Deus*; *Fogo aceso não se apaga*; *O Diabo insiste, mas Deus resiste*; *Meninas são mais inteligentes do que velhos*; *Um grão do tamanho de um ovo de galinha*; *De quanta terra precisa um homem*; *O pecador arrependido*; *Dois velhos*; *Os três eremitas*; *A velhinha*; *Conto sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo, e sobre a irmã muda Malánia, o Diabo Velho e os três capetinhas*; *Como um capetinha resgatou um pedaço de pão*; *O afilhado*; *O trabalhador Emelian e o tambor vazio*.

4.1 EDUCAÇÃO GERAL

No âmbito desta pesquisa, o termo Educação geral é relativo à educação em instituições de ensino. Salienta-se que tanto para os camponeses e trabalhadores simples (que não possuíam educação garantida), quanto para a aristocracia russa (que educava seus filhos em casa por meio de tutores e professores particulares) frequentar a escola não era uma atividade comum.

[27] Título atribuído pela editora Cosac&Naify para este grupo de contos, encontrado no vol. II da trilogia *Contos Completos*, tradução de Rubens Figueiredo.

Ainda assim, havia colégios, instituições de educação para mulheres e a universidade. Essa última, como veremos nas obras analisadas, não era exclusiva a aristocratas e alta sociedade: os alunos colegiais também prestavam as provas e, como nem todos eram aristocratas, podemos concluir que a universidade também recebia esses estudantes.

Em *Anna Kariênina*, o personagem irmão de Anna Kariênina, Stiepan Arcáditch Oblónski, além de ter frequentado a escola, também fala alemão e francês. Esses conhecimentos podem indicar duas possibilidades: em primeira hipótese, mesmo que o filho frequentasse uma instituição de ensino, a família não deixara de educá-lo com tutores e/ou professores particulares; em segunda alternativa, que essas línguas faziam parte do currículo escolar.

Quando recorre-se a Bartlett (2013) para se entender a biografia de Tolstói, sabe-se que o escritor teve de prestar vários exames para ser admitido na universidade. Dentre os itens que compunham as provas, havia, por exemplo, francês, inglês, alemão, árabe, turco, matemática, lógica, literatura russa e estudos religiosos (nas quais o escritor teve bom desempenho). Além dessas, prestou novos testes e não obteve bom rendimento em latim, estatística, geografia e história. A partir disso, sabe-se que a educação dos colégios poderia ser equiparada à educação aristocrática, pois os alunos dos colégios e os aristocratas estudavam para se preparar para a universidade.

Ao retornarmos a *Anna Kariênina*, há um trecho que relata o rendimento do irmão de Anna na escola. Como Stiepan, preguiçoso e travesso, era um dos últimos alunos da turma, entende-se que vigorava o sistema de notas (TOLSTÓI, 2013, p.29). Noutra passagem, no capítulo VI da sexta parte, Konstantin Dmítrich Liévin dispõe-se para ensinar, nas férias de verão, latim e aritmética a Gricha, filho de Dária e Stiepan, pois o menino tinha tarefas pendentes do liceu. Entretanto, Dária pediu que Liévin seguisse o livro – assim como os professores de Gricha faziam – e, contrariado, ele cumpriu o pedido da mãe. Nesse trecho, Konstantin mostra-se decepcionado com Stiepan por deixar ao encargo da mãe a educação dos filhos (quem, em sua concepção, nada entendia de educação).

Outro fato interessante é ver que o latim era uma das matérias do liceu, bem como uma das matérias cobradas para o ingresso à universidade. De igual maneira, é possível entender que as famílias – pelo menos a maioria das descritas nas obras de Tolstói –, acompanhavam a educação dos filhos: Liévin e seus dois irmãos frequentaram a universidade.

Novamente, o personagem Stiepan, quando faz uma comparação entre a vida em Moscou e em São Petersburgo, argumenta a favor da última – citando, para isso, as instituições de ensino. Em sua ótica, São Petersburgo era o lugar onde os pensamentos que lhe consumiam

cessavam, e onde era mais comum mandar os filhos para colégios internos (pelo menos de acordo com a sociedade que frequentava):

> Os filhos? Em Petersburgo, os filhos não atrapalhavam a vida dos pais. Os filhos eram educados em colégios internos e não existia aquela ideia bárbara, tão difundida em Moscou – por exemplo, o caso de Lvov –, de que todo o luxo da vida cabia aos filhos, enquanto aos pais competiam apenas o trabalho e as preocupações. Aqui, compreendiam que um homem tinha a obrigação de viver para si, como deve viver um homem educado (TOLSTÓI, 2013, p.713).

Também Kariênin opta por colocar o filho em um colégio. Após a decisão de Anna (de morar com Vrónski), ele passa a ser o responsável pela educação de Serguei; assim, afirma ter colocado o filho na escola a pedido médico, pois, com a despedida da mãe, Serioja[28] ficara muito doente. Para combater o mal, o filho teve de seguir um tratamento, que incluía banhos de mar em um país mais quente no verão e, ao retornar à Rússia, ser enviado à escola para fazer amizades e se distrair com outras pessoas. Afirma-se, no trecho do livro, que em sua escola eram entregues os boletins com as notas e, mesmo frequentando o colégio, ainda assim possuía um preceptor eslavo. Mesmo depois de estudar com o tutor, o menino também contava com o pai para lhe educar nos estudos do Evangelho e do Velho Testamento:

> Passara um ano desde que Serioja vira a mãe pela última vez. Desde então, nunca mais ouvira falar a seu respeito. E, nesse mesmo ano, ele foi enviado à escola, conheceu os colegas e criou afeição por eles. Os sonhos e as recordações a respeito da mãe, que após a sua despedida o deixaram doente, agora já não ocupavam seu pensamento. Quando surgiam, ele os rechaçava com rigor, julgando-os vergonhosos e próprios de meninas apenas, mas não de um menino e de um estudante. Sabia que entre o pai e a mãe havia um desentendimento que os separara, sabia que coubera a ele ficar com o pai e tentava habituar-se a essa ideia (TOLSTÓI, 2013, p.711).

No caso em questão, a escola foi escolhida não pela educação, mas pelo benefício proporcionado pelos relacionamentos que Serioja poderia ter, a fim de curar-se do que sentia a respeito da ausência materna. Mesmo assim, em nenhum momento Kariênin expressa descontentamento ao fazer essa opção, pois essa alternativa não era comum entre famílias aristocráticas.

---

[28] Apelido de Serguei.

Com relação à educação das mulheres, no capítulo X da quarta parte de *Anna Kariênina*, Stiepan, Dária, Kariênin, Pietsov, Serguei Ivánovitch e outros conversam especificamente sobre esse tema. Pietsov, na discussão, afirma que o governo, apesar de considerar a educação das mulheres como algo nocivo, criou cursos e universidades para elas. Kariênin responde que tal questão é considerada nociva apenas porque é confundida com a emancipação das mulheres; entretanto, para Pietsvo, essas seriam coisas indissociáveis. Kitty, que escutava o debate, pensou várias vezes sobre a educação das mulheres e o que seria dela caso não se casasse. No capítulo, como um todo, há grande discussão acerca dos direitos das mulheres; de igual maneira, dois capítulos após, discorre-se não somente a respeito da educação das mulheres, mas da capacidade feminina para assumir cargos públicos, além de seus direitos no casamento e outros assuntos referentes aos seus direitos, em geral.

Em outro momento da obra, Anna está em seu escritório relembrando a briga que travara com Vrónski no dia anterior. Em seus pensamentos, recorda que tudo começara quando Vrónski zombou da existência dos liceus para mulheres; além disso, ele também havia desdenhado da educação para as mulheres, de maneira geral, ao afirmar que Hanna, a preceptora de sua filha com Anna, não precisava de conhecimentos de física para exercer sua profissão. Anna, ao contrário, defendia a educação das mulheres, sentindo-se ainda mais ofendida por ter se responsabilizado em educar Hanna – com isso, entendeu que Vrónski considerava inútil seu trabalho com a preceptora.

Nas obras de Tolstói, as questões referentes às mulheres são amplas e englobam várias áreas. Ao focalizar especificamente a parte educacional, é possível interpretar, a partir desses trechos, que apesar de estar consolidada a educação para mulher (em liceus exclusivos), ainda discutia-se, intensamente, acerca das capacidades intelectuais femininas. Anna e Dária, donas de casa, educavam a governanta e os filhos; entretanto, segundo a fala de Vrónski, a educação de Anna foi inútil, porque ela mesma tornara-se dona de casa e, assim, não precisava de muitos conhecimentos para exercer tal função. O mesmo acontece com Dária quando Liévin fica desapontado por saber que ela era a responsável pela educação dos filhos (e não o marido). Assim, é possível perceber que mesmo educadas, ainda era difícil terem uma profissão e serem reconhecidas nessa esfera. Portanto, permaneciam submissas nos casamentos (relação que pode ser entendida, no contexto, como os “empregos” possíveis).

Já as universidades, masculinas, são enunciadas nas obras de Tolstói na obra *Adolescência* no momento em que o jovem Nikolai, protagonista, observa o irmão mais velho, Vladímir, aos 16 anos, preparando-se para o ingresso na faculdade com aulas individuais particulares. Como a admissão dava-se por meio de provas orais das diversas matérias (exame

que se estendia durante dez dias), havia um ensaio em casa, conduzido pelos professores particulares e catedráticos, ou seja, docentes da universidade. No último dia dos exames, abordava-se religião – o que, para Nikolai, era a matéria mais difícil. Se aprovado, o aluno voltava para casa já com o uniforme de estudante universitário – composto por um chapéu de três bicos e uma espada na cintura, traje que era usado constantemente, dentro e fora da universidade, pois denotava distinção. Assim, as sentinelas poderiam bater continência diante de um estudante, como pode ser lido em *Juventude* (1857): "E eis que não tenho mais preceptor, tenho meu próprio cabriolé, meu nome está na lista de estudantes da universidade, tenho uma espada à cinta, as sentinelas podem de vez em quando me fazer continência... Sou adulto e, me parece, estou feliz" (TOLSTÓI, 2012, p.250).

É preciso notar que, no caso citado, a preparação para a universidade é descrita por um aristocrata. Sendo assim, tais preparativos podem diferir daqueles realizados pelos alunos dos colégios. Pode-se supor, no entanto, que como a prova ocorria no mesmo formato (independente da classe social), a preparação deveria ser semelhante, bem como o fato de receberem o uniforme universitário. Entretanto, não mais ter um preceptor e ganhar a própria carruagem como presente pelo ingresso na universidade são condições típicas da aristocracia.

Nikolai, anos depois, também aos dezesseis anos, preparou-se para o ingresso na universidade, e para isso contou com a supervisão de professores particulares e de seu tutor Saint-Jerôme. Passou, portanto, pelo mesmo processo de admissão que o irmão, e ainda relata que, para realizar os exames, ganhou roupas novas da melhor qualidade, produzidas especialmente para aquela ocasião – o que, provavelmente, também ocorrera com Vladímir.

Quando Nikolai entra no salão da universidade, avista pessoas com uniformes ginasianos, o que provavelmente indica os alunos que não foram educados com tutores em casa, mas em escolas tradicionais. Naquele ambiente, ele identificava os alunos em três grupos: os educados em casa com preceptores, os ginasianos e os homens mais velhos. O primeiro grupo, do qual Nikolai fazia parte, é descrito por estudantes que estavam acompanhados pelos tutores ou pelos pais, e que ficavam em silêncio sem abrir os livros que levavam. Já os ginasianos, como já se conheciam, conversavam ente si, estudavam e trocavam livros, elaborando questões uns para os outros. Por sua vez, os homens mais velhos, a minoria no local, estavam isolados e muito sérios. Um deles tinha 25 anos.

No dia do exame, os alunos eram chamados pelos seus sobrenomes, em duplas, para aproximarem-se da mesa dos professores e responderem às questões em voz alta. A banca era composta por três, dois ou somente um professor (o que dependia da matéria do exame) e as questões estavam escritas em cartões que eram embaralhados pelos professores e sorteados

pelos alunos. Junto à mesa, havia uma lousa de suporte para as questões de exatas. Nikolai assim descreve o desempenho de cada grupo: os ginasianos se saíam melhores quando comparados aos iguais a ele; já os mais velhos ora se destacavam, ora iam muito mal.

Havia estudantes bolsistas, tratados como inferiores, como é possível ver em alguns trechos de *Juventude*. Como primeiro exemplo, pode-se salientar o momento em que um aluno escolhe um cartão para responder no exame, mas paralisa e volta para o banco sem responder à questão; em seguida, um dos professores diz: "Bom garoto! – disse o professor jovem. – Não é bolsista!" (TOLSTÓI, 2012, p.242). Há outra menção quando Nikolai fala para o colega bolsista Óperov, com quem havia começado uma amizade, sobre o pedido que sua mãe fizera a seu pai antes de morrer: não colocar as crianças em escolas públicas, a fim de evitar más influências.

> Dito isso, fiquei perturbado e senti que estava enrubescendo. Óperov nada disse e, nas aulas seguintes, não foi o primeiro a me cumprimentar quando nos encontramos, não estendeu sua "tabuinha", não puxou conversa e, quando eu me sentava, ele se abaixava, escondia o rosto nos cadernos e fingia que estava mergulhado na leitura. Fiquei surpreso com esse esfriamento sem motivo, mas, *pour un jeune homme de bonne maison*[29], julgava inconveniente bajular um bolsista e deixei Óperov em paz, embora, reconheço, sua frieza me deixasse triste (TOLSTÓI, 2012, p.345).

Apesar desses exemplos, o professor de latim agia de maneira diferente; Nikolai, no dia dos exames, ouviu sobre a fama do professor de latim – que era temido por se deliciar com o fracasso dos alunos, "sobretudo os não bolsistas" (TOLSTÓI, 2012, p.245). Esse professor ajudou, no dia da prova, Ikônin (a dupla de Nikolai no dia do exame); posteriormente, Nikolai afirma que o professor também o protegia. Ikônin estava prestando os exames pela terceira vez e, ao vê-lo não indo bem na avaliação de latim, Nikolai começou a rir discretamente, o que foi punido pelo professor. Em seguida, o docente direciona uma pergunta a Nikolai que chora por não saber a questão proposta. Ao perceber o choro, o professor atribui-lhe a nota dois – nota baixa, mas que já o permitia ser aprovado nos exames.

Nikolai afirma que, ao ser admitido na universidade, ganharia do pai (assim como acontecera com o irmão mais velho), um quarto próprio e uma carruagem, pois entrar na universidade significava entrar na vida adulta. Assim, logo que começa a usar o uniforme universitário, Nikolai vai sozinho à cidade, com sua carruagem, e compra fumo para experimentar; em seguida, bebe acompanhado pelo irmão e amigos, os quais queriam levá-lo

---

[29] "Para um rapaz de boa família" (cf. nota do autor).

ao bordel – o que Nikolai recusa ao considerar o conselho de Dmítri, um dos amigos de seu irmão (e, posteriormente, também dele). De igual maneira, com o novo *status*, poderia frequentar os bailes.

No conto *Memórias de um senhor de terras*, menciona-se que o príncipe Nekhliúdov tinha 19 anos ao terminar o terceiro ano da universidade. Pelo título do texto, é possível perceber que ele recebeu uma educação aristocrática – da qual trata-se a seguir.

4.2 EDUCAÇÃO ARISTOCRÁTICA

Apesar de Tolstói afirmar que *Infância*, *Adolescência* e *Juventude* não são obras autobiográficas, há grande semelhanças entre os acontecimentos dos livros e sua biografia. Dessa forma, pode-se, por meio deles, ver parcialmente a educação aristocrática em que o autor foi criado.

Como dito anteriormente, os filhos da aristocracia eram educados em casa com tutores estrangeiros, e com eles aprendiam suas línguas. O francês era a língua oficial da aristocracia russa; Tolstói, que possuiu um tutor alemão na infância, também falava o alemão desde tenra idade, ou seja, era trilíngue já na infância. Nesse sentido, na maioria das obras de Tolstói há falas em francês, alemão, inglês e latim entremeadas às falas em russo, o que indica o real acontecimento do uso de várias línguas pela aristocracia.

Em *Infância* é possível perceber grande semelhança entre a educação que o protagonista recebeu de Karl Ivânytch e a que Tolstói recebeu de seu preceptor alemão, Rössel. A partir da obra, sabe-se que os jovens da aristocracia possuíam um tutor, necessariamente estrangeiro, responsável não apenas pela educação escolar da criança, mas pela sua educação moral. Apesar de contratado, a posição dos tutores não se assemelhava a de um serviçal, pois estavam presentes em todos os momentos, como um membro da família.

Além disso, é possível ver que a relação entre o tutor e o protagonista era íntima: o autor descreve tal relação com notas de amor e empatia logo no início da obra: “Eu compartilhava de sua dor e sofria porque meu pai e Karl Ivânytch, que eu amava quase com a mesma intensidade, não se entendiam; voltei para o canto, fiquei de cócoras e comecei a pensar num meio de reconciliá-los” (TOLSTÓI, 2012, p.33). Nesse trecho é interessante notar que o tutor tem lugar

tal na vida da criança que ele não é comparado a um parente próximo, como um tio ou avô, mas sim ao próprio pai.

Apesar da boa relação entre tutor e tutorado, são descritos castigos físicos, tais como ficar ajoelhado no canto da sala, batidas com régua e puxão do suspensório. Ainda assim, a relação com o professor não se diminuía, apesar do descontentamento.

Outro aborrecimento relatado era a duração das aulas, pois se dedicava muito tempo aos estudos, restando pouco para a família: "Quando é que vou ser grande e não vou mais estudar, quando vou poder ficar na companhia das pessoas que amo, em vez de decorar diálogos?" (TOLSTÓI, 2012, p.24). Nessa citação, é possível destacar não só a insatisfação do protagonista (por ter de cumprir o horário de aulas, ao invés de passar tempo com a família), mas a insatisfação com a matéria ensinada. Não se vê razão para decorar diálogos, em aprender o que lhes propunham, o que faz a frustração com as aulas se tornar ainda maior.

Na mesma obra há a personagem Liúbotchka, de 11 anos, irmã do protagonista. Ela já havia aprendido a tocar piano, dado que nos revela também a educação musical das crianças aristocratas, bem como a educação artística, também citada quando o professor de desenho corrige a obra de seu irmão.

O protagonista, ao descrever um dia específico de aula, relata ter percebido o professor com humor alterado pela forma ríspida com que estava conduzindo a aula. Incomodado com tais atitudes e com desejo de não estar ali, Nikolai não consegue reproduzir o diálogo do livro, vai às lágrimas e o professor o coloca de castigo. Sabe-se, após, que o tutor estava enraivecido por sua substituição, o que logo ocorreria, pois os pais das crianças haviam contratado um outro tutor para os estudos "sérios" – que se tratavam da preparação para o ingresso na universidade. Podemos imaginar a carga emocional que gerava tal situação: o menino, castigado pelo tutor que amava, e a ofensa por parte do adjetivo sérios, atribuído aos estudos que deveriam ser conduzidos por outro tutor.

Já em *Juventude*, Tolstói narra um pouco sobre a rotina de estudos dos filhos da aristocracia. Mostra, assim, a intensa vontade das crianças em ficarem livres da aula de História e Geografia e poderem brincar. O protagonista, então, fica à janela, observando a rua, torcendo para não avistar o professor. Nesse período, o pai já havia substituído o antigo tutor alemão pelo tutor francês, Saint-Jerôme, que liderava os estudos "sérios", apesar de não lecionar todas as matérias. Portanto, o professor de História e Geografia era outro, mas sempre que havia algum descontentamento dos demais professores com as notas ou atitudes das crianças, era com Saint-Jerôme que reclamavam. Noutra passagem, o tutor avisa que somente poderiam sair para

brincar com as visitas que haviam chegado quando terminassem as aulas da manhã, que se encerravam apenas por volta das 15h, horário de almoço:

> Lá de baixo, onde esta turma estava reunida, chegavam até nós ruídos de conversas, risos e correrias, mas não podíamos nos juntar a eles enquanto não terminassem as aulas da parte da manhã. No horário pendurado na parede estava escrito: *Lundi, de 2 a 3, Maître d'Histoire et de Géographie*; e era esse *Maître d'Histoire et de Géographie* que nós tínhamos que esperar, ouvir e acompanhar até a porta antes de ficarmos livres. Já eram duas e vinte da tarde, mas nem sinal do professor de história; ele não era visível nem na rua por onde deveria vir e que eu vigiava, desejando com ardor não vê-lo. (TOLSTÓI, 2012, p.163).

No mesmo capítulo, intitulado *A nota um*, a tradutora Maria Aparecida Botelho Pereira Soares traz a informação, na nota de rodapé 91[30], que desde o século XIX as notas do sistema educacional russo variam de zero a cinco – sendo o zero raramente utilizado, o que faz da nota um a pior para um aluno. Nesse mesmo sentido, no tópico anterior, *educação geral*, já se mencionou que as notas do exame de admissão da universidade variavam entre zero e cinco. Entretanto, no conto *Sebastopol em agosto de 1855*, quando o irmão do jovem oficial questiona-o sobre sua ida ao campo de batalha no Exército e o motivo de não ter entrado para a guarda, há uma indicação de que o sistema de notas ainda não estava padronizado. Em sua resposta, o jovem oficial diz que, pouco antes de sua formatura, fora flagrado fumando e, assim, recebera notas baixas em comportamento, mesmo que nas outras disciplinas tivesse notas altas – com exceção de mecânica, em que tirou doze na Escola de Cadetes.

Ainda em *Juventude*, Tolstói apresenta a forma como as notas eram atribuídas. Nos cadernos dos próprios alunos, os professores colocavam as notas em duas colunas: a de aproveitamento e a de comportamento. Aplicavam-se, também, provas. Por duas vezes, é citado o dinheiro referente ao pagamento do professor. Primeiro, ele cita o irmão buscando o dinheiro, e depois, entregando-o. Tal fato pode indicar que talvez o pagamento das aulas não era uma despesa mensal: ou os professores eram pagos nos dias trabalhados ou no mesmo dia descrito na narrativa, era seu dia de pagamento.

Em *Adolescência* há alguns capítulos dedicados ao terror que o protagonista passou ao ser ameaçado de agressão pelo tutor francês. Após o professor de História e Geografia reclamar de Nikolai para o tutor, ele o proíbe de brincar com as visitas, e em resposta, Nikolai recusa-se

---

[30] TOLSTÓI, L. **Infância, Adolescência, Juventude**. Tradução, introdução, cronologia e posfácio de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2012.

a obedecê-lo, mostrando-lhe a língua. Com isso, Saint-Jerôme leva-o à força para o quarto de despejo e pede para buscarem o chicote. Em meio a devaneios na clausura, Nikolai mostra seu ódio pelo tutor e a vontade clara de matá-lo: “Um de nós deve deixar esta casa, porque já não respondo por mim. Odeio tanto esse homem que estou pronto para qualquer coisa. Hei de matá-lo” (TOLSTÓI, 2012, p.176).

É também nesse momento de intensa atividade mental que o protagonista reflete sobre seus questionamentos religiosos – os quais, futuramente, serão aplicados em sua nova proposta de moralidade:

> Sem sombra de dúvida, posso dizer que meu primeiro passo para os questionamentos a respeito da religião que tanto me inquietaram na adolescência foi dado justamente nessa ocasião, não porque a infelicidade me despertasse para a rebeldia e a descrença, mas porque a ideia da justiça da Providência, que me ocorreu naquele instante de total perturbação mental e de isolamento por vinte e quatro horas, ao cair como uma semente que cai na terra fofa e molhada da chuva, começou a crescer rapidamente e a criar raízes (TOLSTÓI, 2012, p. 177).

Diferentemente da relação entre Nikolai e Karl, o que marcava Nikolai e Saint-Jerôme era o ódio. Com passagens de desprezo entre ambos, é possível interpretar a relação aluno-tutor como nem sempre respeitável. A família, nesse caso, por atribuir ao tutor a responsabilidade pela educação de seus filhos, aprova seus métodos, sem sequer considerar a opinião das crianças. No trecho em questão, Nikolai só se livra da surra do tutor porque o pai, após lhe bater (como punição por ter quebrado a chave de sua caixa de charutos), percebeu que o filho estava perdendo as forças por tanto chorar. Assim, o médico foi chamado, e sua visita afastou a surra de chicote que Saint-Jerôme lhe daria.

O ódio pelo tutor francês fez com que Nikolai o comparasse ao tutor alemão. Enquanto esse castigava os alunos com castigos físicos, o primeiro fazia-o com humilhações, por exemplo, enquanto Karl mandava os alunos se ajoelharem no canto da sala, Saint-Jerôme mandava-os ajoelhar na sua frente e a pedirem perdão. Outra diferença para ele era a forma verbal como eram tratados: “Karl Ivânytch, quando ficava bravo, dizia: é uma comédia de marionetes, menino *levadas*[31], mosquinha. Já Saint-Jérôme nos chamava de *mauvais sujet*,

[31] O tutor alemão não falava o russo perfeitamente.

vilain, garnement[32] e outros nomes no gênero, que ofendiam meu amor-próprio" (TOLSTÓI, 2012, p. 184).

Há, também, em *Infância* uma menção ao emprego da agressão física na educação das crianças. A princesa Varvara Iliínitchna responde, ao ser questionada a respeito da educação dos filhos pela avó do protagonista, que não há outro meio de educar os filhos senão pelo medo, pois só assim as crianças obedecem. A mesma personagem ainda reafirma seu posicionamento: também ela usa de agressões físicas para educá-las. A partir desse diálogo, o protagonista diz em pensamento: "Que sorte não ser filho dela" (TOLSTÓI, 2012, p.76). Por sua vez, a avó questiona a princesa: "[...] que sentimentos delicados você pode esperar de seus filhos depois disso?" (TOLSTÓI, 2012, p.76).

Ao se considerar a grande semelhança entre os livros em análise e a vida do autor, essa passagem pode indicar um episódio vivenciado pelo próprio Tolstói. Tal fato pode ter acarretado sua aversão aos castigos físicos e psicológicos como recursos para a educação das crianças.

Logo no primeiro capítulo de *Juventude*, também é presumível ver os primeiros pensamentos de Tolstói a respeito do aperfeiçoamento moral – o que ele defenderá com mais fervor em sua fase mística, especialmente quando prega pela salvação das almas. Nikolai conclui que "[...] a missão do ser humano é buscar o aperfeiçoamento moral, e que isso é fácil, possível e eterno" (TOLSTÓI, 2012, p.215). Para esse personagem, o despertar da "força de uma descoberta moral tão nova" (TOLSTÓI, 2012, p.215) devia-se a Dmítri, um amigo de seu irmão mais velho. A partir de então, são esboçadas algumas ideias que estão marcadamente presentes na fase mística do autor, conforme se lê a seguir.

> "Terei um quarto só para mim (provavelmente o quarto de Saint-Jerôme)", continuei pensando. "Eu mesmo vou limpá-lo e conservá-lo perfeitamente limpo. Não vou ter nenhum criado fazendo as coisas para mim, pois ele é uma pessoa tanto quanto eu. Depois, irei a pé todos os dias para a universidade (se me derem uma carruagem, vou vendê-la e guardarei o dinheiro para dar aos pobres) e vou cumprir tudo com rigor (em que consistia esse 'tudo', não saberia dizer naquela ocasião, mas entendia e sentia vigorosamente que se tratava de uma vida sensata, moral e irrepreensível). Vou organizar meus apontamentos e até estudar com antecedência algumas matérias, de modo que no primeiro ano serei o melhor aluno e escreverei uma dissertação. No segundo, já entrarei sabendo a matéria e poderei ser promovido diretamente para o terceiro ano. Terminarei o curso com dezoito anos e ingressarei na pós-graduação como primeiro aluno, com duas medalhas de ouro. Depois defenderei o título de mestre e o de doutor, e serei o maior cientista da Rússia... até mesmo da Europa. Bem, e depois?", me perguntava, porém aí me lembrei

[32] Canalha, velhaco, patife (cf. nota do autor no original).

> de que esses sonhos eram vaidade, pecado, que eu deveria contar para o confessor, e voltei para o início dos meus pensamentos (TOLSTÓI, 2012, p.219).

Esse trecho mostra vários dados: primeiro, a instabilidade de pensamentos do personagem – análoga à do autor. Segundo, quanto à educação, ele cita a pós-graduação nos níveis de mestrado e doutorado[33]. Terceiro, Nikolai tem grande preocupação com os estudos e, pelo menos em sua realidade, há a possibilidade de adiantar anos de estudo por meio do bom rendimento, que também é premiado com medalha. Quarto, ele já exprime a ideia de não se aproveitar do trabalho alheio fazendo tudo quanto possível por si mesmo na frase: "Não vou ter nenhum criado fazendo as coisas para mim, pois ele é uma pessoa tanto quanto eu". Quinto, ao final da reflexão, ele pondera como a religião encararia seus novos objetivos – o que pode indicar conflito quanto ao aperfeiçoamento de si e as regras morais da Igreja Ortodoxa Russa, culminado na fase mística de Tolstói ao propor uma nova moral.

Já em *Anna Kariênina*, especificamente na passagem de Kitty, há uma reflexão a respeito de uma nova religião: ao adoecer após ter rejeitado Liévin e ser rejeitada por Vrónski, a personagem viaja para o exterior, a fim de se tratar. Na viagem, conhece Várienka, que cuida dos doentes com amor e dedicação, o que causa admiração e inspiração para Kitty.

> Revelou-se a Kitty que, além da vida instintiva, a que ela se rendera até então, existia uma vida espiritual. Essa vida se revelava por meio da religião, mas uma religião que nada tinha em comum com aquela que Kitty conhecera desde a infância e que se manifestava na missa da manhã e da tarde no Lar das Viúvas, onde se podiam encontrar os conhecidos, e nas aulas do padre, em que se decoravam textos em eslavão; trata-se de uma religião elevada, secreta, ligada a uma série de pensamentos e sentimentos belos e, mais do que apenas acreditar nessa religião porque assim lhe era ordenado, Kitty podia amá-la (TOLSTÓI, 2013, p. 226).

No mesmo volume, quando se ambienta um encontro com Dária Aleksándrovna Oblónskaia, Liévin incomoda-se ao ver a mulher falando francês com os filhos. Na cena, a mãe, ao fazer um questionamento à filha em língua francesa, recebe uma resposta em russo, o que motiva uma repreensão, pois se a mãe utiliza um idioma para perguntar, a filha deve responder na mesma língua. Liévin considera, internamente:

---

[33] Os títulos de doutor e mestre podem não possuir o mesmo significado que os empregados na contemporaneamente. É possível que o tradutor tenha apenas equiparado as palavras.

> “Mas para que ela fala em francês com os filhos?”, pensou. “Como é artificial e falso! E as crianças percebem isso. Aprender o francês e desaprender a sinceridade”, pensou consigo mesmo, sem saber que Dária Aleksándrovna já pensara e repensara a mesma coisa vinte vezes e no entanto, ainda que em prejuízo da sinceridade, julgava indispensável educar seus filhos desse modo (TOLSTÓI, 2013, p.274).

Conforme já citado, a obra inclui a menção a várias línguas que, faladas pelos personagens, são entrelaçadas ao russo. Vrónski e Anna, por exemplo, falam inglês; Kariênin fala latim; Vássienka Vieslóvski fala francês, alemão e inglês; entretanto, conforme o próprio costume da época, a língua estrangeira que predomina nas obras de Tolstói aqui analisadas é o francês.

Nesse sentido, no conto *Sebastopol em agosto de 1855*, o segundo-capitão Kraut: “[...] falava um russo excelente, mas correto e bonito demais para um russo [...]” (TOLSTÓI, 2015, p.308). A partir dessa afirmação, entende-se que a língua culta russa era raramente empregada pelos seus falantes.

No capítulo IV da sétima parte, em conversa entre Liévin e Lvov, o último afirma que, ao acompanhar os estudos dos filhos, acreditava ser necessário, mesmo havendo tutores, existir alguém que observa tudo o que está sendo ensinado. Lvov afirma ter ele mesmo recebido uma educação ruim, visto que muitas coisas que os filhos aprendiam ele mesmo não lembrava – tal como a gramática de Busláiev. Ele argumenta, ainda, que a educação de seus filhos estava negligenciada por conta das viagens ao exterior, mas Konstantin responde que o mais importante é a educação moral, não conhecendo crianças mais bem-educadas do que os filhos do colega. A isso, ele responde:

> “O senhor fala em educação moral. Pois não pode nem imaginar como isso é difícil! Mal se consegue vencer um problema, outros logo surgem e a luta recomeça. Se não tiver apoio na religião, lembre-se, nós já falamos sobre isso, nenhum pai, apenas com suas próprias forças e sem aquela ajuda, poderá educar seus filhos” (TOLSTÓI, 2013, p.670).

Novamente, cita-se a educação moral e sua relação com a religião. Percebe-se que a preocupação de Tolstói, nesse período, é repensar a educação propagada entre a aristocracia, a educação que valorizava a ciência em detrimento da moral, e reverter tal quadro.

Na apresentação de outro personagem, Aleksiei Kirílovitch Vrónski, mostra outro tipo de educação aristocrática: o Corpo de Pajens, escola militar destinada aos filhos dos nobres. A

instituição possuía ligação direta com o czar e formava os alunos para o corpo militar – no caso, de militares ricos de São Petersburgo. Também no conto *A derrubada da floresta*, o sargento Maksímov estudara na brigada educacional, e o narrador comenta que a maioria dos soldados incomodava-se quando outros oficiais falavam em francês. Ainda assim, destaca haver um soldado que falava francês "sem ofender demais a comunidade dos oficiais" (TOLSTÓI, 2015, p.125).

Nesse mesmo sentido, no conto *Sebastopol em agosto de 1855*, Tolstói cita um jovem sargento proveniente dos Cantonistas. A respeito desse grupo, o tradutor Rubens Figueiredo esclarece, em nota, tratar-se dos filhos de soldados que estudaram em escolas primárias militares e, assim que formados, são obrigados a servir nas Forças Armadas.

Há, principalmente nos contos, várias críticas quanto à moral da aristocracia, principalmente no tocante à vaidade e hipocrisia. No conto *Sebastopol em maio*, Tolstói apresenta a vaidade como característica dos soldados aristocratas com os quais conviveu: em sua concepção, havia apenas relações de aparências, em detrimento da subordinação respeitosa (o que ele pondera que seria desejável acontecer). De igual maneira, um oficial não poderia transparecer ser menos que o outro. Assim, geravam-se relações marcadas pela não-confiança, prejudiciais ao exército. Nesse contexto, também se empregava a bravura apenas para obter medalhas.

> Vaidade, vaidade e vaidade em toda parte – até na beira do caixão e entre pessoas que se preparam para morrer em nome de uma convicção elevada. Vaidade! É de supor que seja um traço característico e uma enfermidade peculiar no nosso século. Por que não se ouvia falar desse horror entre os antigos, como se falava da varíola e da cólera? Por que será que em nosso século só existem três tipos de pessoas: as que de saída tomam a vaidade como um fato inevitável da existência e, portanto, como algo justo, e a ela se submetem espontaneamente; as que tomam a vaidade como uma condição infeliz, mas inexorável; e por último as que agem sob a sua influência, de modo inconsciente e servil? Por que Homero e Shakespeare falavam de amor, de glória e de sofrimentos, mas a literatura de nosso século é apenas um interminável relato de "Esnobismos" e "Vaidades"? (TOLSTÓI, 2015, p.191).

> - Pois é, isso é que eu não entendo, e admito que nem consigo acreditar – disse Gáltsin – que pessoas com roupa de baixo suja, com piolhos e que não lavam as mãos possam ser corajosas. Veja, desse jeito, não pode existir *cette belle bravoure de gentilhomme*[34].
> - Eles não compreendem essa bravura – disse Praskúkhin.
> - Ora, você está falando bobagem – cortou Kalúguin, irritado. – Eu já os vi aqui mais do que você e digo sempre e em toda parte que nossos oficiais de infantaria, embora de fato estejam com piolhos e fiquem dez dias sem trocar a roupa de baixo, são heróis e pessoas admiráveis (TOLSTÓI, 2015, p.201).

[34] "Aquela bela bravura de cavalheiro" (Nota do Tradutor).

> "Os rostos e o som das vozes tinham seriedade, um expressão quase sofrida, como se as baixas do dia anterior afetassem a afligissem intensamente cada um, mas a bem da verdade, como nenhum deles havia perdido alguma pessoa muito próxima (e por acaso na vida militar existem pessoas muito próximas?), aquela expressão de tristeza era uma expressão oficial, que eles consideravam apenas uma obrigação" (TOLSTÓI, 2015, p.237).

Portanto, o soldado sofria moralmente enquanto não pudesse demonstrar coragem, ainda que fosse em treinamento e mesmo que não existisse coragem nele. Para esse segundo caso, dever-se-ia mentir, fingir. Esse era o caso do soldado Gúskov, de *Das memórias do Cáucaso*, caracterizado por ter estudado, ser culto mas não possuir a bravura esperada de um soldado. Assim, ele julgava que deveria se impor aos outros utilizando nobreza e fama, a fim de transmitir respeito. Entretanto, quando os colegas descobrem sua condição pobre (foi deserdado pelo pai depois de passar dois meses preso), passa a ser tratado com desdém.

Gúskov ainda relata seu sofrimento ao ser tratado como um soldado raso, mesmo sendo oriundo de família aristocrática e tendo grande bagagem intelectual. Adiante, salienta a importância da amizade com o narrador, já que pertenciam ao mesmo grupo e, assim, poderiam conversar. Em seus lamentos, menciona ter esquecido o francês por falta de prática, mas ressalta não se conformar de uma condição específica: ali não havia diferenças entre ele, aristocrata, e um soldado raso, simples e ignorante, já que ambos tinham as mesmas chances de serem uma baixa na guerra.

Em contrapartida, o conto que tece críticas mais contundentes à aristocracia é *Das memórias do príncipe D. Nekhliúdov*. Por ocasião de uma viagem à Suíça, o príncipe hospeda-se num hotel de luxo, mas há um grande incômodo: ele percebe que todo aquele luxo e abundância está acompanhado pela frieza humana. O príncipe, então, faz algumas comparações entre a aristocracia hospedada naquele hotel e os hóspedes da pensão parisiense que visitara, local que reunia vários tipos de pessoas com diversas profissões e posições sociais. Para ele, apesar de não serem os mais elegantes, inteligentes ou respeitados, os hóspedes da pensão eram mais humanos.

Enquanto isso, em frente àquele hotel de luxo, um músico se apresentava por esmolas; mas, já no fim da noite, sua voz falhou, fato que foi recebido pelos aristocratas com risadas, sem que nenhum deles desse qualquer quantia ao artista. Irritadíssimo com a cena, o príncipe convida o músico para acompanhá-lo no jantar, ali no restaurante do hotel, o que causa espanto em todos, fossem hóspedes ou funcionários. O príncipe, então, faz algumas reflexões:

> E parecia que para todos eles era tão tranquilo, confortável, limpo e fácil viver neste mundo, seus movimentos e seu rosto exprimiam tamanha indiferença à vida de qualquer estranho e tamanha certeza de que o porteiro ia abrir caminho para eles e saudá-los com uma reverência, e que ao voltarem encontrariam uma cama e um quarto limpo e tranquilo, e que tudo isso era correto e que eles tinham direito a tudo isso, que eu de repente, e sem querer, contrapus a eles o cantor itinerante, que cansado, talvez com fome, agora fugia envergonhado da multidão que ria, e entendi o que era a pedra pesada que oprimia meu coração e senti raiva inexprimível daquelas pessoas (TOLSTÓI, 2015, p.602).

Nesse trecho, há também uma crítica à aristocracia pela desvalorização do artista, já usufruíram do trabalho do músico e, além de não terem dado sequer uma moeda, riram de sua falha. Para Tolstói, mesmo que os aristocratas afirmem apreciar a música, eles apreciam ainda mais o dinheiro, especialmente que lhe atribuem a responsabilidade pela felicidade. Entretanto, na análise do narrador, foi a necessidade da poesia, da arte, o real motivo por terem se postado em pé, em silêncio, apreciando uma pessoa pobre cantando.

Não coincidentemente, há a influência de Rousseau em sua argumentação:

> Mas as crianças encaram a vida de maneira sensata, elas amam e sabem que devem amar o homem e aquilo que traz felicidade, mas a vida os confundiu e corrompeu vocês a tal ponto que vocês riem da única coisa que amam e procuram só o que odeiam e que lhes traz infelicidades. Vocês estão a tal ponto confusos que não entendem a obrigação que têm perante o tirolês pobre que lhes proporcionou um prazer puro e, em vez disso, se consideram obrigados gratuitamente, sem proveito e sem prazer, a se prostrar perante um lorde e, sabe-se lá por que motivo, a sacrificar por ele sua tranquilidade e seu bem-estar (TOLSTÓI, 2015, p.617).

Por fim, faz-se uma ponderação acerca da situação: conclui-se que o músico, apesar de pobre e não ter sequer um lugar fixo onde possa descansar, mantinha-se feliz, alegre com seu violão. Enquanto isso, os aristocratas não necessariamente estariam felizes por estarem em lugares confortáveis e luxuosos.

4.3 EDUCAÇÃO MORAL

Tolstói, em sua fase mística, propõe educar as crianças com uma nova moral, diferente da praticada pela aristocracia russa, que se baseava na Igreja Ortodoxa Russa. Para ele, essa instituição estava corrompida, muito distante dos princípios que ela mesma pregava. Apesar de ser aplicada diretamente aos camponeses, sua proposta de nova moral seria a base para a educação em toda a Rússia. Assim, nesse tópico, analisa-se em quais formas essa nova moral se fez presente nas obras averiguadas.

A partir de sua constatação a respeito da corrupção da igreja, Tolstói começou a pregar uma nova moral, uma nova forma de viver. Seus princípios incluíam não comer carne, não fumar ou beber, ter relações sexuais apenas para fins de procriação, e trabalhar por si sem precisar, na medida do possível, do trabalho alheio. Suas diretrizes também incluíam o pacifismo, pois era contra o alistamento militar obrigatório, o nacionalismo, o ritualismo e a propriedade privada – já que acreditava ser essa última um dos grandes males da humanidade.

Em *Memórias de um marcador de pontos de bilhar* (1855), uma das questões morais destacadas se relaciona ao sexo. Em certa ocasião, quando alguns amigos reuniam-se para o jogo de bilhar, Nekhliúdov é questionado a respeito de ter alguma companheira. Ele responde que não estava com ninguém, e assim estava feliz, mas os amigos não aceitam a resposta e insistem em levá-lo ao que se pode entender como um bordel. Nekhliúdov acompanha os amigos, mas se arrepende por se deixar influenciar:

> Muito bem. Depois foram para as mesas de bilhar, todos alegres, Nekhliúdov já era outra pessoa; tem olhos de peixe morto, os lábios tremem, soluça o tempo todo e não consegue falar palavra nenhuma direito. Claro, os outros não percebem nada, ele está chocado. Chega perto da mesa de bilhar, se apoia nos cotovelos e diz:
> - Vocês acham engraçado, mas para mim é triste. Por que eu fiz isso? E você, príncipe, eu nunca vou perdoar você, na vida toda.
> E na mesma hora desatou a chorar. Claro, tinha bebido: não sabia o que ele mesmo estava dizendo. O príncipe chegou perto, sorrindo.
> - Vamos, chega – diz ele. – Isso é bobagem! Vamos para a casa, Anatóli.
> - Não vou para lugar nenhum – responde. – Por que fiz isso?
> E se embriagou. Não saiu do bilhar, e pronto, acabou-se o assunto.
> É o que dá ser um homem jovem e inexperiente (TOLSTÓI, 2015, p.86).

É importante ressaltar que, dentre todas as prerrogativas defendidas na nova moralidade, a abstinência sexual era um ponto de dificuldade para o próprio Tolstói. Ele relata seu descontrole nos diários, e mesmo com o avanço da idade, sua esposa ainda sofria com as gravidezes: o último filho de Sófia e Tolstói nasceu no mesmo ano que o primeiro neto. Como Sófia passava os escritos do marido à limpo, via nessa moralidade também a hipocrisia.

No conto *A derrubada da floresta* (1855), Tolstói retrata o pensamento dos soldados que, ao serem convocados para o exército, preocupam-se em receber condecorações, a fim de que todo o sofrimento no exército não seja em vão, pois quando os soldados voltavam da guerra, com condecorações, também ganhavam *status* na sociedade aristocrática, sendo recebidos como príncipes.

Para eles, uma das formas "mais fáceis" de receber tais condecorações era por meio das batalhas no Cáucaso, ou seja, as batalhas do Cáucaso eram tão intensas a ponto de serem consideradas como o lugar onde mais havia probabilidade de demonstração de heroísmo perante os demais (e, assim, maiores seriam as chances de reconhecimento).

Portanto, ir ao Cáucaso e retornar sem condecorações era algo vergonhoso, inclusive para os simples soldados, camponeses e artesãos. Entre voltar para casa sem condecorações e permanecer na guerra, preferiam permanecer na guerra: "E depois, na Rússia[35], como vou me apresentar aos olhos de meu estaroste, do comerciante Koguélnikov, a quem vendo trigo, aos olhos de minha tia moscovita e de todos aqueles senhores, sem nenhuma condecoração depois de anos no Cáucaso?" (TOLSTÓI, 2015, p.139).

No mesmo ano, 1855, Tolstói escreveu sobre a experiência da guerra em três oportunidades: *Sebastopol no mês de dezembro*; *Sebastopol em maio*; e *Sebastopol em agosto de 1855*. Em *Sebastopol em maio*, o narrador, logo no início, mostra sua revolta com a guerra ao afirmar: "E a questão que os diplomatas não resolveram o sangue e a pólvora resolvem menos ainda" (TOLSTÓI, 2015, p.182). Logo adiante, acrescenta: "Das duas, uma: ou a guerra é uma loucura, ou, se as pessoas praticam tal loucura, não são absolutamente criaturas racionais, como nos habitamos a pensar, sabe-se lá por quê" (TOLSTÓI, 2015, p.182).

A experiência na guerra despertou algumas reflexões em Tolstói, dentre as quais se destacam aquelas relativas à condição em que viviam os soldados, o sentido da guerra e a arrogância dos combatentes aristocratas. Uma das reflexões notáveis de *Sebastopol em maio* está relacionada à hipocrisia dos cristãos, a respeito da qual, posteriormente, Tolstói fez grandes críticas, embasadas no cristianismo de origem. Para ele, os cristãos estavam fortemente afastados da proposta da nova moral:

> Sim, no bastião e na trincheira estão erguidas bandeiras brancas, o vale florido está repleto de corpos fétidos, o lindo sol desce na direção do mar azul, e o mar azul, ondulante, reluz sob os raios dourados do sol. Milhares de pessoas se aglomeram, observam, falam e sorriem umas para as outras. E tais pessoas – cristãs, que professam a mesma grande lei do amor e da abnegação, ao ver

[35] Para o soldado, há tanto tempo no exército, longe da família, o Cáucaso não era na Rússia, sua terra.

> aquilo que fizeram, não cairão de repente de joelhos, com pesar, diante Daquele que, tendo lhes dado a vida, depositou na alma de cada um, junto com o temor da morte, o amor ao bem e ao belo e, com lágrimas de alegria e felicidade, não se abraçarão como irmãos? Não! Os trapos brancos são enrolados – e de novo assoviam os instrumentos da morte e do sofrimento, de novo jorra o sangue inocente e ouvem-se gemidos e impropérios. (TOLSTÓI, 2015, p.245).

Por fim, ele encerra o conto com a defesa da verdade, responsável por sua inquietação espiritual ao longo da vida. Em suas palavras, "O herói de fato de minha novela, a quem amo com todas as forças da alma, o qual me empenhei em reconstituir em toda sua beleza, e que sempre foi, é e será belo – é a verdade" (TOLSTÓI, 2015, p.247).

O tradutor da versão analisada de *Anna Kariênina*, Rubens Figueiredo, afirma que diferentemente dos outros autores russos da época de Tolstói, como Turguêniev, o escritor e educador preferia escrever com frases simples, rudes. Em sua apresentação ao livro, Figueiredo recorre ao crítico russo Boris Eikhenbaum, que explica a escolha de Tolstói em se contrapor a uma forma literária aparentemente esgotada, o que pode ser um primeiro passo para a escrita simples que utilizaria nas obras destinadas aos camponeses. De igual maneira, a visão realista que emprega em seus contos ambientados no exército era uma maneira de se contrapor à forma literária, que apresentava a guerra como algo belo e heroico.

Em *Anna Kariênina*, o irmão de Liévin, Nikolai, é uma referência direta ao irmão verdadeiro de Tolstói, Dmítri. Ambos buscaram na religião um meio para controle da ira e agressividade, o que se seguiu por uma fase de intensa imersão religiosa e, mais tarde, de devassidão. No capítulo XXIV da primeira parte da obra, ao delinear o personagem, Tolstói escreve sobre a tentativa de Nikolai em educar uma criança do campo. Em suas biografias, não há tal informação sobre o irmão de Tolstói, porém, como se trata de descrição nítida do irmão Dmítri, é possível transpor tal fato para a vida pessoal do escritor, o que faria sentido quando se pensa na sua influência para a inauguração de Iásnia Poliana, em 1859, escola destinada aos filhos dos camponeses.

Nikolai, em encontro com Konstantin, expressa sua indignação com a condição de vida dos camponeses. Essa reflexão se assemelha à ideia de propriedade privada como perdição humana, bem como do trabalho alheio como forma de submissão do trabalhador ao contratante:

> Você sabe que o capital oprime o trabalhador e os nossos trabalhadores, os mujiques, suportam todo o peso do trabalho e são colocados numa tal situação que, por mais que trabalhem, não conseguem sair da sua condição de bestas de carga. Todos os proventos do salário, com os quais poderiam melhorar sua condição, proporcionar a si mesmos algum lazer e, em consequência, obter

> alguma instrução, todo o dinheiro que sobra lhes é tirado pelos capitalistas. E a sociedade está organizada de tal modo que, quanto mais eles trabalharem, mais os comerciantes e os senhores de terra enriquecerão, enquanto eles serão sempre as bestas de carga. E este regime precisa mudar – concluiu e fitou o irmão, com ar interrogativo (TOLSTÓI, 2013, p.97).

Interessante ressaltar que mesmo o personagem Nikolai, não sendo o personagem reflexo de Tolstói, traz reflexões que, posteriormente, em sua fase mística, serão tratadas com veemência. Isso demonstra que já na fase madura, dos grandes romances, as indagações acerca da condição de vida dos camponeses aparecem de forma mais nítida quando comparadas aos escritos da fase da juventude. É também nesse encontro entre irmãos que Konstantin exprime seu pensamento contra todas as instituições sociais – o que, mesmo contra sua vontade, o leva a concordar com Nikolai.

A mesma questão também marca a educação, pois não são aceitos os preceitos de instituições como a Igreja Ortodoxa Russa e as escolas tradicionais russas. Sendo assim, Tolstói propõe a educação como educação moral, de uma nova moral, sem que para isso sejam necessários rituais, avaliações e cobranças externas. Portanto, é possível assimilar a ideia de liberdade pregada na educação tolstoísta de influência rousseauniana à proposta de não institucionalização.

Outra influência para Tolstói no tocante ao ritualismo foi o movimento pietista, citado no capítulo XXXIV da segunda parte de *Anna Kariênina*. Resultado do movimento luterano, consiste em focar, principalmente, na experiência individual. Assim, dá-se ênfase ao aperfeiçoamento pessoal por meio da prática do evangelho, rejeitando-se os rituais eclesiásticos.

Ainda em *Anna Kariênina*, Liévin decide escrever sobre agricultura a fim de "provar que o caráter do trabalhador agrícola era um dado absoluto, assim como o clima e o solo" (TOLSTÓI, 2013, p.160). É no trabalho juntamente com os camponeses que Konstantin demonstra apreço pela forma como vivem e, já tendo iniciado o plano de refazimento moral íntimo, Tolstói expressa, já nessa obra, pensamentos que se tornarão mais claros na fase mística. Dentre esses, destaca-se a intenção de Liévin em controlar sua irritação ao olhar para o lado positivo de todas as situações ruins que lhe acontecerem, bem como ao optar por sempre trabalhar da melhor maneira e trabalhar por si sem depender do trabalho alheio.

Adiante, na obra, surge na narrativa o questionamento se Liévin gosta ou não dos camponeses. Nesse trecho do livro, há uma reflexão do autor acerca das qualidades e defeitos que o personagem – ou ele mesmo – via nos camponeses e como esse se via dentre eles. Ouvir

o meio irmão Serguei Ivánovitch dizer que estimava e compreendia os camponeses e, além disso, ver que ele conversava com os camponeses sem fingir apreço, intrigava Liévin, que considerava os camponeses apenas como colegas de trabalho. Respeitava-os e ficava maravilhado com a força, brandura e justiça dos mujiques. Por outro lado, irritava-se com a leviandade, com o desleixo, com o costume de beber e com as mentiras que contavam:

> Caso lhe perguntassem se gostava dos camponeses, Konstantin Liévin positivamente não saberia como responder. Gostava e não gostava, assim como lhe ocorria em relação às pessoas em geral. (...) Mas gostar ou não gostar dos camponeses como se fossem algo à parte, isto ele não conseguia, não só por viver com os camponeses, não só por todos os seus interesses estarem associados aos camponeses, mas também porque, como considerava a si mesmo parte dos camponeses, não via em si e neles quaisquer qualidades e defeitos específicos e não podia contrapor-se aos camponeses. Além disso, embora vivesse havia muito tempo no mais estreito contato com os mujiques, na condição de proprietário de terras e de mediador, mas sobretudo de conselheiro (os mujiques confiavam nele e percorriam até quarenta verstas para pedir seu conselho), Konstantin não tinha nenhuma opinião definida a respeito dos camponeses e, caso lhe perguntassem se conhecia os camponeses, se veria no mesmo apuro em que ficava quando tinha de responder se gostava ou não deles. Dizer que os conhecia seria, para Konstantin, o mesmo que dizer que conhecia as pessoas, em geral. Todo o tempo, observava e travava conhecimento com pessoas de todos os tipos, entre elas os mujiques, que considerava pessoas boas e interessantes, e neles percebia continuamente traços novos, alterava suas opiniões anteriores a seu respeito e formava novas (TOLSTÓI, 2013, p.242).

Na mesma obra, no capítulo III da terceira parte, há uma das principais discussões relativas à educação, travada entre Liévin e Serguei. Primeiro, Serguei questiona o irmão sobre o motivo que o fez abandonar as reuniões do *ziemstvo* (o que, para ele, é algo essencial para a mudança na vida dos camponeses, pois é por meio do *ziemstvo* que os mujiques poderiam receber assistência médica e escolas). Liévin expõe que não consegue frequentar as reuniões por não ver sua importância e afirma que elas sequer despertam seu interesse. Serguei, espantado com a resposta, indigna-se e acusa o irmão de não conseguir abrir mão de seus prazeres pessoais, como a tranquilidade e vaidade, em detrimento do interesse público.

Em seguida, ao questionar Konstantin a respeito das escolas, não entende por qual motivo elas seriam importantes para os mujiques: apesar de reconhecer a educação como um benefício para o povo, afirma que um trabalhador alfabetizado é pior que um analfabeto. Ainda assim, não dá explicações do porquê acreditar nisso:

> Talvez tudo isso esteja muito certo; mas por que eu devo me empenhar na instalação de postos médicos dos quais nunca vou me servir e de escolas para onde não vou enviar meus filhos, para onde os camponeses também não querem enviar seus filhos, e nem eu estou firmemente convencido de que deveriam fazê-lo? – perguntou (TOLSTÓI, 2013, p.248).

Liévin, por sua vez, acredita que nenhum planejamento vai adiante sem interesse pessoal, sem que isso faça sentido para o indivíduo. Assim, para ele, não importam os assuntos discutidos no *ziemstvo*, pois não se via beneficiado por suas propostas.

> Pois vou lhe mostrar! – retrucou, exaltado. – Penso que, apesar de tudo, o motor de todas as nossas ações é a felicidade pessoal. Eu, agora, na condição de nobre e senhor de terras, não vejo nas instituições do ziemstvo nada que possa contribuir para o meu bem-estar. As estradas não melhoraram e não podem melhorar; meus cavalos me transportam pelas estradas ruins, também. Não tenho necessidade de médicos e de postos de saúde, não preciso de juiz de paz, eu nunca recorro a ele e não vou recorrer. Quanto às escolas, não só não preciso delas como são até nocivas, conforme eu já lhe disse. Para mim, as instituições do ziemstvo significam apenas a obrigação de pagar dezoito copeques por diessiatina de terra, viajar até a cidade, pernoitar com os percevejos e ouvir toda sorte de absurdos e patifarias, e o meu interesse pessoal não me induz a nada disso (TOLSTÓI, 2013, p.249).

Já no capítulo VI da mesma parte, Liévin afirma que quer enriquecer a medicina com um novo conceito: *arbeitscur*, que significa "cura pelo trabalho". No caso, a descoberta do novo "remédio" aconteceu quando Liévin ceifou todo o prado com os mujiques. O novo conceito, de acordo com ele, seria benéfico contra todas as tolices e útil para todas as pessoas doentes dos nervos, novamente ressaltando o valor do trabalho braçal para o indivíduo.

Acerca desse mesmo assunto, fala-se a respeito da diferença entre os homens do campo e os da cidade em conversa com Oblónski: enquanto os homens do campo, no caso os senhores de terras, deixam as mãos aptas para o trabalho (cortam as unhas e arregaçam as mangas das camisas), os homens da cidade deixam as unhas o maior que puderem e colocam abotoaduras nos pulsos (o que atrapalharia o serviço braçal). Além disso, o personagem se incomoda por estar comendo ostras com o colega, pois, para os homens do campo, comer ostras atrasa o tempo de almoço e, consequentemente, o trabalho planejado para depois. Assim, é um alimento destinado apenas aos homens da cidade, que preferem, então, adiar o serviço.

No capítulo XXVI, Konstantin está na casa dos Sviájski, e a esposa de seu amigo afirma que seu marido se interessa muito pelas questões russas. Em seguida, como de súbito, ela pergunta se Liévin havia visto a escola de sua propriedade, na qual leciona em companhia de outra professora. Konstantin responde positivamente, mas, em seguida, encerra o assunto ao

recusar mais chá e migrar para o outro extremo da mesa, como se não quisesse discutir a necessidade de uma escola.

Sviájski, dirigente do *ziemstvo*, com base na experiência da Europa Ocidental, acreditava que uma gestão eficaz funcionaria na Rússia por meio da educação. Liévin discordava, pois em sua concepção "a única forma de ajudar será por meio de uma organização econômica em que o povo enriqueça, tenha mais lazer, e aí eles terão também escolas" (TOLSTÓI, 2013, p.336).

No tocante às escolas no campo, no capítulo XX da sexta parte, Vrónski mostra aos amigos a construção do hospital, obra iniciada após se sentir ofendido ao ser chamado de avarento por se recusar a dar um prado aos mujiques. Sviájski, entretanto, questiona-o: por que se preocupava tanto com o aspecto sanitário e não com a questão educacional? Vrónski responde que, diferentemente dos hospitais, as escolas já eram comuns.

No conto *Dois hussardos* (1856), Tolstói apresenta Liza e as benesses de sua educação. Em suas características, Liza é descrita como uma menina que se tornou ativa, alegre, bondosa, independente, pura e profundamente religiosa por meio da atividade útil, dos trabalhos, que passaram a ser uma necessidade e com eles dispersava os sentimentos ruins, principalmente a vaidade:

> As melhores coisas sempre ocorrem sem querer: quanto mais nos esforçamos, pior o resultado. Nas aldeias, raramente se esforçam em dar educação, por isso, sem querer, oferecem em geral uma educação excelente. Foi o que aconteceu especialmente com Liza. Anna Fiódorovna, por limitação de inteligência e descuido de temperamento, não deu a Liza nenhuma educação: não lhe ensinou música nem a tão útil língua francesa, mas tendo, sem querer, concebido com seu falecido marido uma criança saudável e bonita – uma filhinha –, deu-a para uma ama de leite, que a amamentou; então vestiu-a com roupinhas de chita, calçou-a com tamanquinhos de pele de cabra, mandava-a passear, colher cogumelos e cerejas, e também contratou um seminarista que a ensinou ler e a fazer contas – e assim, sem querer, durante dezesseis anos, teve em Liza uma amiga e uma dona de casa diligente, sempre alegre e bondosa (TOLSTÓI, 2015, p.438).

No trecho anterior, é possível destacar o paralelo que Tolstói traça entre a falta de uma educação refinada e a qualidade moral. Para ele, há mais moral numa pessoa com educação simples e que trabalha, do que numa pessoa ociosa e com grande conhecimento. Reafirma, então, sua ideia de trabalho como forma de moralização e redenção.

Em *Manhã de um senhor de terras* (1856), o príncipe protagonista preocupa-se com a condição de vida dos mujiques e se questiona, em carta dirigida à tia: "Afinal, não é meu dever

claro e sagrado me empenhar pela felicidade dessas setecentas pessoas, pelas quais vou responder perante Deus?" (TOLSTÓI, 2015, p. 512). Em resposta, a tia assevera que para ser um bom proprietário, é preciso ser um homem frio e rigoroso (o que ela acredita que seu sobrinho nunca será), e acrescenta: "Já tenho cinquenta anos e conheci muitas pessoas dignas, mas nunca ouvi falar de um jovem de boa família e com muitos talentos que, sob pretexto de fazer o bem, tenha se enterrado no campo" (TOLSTÓI, 2015, p. 514). Para ela, a pobreza dos camponeses é algo que não se poderia mudar e, assim, insiste que ele procure ter ambição e busque um trabalho em que terá sucesso e honra.

Não seguindo os conselhos da tia, o príncipe ajuda os mujiques, mas eles não se sentiam no direito de receber qualquer auxílio do senhor, ainda que ele se disponibilize a ajudá-los na reunião do *mir* (comuna camponesa tradicional da Rússia). De igual maneira, não conseguem desobedecê-lo de qualquer forma. Sentiam-se inferiores de maneira tal, que agradeciam o senhor de terras por não ter nojo de entrar na casa deles quando ele visitava *isbá* por *isbá* para verificar a situação de cada família que lhe solicitava ajuda.

Há, também, menção à fé cega dos mujiques, o que se relaciona, para Tolstói, diretamente à Igreja Ortodoxa Russa. Afirma-se que os mujiques creditavam o recebimento das terras infértеis a terem irritado, de alguma forma, Deus. Noutro momento, dizem que o trigo não cresce em razão da adubagem, mas pela graça divina.

De igual maneira, é importante destacar a passagem em que uma das famílias pede ao senhor de terras que dispense seu filho de ir à escola para que ele possa ajudar nos trabalhos. O senhor deixa claro, para o mujique, que o menino já tem idade para estudar e que, com os estudos, poderia ter melhores oportunidades de vida e ajudar a família futuramente. A isso, respondem:

> – Nem se discute, Vossa Excelência... o senhor não quer fazer o mal para a gente, mas não tem quem cuide da casa: eu e a mulher temos de cuidar da terra comum... e ele, apesar de ser menino, dá uma boa ajuda, toca as vacas, dá água para os cavalos. Faça o que fizer, é um mujique dos pés à cabeça (TOLSTÓI, 2015, p.532).

Mesmo assim, o senhor de terras exige que o menino frequente a escola. No mesmo conto, cita-se que um mujique sabia ler, situação que pode indicar a presença das escolas do campo na região.

Noutro aspecto, uma camponesa pede que o senhor de terras obrigue uma mulher a casar com seu filho, porque ele mesmo não trabalhava. Assim, ela poderia se tornar uma ajuda nos

trabalhos. Por sua vez, o senhor de terras se recusa, argumentando que não se deve obrigar ninguém a casar, ao que a senhora retruca, pois sabe que se não for obrigada, mulher nenhuma se casaria com seu filho, tampouco gostaria de viver na casa deles.

De maneira geral, nesse conto, o trabalho é extremamente valorizado. O senhor de terras estima o trabalho dos mujiques pois reconhece que seus lucros são oriundos das boas colheitas, que acontecem devido ao trabalho árduo dos mujiques. Assim, quando está diante de um mujique que não trabalha ou trabalha menos do que outros, o príncipe ressalta a importância do trabalho para todos.

Reitera-se que o senhor sentia satisfação moral com a relação de ajuda aos mujiques. Entretanto, há momento de desânimo com seu trabalho para melhorar a condição de vida dos camponeses, quando reflete acerca da desconfiança de alguns a respeito de suas atitudes, das mentiras (por parte de alguns), da falta de gratidão, e até da falta de respeito (que um mujique explicou ser decorrente da proximidade entre o príncipe e os mujiques). Ele, então, se senta ao pé de uma árvore e, repentinamente, tem uma epifania, o que reconstrói sua esperança: o amor, a abnegação e o bem são a verdade e a felicidade do mundo.

Várias passagens desse conto remetem diretamente à vida pessoal do escritor: ele também tinha em sua tia uma confidente, fez várias tentativas de emancipar os servos de suas terras e melhorou suas condições de vida antes mesmo da emancipação oficial de 1861. Provavelmente, essa foi uma reflexão pessoal e decisiva para seu trabalho com as crianças camponesas:

> E que trabalho agradável e gratificante se apresentava à sua frente – "trabalhar com essa classe de gente simples, impressionável, pura, salvá-los da miséria, dar-lhes satisfação, transmitir-lhes a educação que tive a felicidade de poder desfrutar, corrigir seus erros, causados pela ignorância e pela superstição, desenvolver neles a moral, obrigá-los a amar o bem... Que futuro radiante e feliz! E além disso, eu, que farei isso para minha própria felicidade, vou me deleitar com a felicidade deles, verei como avanço sempre, a cada dia, rumo ao objetivo proposto. Um futuro maravilhoso! Como é possível que eu não tenha enxergado isso antes?" (TOLSTÓI, 2015, p. 579).

Em *Polikuchka*, 1863, conto protagonizado predominantemente por mujiques, a figura de Deus é evocada várias vezes: "Julguem segundo a verdade, segundo Deus, povo ortodoxo, em vez de escutar o que um bêbado inventa" (TOLSTÓI, 2015, p.707). O dinheiro é visto como pecado, maldição, e em razão dele, um mujique se suicida: ao ficar responsável por receber uma grande quantia para a senhora, o mujique viaja para executar o trabalho, mas perto de casa perde a quantia que antes estava escondida. Ao chegar e perceber que perdera o dinheiro, desespera-

se e comete o suicídio, já que, anos antes, praticava furtos e possuía má fama, o que provavelmente influenciaria no julgamento da senhora.

Em seguida, outro mujique encontra o dinheiro e o entrega à senhora, mas ela se recusa a recebê-lo, pois acredita ser a quantia amaldiçoada e responsável pela morte que ocorrera. Assim, o mujique, entusiasmado com a grande quantia que recebera, pensa em guardar o dinheiro, pois já tinha boa condição financeira. Logo após, entretanto, é cobrado o resgate de seu sobrinho, que fora escolhido para servir o exército. Ainda assim, o mujique afirmou não poder pagar alguém para ir em seu lugar para a guerra – o que, para o sobrinho, era mentira, pois o tio apenas não queria ter gastos. Assim, ele não poderia dar desculpas, ainda que se justifique ao alegar que não daria mais tempo de salvá-lo, mas vai para a casa fazer as contas.

À noite, ele e outro sobrinho, uma criança com quem estava dormindo, são aterrorizados pelo fantasma do mujique suicida. Logo, chega à conclusão de que aquele dinheiro é, de fato, amaldiçoado. Após esse episódio, ele considera se desfazer do dinheiro e resgatar o sobrinho. Ainda assim, quando foi enviado ao exército, o sobrinho se revoltou contra o tio. Depois de resgatado, o tio cobrou, de maneira sutil, o pedido de desculpas.

Nos contos da década de 1880, já é possível ver com mais clareza a proposta da nova moral tolstoiana. No conto *Os três filhos*, publicado em 1885, um pai dá a três filhos um pouco de sua fortuna e diz: “Viva como eu e você viverá sempre bem” (TOLSTÓI, 2015, p.75), frase que é entendida de maneiras diferentes, de acordo com a índole de cada filho. O primeiro acreditou que viver como o pai era gozar a vida e gastou toda a fortuna em sua satisfação pessoal; o segundo, observando o que acontecera ao primeiro, não se alegrou tanto com a fortuna recebida e pensou que “viver como o pai”, na realidade, era trabalhar e ganhar aquela mesma quantidade de fortuna sozinho. Assim, questionou o pai: como ele havia juntado aquela fortuna? Como não obteve resposta, o segundo filho acreditou que ele tinha receio de lhe falar seu segredo. Assim, o segundo filho desmontou toda a fortuna que recebera, e percebeu que aquilo não mais o servia. Preferiu ficar sozinho e arruinou-se.

O terceiro filho, observando o que acontecera com os outros irmãos, começou a refletir sobre o que era “viver como o pai”. Pensou que o pai fora aquele que lhe dera tudo: a própria vida, educação, comida, roupa, e concluiu que o pai havia feito o bem, tanto para ele quanto para os irmãos. Esse, enfim, era o significado da enigmática frase: “Viver como o pai” era fazer o bem às pessoas.

Tolstói deixa claro no conto: “Esse pai é Deus; os filhos são as pessoas; a fortuna é a vida” (TOLSTÓI, 2015, p.78). Ele conclui o conto afirmando que algumas pessoas acreditam que a vida é apenas para satisfazer seus desejos, enquanto outras acreditam que a vida lhes foi

dada para entenderem como ela funciona e trocá-la, melhorá-la. Entretanto, ao tentarem melhorar essa vida, destroem o que lhes foi preparado. Já outras pessoas compreendem que a vida é para fazer o mesmo que Deus: o bem às pessoas e, assim, poderem viver em sua semelhança.

Quando escreveu *Uma confissão* (1882), Tolstói possuía outra visão sobre religiosidade. Nessa obra, ele explica sua relação com a religião desde os tempos de criança até os 54 anos (idade que tinha quando escreveu esse texto). Nesse percurso, o autor explica sua educação dentro dos princípios da Igreja Ortodoxa Russa, o que se devia a uma questão cultural, imposta pela família, que seguia tal costume. Também as escolas ensinavam o catecismo.

O fato de ter sido algo imposto já era, para ele, algo propício à instabilidade. Afirma, então, que até os 18 anos essa instabilidade foi frequente: desde a infância, ele começou a desacreditar na doutrina ensinada, mas continuava acreditando em algo que não sabia explicar. Aos 18, porém, Tolstói passou a desacreditar em tudo que lhe fora ensinado, e sua crença deslocou-se para o auto aperfeiçoamento – ainda que ele não soubesse, exatamente, no que isso consistia. Assim, começou com seu aperfeiçoamento moral e, depois, o geral, ou seja, suas atitudes diante das outras pessoas. Entretanto, essa ideia acabou se desviando e ele passou a querer se aperfeiçoar e se tornar mais forte, mais honrado, rico e importante que os outros. Apesar de ser algo comum na aristocracia, Tolstói afirma que a consciência dessa separação entre a vida aristocrática e a religiosa aconteceu já na infância.

Ele afirma que quando o irmão Dmítri decidiu seguir os rituais da Igreja Ortodoxa Russa, ele, familiares e outros conhecidos zombavam dessa atitude por ser muito rigorosa. Escreveu, então, que “estudar o catecismo e frequentar a igreja é necessário, mas não é preciso levar isso muito a sério” (TOLSTÓI, 2011, p.22).

Tolstói entendia que o desprendimento da fé acontecido com ele não foi diferente do que acontecia com os outros aristocratas. Em sua análise, a aristocracia vivenciava a doutrina religiosa apenas em ocasiões e/ou lugares específicos, sendo o cotidiano marcado por grandes diferenças e até mesmo atitudes contrárias aos preceitos religiosos. Por tais motivos, o escritor afirmou ser difícil diferenciar aqueles que possuíam fé e aqueles que não a possuíam. Ainda assim, essa dualidade na sua percepção não seguia os moldes tradicionais: para ele, os que possuem fé são majoritariamente pessoas “estúpidas, cruéis e imorais, que se consideram muito importantes” (TOLSTÓI, 2011, p. 22), enquanto virtudes morais, como honestidade, bondade e franqueza, são encontradas nos descrentes.

Assim, ele creditava sua salvação ao modo de vida dos camponeses, das pessoas simples que observava e que se tornavam uma inspiração em sua libertação da condição privilegiada da

aristocracia. A partir disso, poderia deixar de ser, em suas palavras, “um parasita” (TOLSTÓI, 2011, p.25).

Tolstói também relata momentos de depressão. Quando mergulhava neles, chegava a considerar o suicídio, mas se livrava desses pensamentos ao considerar a esperança de encontrar Deus. Pode-se afirmar, então, que a procura pelo divino é algo que o mantinha vivo. Assim, o próprio escritor concluiu que somente quando almejava encontrar Deus é que vivia e tinha vontade de viver: “teria me matado há muito tempo se não tivesse uma vaga esperança de encontrá-Lo. Pois eu só vivo, realmente vivo, quando sinto e procuro por Ele” (TOLSTÓI, 2011, p.28).

Essa incessante busca por algo etéreo teve fim quando julgou de fato ter encontrado Deus. A partir de então, voltou à fé com a Vontade (que optava por grafar com “v” maiúsculo), a mesma que tinha quando jovem:

> Voltei à fé naquela Vontade que me gerou e deseja algo de mim; voltei àquilo quando o principal e único objetivo de minha vida era me aperfeiçoar, isto é, viver de acordo com essa Vontade; voltei a acreditar que posso encontrar a expressão dessa Vontade naquilo que toda a humanidade produziu para se guiar no decorrer dos séculos que se perdem de vista, ou seja, voltei à fé em Deus, no aperfeiçoamento moral e nos mandamentos que transmitiram o sentido da vida. Só com uma diferença: naquela época tudo isso foi aceito inconscientemente, e agora eu sabia que não podia viver sem isso (TOLSTÓI, 2011, p.29).

Tolstói relata que, por muitas vezes, invejou o analfabetismo e a ignorância dos mujiques, pois acreditava que apenas com essas características era possível aceitar os preceitos da fé, já que apesar de compartilharem a crença na mesma verdade (à qual ele se vinculava anteriormente), algumas condições soavam-lhe como absurdos. Percebia, então, que a separação entre a verdade e a mentira era tênue – e não podia aceitá-la nessa inconstância.

Assim, desistiu da Igreja Ortodoxa Russa quando sentiu que o argumento que se dava para as questões que cercavam a vida não o satisfaziam ou iam contra a fé que vivenciava naquele momento. A primeira indagação que o fez repensar sua relação com a Igreja foi a salvação das pessoas de outras religiões, que eram consideradas “perdidas”. Entretanto, por meio da busca por sua fé, Tolstói conversou com várias pessoas de diferentes religiões e se recusou a acreditar que elas estavam na mentira, uma vez que viu, entre os não ortodoxos, valores morais elevados.

Outra contrariedade para ele era a violência preconizada pela própria Igreja. Além de tecer relações absurdas com guerras e execuções, ordenava-se aos ortodoxos hostilizar aqueles

que não compartilhavam da mesma fé. Ele recusou tais crenças por acreditar que a verdade surge a partir do amor e, então, passou a considerar: “que o próprio ensinamento religioso destrói o que deveria produzir” (TOLSTÓI, 2011, p.32).

Nesse ponto, é importante trazer a ilustração feita por Tolstói no conto *Kholstomier*. Retrata-se a vida de um cavalo chamado Kholstomier, castrado, malhado, velho e debilitado, que após cansar de ser maltratado pelos outros cavalos do estábulo e pelo cavalariço, conta sua história de sua vida, marcada pelas glórias do passado. Numa passagem, o cavalo, após refletir sobre a personalidade do cavalariço, pensou: “[...] para mim não é novidade sofrer para o prazer dos outros. Até passei a achar nisso certo prazer de cavalo. Deixe que ele se faça de importante, coitado. Afinal ele só faz pose de importante quando está sozinho, quando não vê ninguém [...]” (TOLSTÓI, 2015, p.25).

A partir desse trecho é possível destacar duas características da moral tolstoiana: a passividade do cavalo frente ao comportamento do cavalariço e a característica pessoal do próprio cavalariço, que se “faz de importante” quando está desacompanhado. No primeiro caso, a passividade frente a situações adversas é um traço peculiar da educação pacifista tolstoiana. Essa concepção não significa, todavia, que a moral pregue o pacifismo absoluto. Há, sim, a preconização à não violência física. No caso de um cavalo que não pode falar, ou seja, dialogar, o pacifismo tolstoiano denota-se como aceitação e humildade, sem revide. Assim, noutra passagem, ao ser maltratado novamente, ele teve a mesma passividade, que justificou por entender que estava ali para o amor e para o trabalho.

Quando era maltratado, principalmente pelos cavalos mais jovens, Kholstomier se questionava se teria culpa por ser velho, magro e feio; já em momentos tranquilos, quando pastava solitário, tinha a certeza de que deveria expiar seus pecados, pois já havia vivido sua vida e precisava pagar por ela. Mesmo concordando com tal responsabilidade, sentia-se humilhado, triste por ver outros cavalos o maltratando por uma condição que também os esperava no futuro.

O castrado malhado acreditava, então, que havia sentimentos que impulsionavam os cavalos jovens a serem cruéis. Um deles, o principal, era o sentimento aristocrático: um senso de superioridade, causado pela crença de distinção da linhagem. Naquele estábulo, enquanto Kholstomier não tinha linhagem reconhecida e fora comprado numa feira por baixo custo, todos os demais descendiam do famoso Smietanka.

Convém destacar o questionamento de Kholstomier sobre propriedade. Quando ouve dos humanos que ele, o cavalo castrado malhado, é propriedade de alguém, ele se questiona

sobre o sentido de propriedade dos humanos. Em seguida, explica aos outros cavalos que o escutavam:

> O significado delas é o seguinte: as pessoas não se orientam na vida pelas ações, mas pelas palavras. Amam não tanto a possibilidade de fazer ou de não fazer algo, quanto de fato a possibilidade de falar de diversos assuntos usando palavras convencionadas entre elas. Palavras consideradas muito importantes pelas pessoas são 'meu', 'minha', que aplicam a diversas coisas, criaturas e assuntos, até a terras, a pessoas e cavalos. Combinaram que, para cada coisa, só uma pessoa pode dizer 'meu'. E, nesse jogo combinado entre elas, quem diz 'meu' sobre o maior número de coisas é considerado a pessoa mais feliz. Por que é assim eu não sei; mas é assim. Passei muito tempo tentando explicar isso por alguma vantagem direta que tivessem; mas esse esforço não deu em nada.
> Muitas pessoas que, por exemplo, me chamam de 'meu cavalo' não montam em mim, quem montava em mim eram outras, bem diferentes. Quem me dava comida também não eram elas, mas outras pessoas. Quem me tratava bem também não eram elas, as que me chamavam de 'meu cavalo', mas os cocheiros, os ferradores e pessoas estranhas em geral. (TOLSTÓI, 2015, p.47).

Kholstomier assevera, ainda, que o conceito "meu", tão utilizado pelos humanos, é um instinto baixo, bestial, ao qual se dá o nome "direito de propriedade". Para sensibilizar ainda mais os outros cavalos, acrescenta alguns exemplos: o de um comerciante que diz "minha loja de lã", mas sequer pode usar as roupas da melhor lã que existe em sua loja; pessoas que chamam a terra de "minha", mas nunca cuidaram dela, nem mesmo a viram, porque outros trabalham em seus cuidados. A partir dessas constatações, o cavalo conclui que os humanos regem suas vidas pelas palavras, diferentemente dos cavalos, que se guiam pelas ações. Seu lamento, então, culmina com uma afirmação contundente: mais do que as características que o faziam ser ignorado pela maioria dos humanos e dos cavalos (ser malhado e castrado), era infeliz porque ele, criatura viva e de Deus, estava impositivamente colocado no papel de pertence de um humano.

Assim, num tom de desesperança para a humanidade, o conto termina com a comparação entre o que resulta da morte de um cavalo e a de um humano. Enquanto a primeira proporcionava carne, couro e ossos úteis para animais e humanos, a segunda prestava apenas para dar trabalho aos outros humanos.

Ainda a respeito do mesmo tema, em *A morte de Ivan Ilitch*, Tolstói reflete acerca da falsidade dos membros da aristocracia e dos interesses individuais despertados pela desgraça de seus membros (em especial dos funcionários públicos, personagens retratados na novela). Não só os supostos colegas de Ivan cobiçam sua morte, mostrando-se pouco preocupados com a forma como ele viveu, mas sua própria esposa percebe com ganância a possibilidade de herdar

os bens e os benefícios oriundos da morte do companheiro. Assim, quando Ivan foi promovido a um emprego de terceira classe, esposa e familiares começaram a tratá-lo de outra maneira, e ele próprio revestiu-se com o sentimento e o prazer da vaidade de ter deixado um cargo de quinta classe.

A descrição da vida de Ivan traz algumas semelhanças com a biografia de Tolstói. Dentre elas, podem ser relacionadas a vida aristocrática, o prazer no jogo, a difícil convivência com a esposa e a escolha de passar o menor tempo possível com a família. Noutra passagem que traz pelo menos uma correspondência com a vida real, o autor declara que Ivan Ilitch, enquanto estudava direito, fez coisas das quais se envergonhava. Entretanto, o próprio personagem considera que não apenas ele, mas grande parte da aristocracia incorria nos mesmos erros; portanto, poderia se sentir menos culpado, pois se encaixava forçosamente na normalidade.

Ivan também é descrito como alguém com sentimentos conflitantes, mas perfeitamente adequados à vida aristocrática. Apesar de ser honesto, espirituoso e brincalhão – características tais que o destacavam na aristocracia e no bom desempenho do trabalho como funcionário para encargos especiais e, posteriormente, como juiz de instrução –, sentia prazer ao ver acusados ou testemunhas diante de si e notar que aquelas pessoas estavam em suas mãos. Ainda assim, não abusava de sua autoridade. Internamente, porém, ao apenas sentir que as pessoas diante dele estavam cientes de sua autoridade, envaidecia-se.

Uma passagem específica dá contornos ao contexto: “Tudo ocorria de mãos limpas, de camisa limpa, com palavras francesas, e, sobretudo, na mais alta sociedade, por conseguinte com a aprovação das pessoas altamente colocadas” (TOLSTÓI, 2009, p.20). A expressão “com palavras francesas” sustenta que tudo acontecia conforme os costumes e em seus devidos lugares. Além disso, reafirma a expressiva influência da língua francesa na aristocracia russa, conforme já se detalhou.

Por sua vez, o direito das mulheres também está marcado na obra. A filha mais velha de Ivan não estudava; entretanto, o menino cursara o ginasial, por imposição da mãe, e Ivan desejava que o garoto se dedicasse à carreira jurídica, tal como ele mesmo fizera: “[...] o filho estava no ginásio, preparava os deveres com a ajuda de repetidores e estudava com exatidão aquilo que se ensinava nos ginásios” (TOLSTÓI, 2009, p.34). Mais adiante no texto, quando Ivan é promovido e escolhe uma nova casa para a família, destaca-se que haveria, na nova residência, um quarto de estudos para o filho – o que indica a exclusão da filha mais velha dos estudos e os estudos do menino além ginásio.

Ainda no âmbito familiar, na terceira parte do livro, Tolstói menciona alguns costumes aristocráticos para ambientar a narrativa. Na primeira ocasião, após o jantar, a família se reúne para a leitura do livro em voga na época; na segunda, há a presença do teatro como prazer estético e educativo.

Quando adoece, Ivan começa a ponderar sobre a vida e a morte e sente revolta quando percebe a indiferença da família e dos amigos quanto à sua condição. Apesar de estar cercado pelos familiares e supostos amigos, Ivan experimenta o sentimento de solidão, consciente de que as pessoas ao seu redor se interessavam mais em sua morte do que em sua cura.

Entretanto, ao invés de reagir com agressividade, Ivan opta pela aceitação – assim como Kholstomier, o cavalo do conto de 1885. Há um trecho específico em que o ex-funcionário público declara: "Eu vou primeiro, eles vão depois; hão de passar pelo mesmo que eu" (TOLSTÓI, 2005, p. 47). Cabe lembrar que Kholstomier tece a mesma reflexão em condições semelhantes: estava velho, magro e sob o jugo de outros cavalos.

É apenas com o ajudante de copeiro Guerássim, com seu companheirismo e paciência no momento de agonia, que Ivan sentia-se amado. Posteriormente, pôde sentir esse mesmo amor com o filho mais novo. O serviçal era o responsável por levar e higienizar o vaso com as excreções de Ivan, conforme se lê: "Foram feitas também adaptações especiais para as suas excreções, e cada vez isto constituía um sofrimento. Sofrimento por causa da sujeira, da indecência e do cheiro, da consciência de que outra pessoa devia ter participação naquilo" (TOLSTÓI, 2005, p.53). Ivan pedia desculpas por aquela situação horrível e constrangedora, mas o ajudante sempre se mostrava à disposição: "Imagine! – Guerássim fez cintilar os olhos e arreganhou os dentes jovens e brancos. – Por que não me esforçar? O seu caso é de doença" (TOLSTÓI, 2005, p. 54).

Guerássim também agia para aliviar a dor de Ivan. Apoiava os pés do doente em seus ombros, fazendo-os ficar erguidos, e em várias vezes o enfermo acabava por adormecer nessa posição. Quando Ivan questionava-o se estava cansado, o ajudante tranquilizava-o, afirmando que poderia descansar depois. Assim, acolhia o moribundo e sua dor. Tal dedicação de Guerássim exprime as mesmas virtudes que Tolstói estimulava em seus escritos morais: o trabalho feito com dedicação, o auxílio aos necessitados.

De igual maneira, é possível deduzir que o escritor montava seus personagens e histórias para realçar a igualdade entre os homens. No caso em questão, Guerássim não podia escolher entre participar ou não da tarefa de limpar os excrementos de Ivan, pois sua condição social exigia esse tipo de atividade. Ainda assim, ele se mostra solícito e gentil naquele difícil

momento – situação diferente dos membros da aristocracia que outrora cercavam Ivan, agora doente e indignado.

> Guerássim era o único a não mentir, tudo indicava que era também o único a compreender do que se tratava, e que não considerava necessário escondê-lo, e simplesmente tinha pena do patrão fraco, em vias de se acabar. De uma feita, até disse francamente, quando Ivan Ilitch o mandava embora:
> – Todos nós vamos morrer. Por que então não me esforçar um pouco? – expressando assim que o trabalho não lhe pesava justamente por ser feito para um moribundo, e que tinha esperança de que também para ele alguém faria aquele trabalho, quando chegasse o seu dia (TOLSTÓI, 2005, p. 56).

A morte, um tabu ainda na contemporaneidade, foi trabalhada por Tolstói com destaque à negação. No momento de agonia de Ivan, todos ao redor continuavam mentindo, negando a chegada da morte: "O sofrimento maior de Ivan Ilitch provinha da mentira, aquela mentira por algum motivo aceita por todos, no sentido de que ele estava apenas doente e não moribundo, e que só devia ficar tranquilo e tratar-se, para que se sucedesse algo muito bom" (TOLSTÓI, 2005, p.55). Assim, para o autor, ainda que se tenha medo da morte e se saiba que ela é inevitável, finge-se a todo momento; mesmo quando há indícios de sua proximidade, afirma-se que ela demorará anos para nos alcançar.

Nessa novela, Tolstói apresenta os extremos: é com a chegada da morte que Ivan começa a refletir sobre a vida: questiona Deus sobre o motivo daquela doença, observa a hipocrisia das pessoas que o rodeavam e a mentira nada consoladora que elas contavam sobre sua cura. Porém, a principal reflexão é sobre a vida que teve até ali. Ao voltar ao passado através das memórias, viu que na infância teve muitos momentos bons, e esses momentos de felicidade, de verdadeira felicidade, diminuíram com o passar do tempo, chegando à escassez nos seus últimos dias de vida.

Em seus pensamentos, uma difícil questão emergiu: teria vivido corretamente? Por mais que quisesse negar a resposta, percebeu que não vivera a busca pela sua real felicidade, mas apenas seguira o fluxo. A partir do que entendia que era felicidade para os demais membros da aristocracia, os bem-sucedidos, Ivan tomara escolhas, seguindo um padrão de felicidade hipócrita que agora o fazia agonizar. A presença de um sacerdote e a confissão atenuaram as dores morais que, segundo ele mesmo, eram maiores que as físicas. Assim, após a confissão, sentiu atenuar suas dívidas.

Por fim, Ivan Ilitch vê a necessidade de libertar a si e aos outros daquele sofrimento, mas, ao procurar o medo da morte quando ela se aproximava, não o viu surgir. Concluiu, então,

que essa ausência se dava porque também não exista a morte: “Em lugar da morte, havia luz” (TOLSTÓI, 2005, p.76).

Noutro texto, a novela *A sonata a Kreutzer* (1891) o mesmo tema é trazido a partir de outras nuances, incluindo agora a violência. Numa viagem de trem, o protagonista, Pózdnichev, após participar de uma discussão sobre amor com outros passageiros, descreve ao narrador, que estava sentado em sua frente, o caminho de pensamentos e atitudes que o levaram ao assassinato de sua própria esposa.

Num quase monólogo, Pózdnichev apresenta suas percepções sobre as mentiras que se entrelaçam a amor, sexo, casamento, filhos, relações sociais aristocráticas e relação homem/mulher. Nesse contexto, é relevante destacar o processo de escolha do título à novela. Há uma música homônima, *Sonata a Kreutzer*, composta pelo alemão Ludwig von Beethoven, cujas características também são notadas na narrativa, conforme se analisa a seguir.

A música foi inicialmente tocada por Beethoven e o violinista George Bridgetower, mulato, filho de ex-escravo. Entretanto, um comentário do violinista sobre uma mulher do círculo de amigos de Beethoven suscitou uma discussão entre a dupla. Enfurecido, Ludwig exigiu que o parceiro devolvesse a partitura da música – ora intitulada *Sonata per um mulaticco lunattico*. Em seguida, Beethoven alterou o título para *Sonata a Kreutzer*, que apesar de ser um dos mais famosos violinistas da Europa, nunca conseguiu tocar a sonata. Já George Bridgetower faleceu no anonimato num asilo para indigentes em Londres em 1860.

Uma hipótese para a escolha de Tolstói é que essa sonata conta com momentos ora calmos, ora acelerados, porém sempre em notória harmonia. Os momentos frenéticos surgem de súbito, o que se assemelha à dinâmica da conturbada relação entre Tolstói e sua esposa, Sófia, cuja personalidade está claramente expressa na novela. Nesse sentido, Bartlett (2013) ressalta uma passagem da biografia de Tolstói, que mesmo ocorrida após a escrita da novela, revela um aspecto do comportamento do escritor presente em *Sonata a Kreutzer*. Logo após a morte de seu filho mais novo, Ivan Lievitch Tolstói (1888-1895), o escritor tinha surtos de ciúme da esposa com Tanéiev, o pianista, que auxiliava a mãe a passar pelo luto. Assim, os ataques passionais de Tolstói desestabilizaram a relação conjugal.

Tolstói inicia a novela com duas passagens do Evangelho:

> Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela (Mateus, 5:28).
> Disseram-lhe seus discípulos: ‘Se assim é a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar’. Ele, porém, lhes disse: ‘Nem todos podem receber esta palavra, mas *só aqueles* a quem foi concedido. Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos

> homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o' (Mateus, 19:10-12)[36].

É possível perceber que Tolstói baseou-se nas lições do evangelho para tecer as reflexões da novela, que se desenvolvem a partir de uma conversa entre os passageiros de um trem quando debatem os temas casamento e divórcio. Um senhor defende que não pode haver divórcio, já que a mulher deve temer seu marido e a ele se subordinar; quanto à afeição, ainda que ela não o ame no início do casamento, certamente o amará um dia. Por sua vez, a única mulher da cena afirma que não se pode juntar duas pessoas sem amor e que apenas esse sentimento santifica o matrimônio. Entretanto, o protagonista começa a questionar o amor: o que seria o amor? Por quanto tempo ele dura? Com base em sua própria experiência, ele definitivamente não acredita na existência do amor. Assim, deixa claro, para os outros passageiros, que o amor que mencionavam existia apenas nos romances; em sua percepção, todos os homens amam todas as mulheres bonitas. Mesmo quando os demais argumentam sobre a afinidade espiritual entre marido e mulher, ele afirma que não é essa a causa que os faz dormirem juntos – mas, sim, a relação carnal, que sequer envolve amor. Sobre a existência de matrimônios, ele diz:

> Existem. Mas, vejamos somente, por que eles existem. Eles existiram e existem entre as pessoas que veem no matrimônio algo misterioso, um enigma que estabelece uma obrigação perante Deus. Eles existem entre gente assim, mas não existem em nosso meio. Em nosso meio, as pessoas se casam não vendo no matrimônio nada além de um acasalamento, e disso resulta um embuste ou uma violência. Quando há embuste, isto se tolera mais facilmente. O marido e a mulher apenas enganam as pessoas, fingindo-se em estado de monogamia, mas vivem na realidade em poligamia e poliandria. Isto é ruim, mas ainda funciona; mas quando, como ocorre com maior frequência, o marido e a mulher assumiram uma obrigação exterior de viver juntos a vida inteira e, já no segundo mês, odeiam-se, querem separar-se e, apesar de tudo, vivem em comum, resulta disso o inferno terrível, em consequência do qual aparecem bebedeiras, assassínios, o envenenamento de si mesmo ou do cônjuge [...] (TOLSTÓI, 2010, p.19).

Na conversa com o narrador, Pózdnichev descreve sua história, desde antes do casamento até o crime, e os contornos dos fatos são nitidamente coincidentes às vidas de personagem e de criador. Enquanto solteiro, há o convívio com os homens aristocratas, cujas vidas são marcadas pela devassidão e, como todos viviam a mesma experiência, acreditava-se

---

[36] "Conforme tradução de Theodoro Henrique Maurer Jr. para a edição brasileira da *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo, Paulus, 2002, pp. 1.712 e 1.738)" (TOLSTÓI, 2010, p. 7. Nota da tradutora).

que aquilo era o correto. Assim, pode-se notar, também, alguma semelhança entre Pózdnichev e Ivan Ilitch. Para o primeiro, a devassidão não é o desregramento físico, ela "está justamente na libertação de si mesmo de uma relação moral com a mulher com quem se entra em contato físico" (TOLSTÓI, 2010, p.22). A partir disso, ele começa a discorrer a respeito da falsidade feminina e a relação entre homens e mulheres.

Ainda em *Sonata a Kreutzer*, o protagonista também relata sua adolescência. Já aos quinze anos começou a frequentar bordéis, o que entende ter sido uma profanação a si e às mulheres. À época do acontecimento, apesar de se sentir mal, não acreditava que a atitude fosse errada, mas, a partir de então, nunca mais pôde ter uma relação pura com alguma mulher. Em seu entendimento, todo homem que saiu com várias mulheres apenas por prazer não é mais uma pessoa normal, mas um libertino. Pózdnichev, então, mostra-se indignado com a hipocrisia e o costume aristocrático que transfigurava os homens.

Nos bailes da alta sociedade, eles deveriam aparecer muito bem vestidos e perfumados a fim de conhecerem mulheres para casar, como se fossem símbolos de pureza, mesmo que todos soubessem de suas práticas libertinas. Ainda assim, a eles deveriam ser entregues mulheres puras, sem que sequer se questionasse se eles tinham doenças sexualmente transmissíveis. Nas suas palavras, "Eu chafurdava no pus da devassidão e, ao mesmo tempo, examinava as moças, procurando as que fossem dignas de mim, pela sua pureza. Muitas eu recusei justamente por não serem suficientemente puras para mim [...]" (TOLSTÓI, 2010, p.27). Sob sua ótica, a sociedade faz questão de esconder essa situação das moças puras, com idade para casar, e então elas acreditam não haver devassidão em seus pretendentes. Assim, acreditam fatalmente na mentira que lhes é dita, pois são educadas a se importarem exclusivamente com a conquista de um noivado.

Quanto às mães – que já conhecem a devassidão dos homens –, Pózdnichev pondera que elas ensinam suas filhas a conquistar pretendentes por meio do corpo, de vestes sensuais e, assim, compara a vida da aristocracia aos bordéis: os mesmos objetivos dos homens para com as mulheres, as mesmas vestimentas, a mesma sensualidade. Ele atribui todos esses fatos ao poder que a mulher tem no mundo, o poder de sedução, desenvolvido após anos de humilhações como forma de vingança:

> [...] por um lado, é absolutamente certo que a mulher foi levada ao último grau da humilhação e, por outro lado, ela tem o poder nas mãos. As mulheres procedem exatamente como os judeus, que se vingam por meio do seu poderio financeiro da opressão que lhes é infligida. "Ah, vocês querem que nós sejamos apenas comerciantes. Está bem, nós comerciantes havemos de dominar vocês" – dizem os judeus. "Ah, vocês querem que nós sejamos

> apenas objeto de sensualidade, está bem, nós, justamente na qualidade de objeto de sensualidade, havemos de escravizar vocês" – dizem as mulheres (TOLSTÓI, 2010, p.34).

Para Pózdnichev, por mais que a sociedade finja que são os homens que possuem o domínio sobre as mulheres, na realidade, acontece o contrário. Não só os homens, mas o comércio também é voltado, principalmente, para o universo feminino. Ele ainda expõe o seu medo das mulheres, pois agora as vê como sinônimo de ameaça, e acredita que mulheres deveriam ser proibidas de usarem roupas sensuais, com ombros e colo de fora (roupas típicas da época), por representarem perigo.

Esse personagem casou-se por costume, mas diferentemente dos outros aristocratas, ele não casou por dinheiro ou posição social; seu matrimônio deveu-se pelo simples hábito de formar casais. Por isso, havia acreditado que manter-se-ia monogâmico, seria um homem decente. Ainda assim, apesar da esperança, ele descreve a lua de mel como uma mentira. Para ele, essa etapa é um tédio, chegando a compará-la ao ato de fumar: no início, há náusea, mas finge-se sentir algo agradável. O prazer, então, chega tardiamente, e acontece somente quando os cônjuges já estão educados no vício – já que, para ele, o sexo é algo não natural. Para provar seu ponto de vista, ele afirma que a maioria das moças puras, ao se casar, chora quando pensa na lua de mel; portanto, não há necessidade de procriar e dar continuidade à raça humana.

Pózdnichev continua sua argumentação dizendo que, se se acredita que a humanidade vive para o amor, a bondade (como se prega há muitos anos), as paixões são as responsáveis por atrapalharem tal vivência; em contrapartida, quando ao se atingir tal ideal, não será mais necessário viver. Para ele, então, o amor carnal serve como válvula de segurança, pois a geração que não conseguiu atingir o ideal de bondade e de amor repassa sua responsabilidade para a outra, e assim sucessivamente.

Assim, as palavras do evangelho, presentes no início da novela, que indicam não cobiçar uma mulher são assim explicadas por Pózdnichev: a "mulher" citada no versículo não é apenas a mulher alheia, mas inclui a própria esposa. Não se poderia, portanto, cobiçar nenhuma mulher, já que o próprio casamento é uma licença para a devassidão.

Ao narrar sua história como homem casado, o protagonista afirma que o casal brigava, desde o início, nos momentos em que a sensualidade era interrompida. Quanto à esposa, seu nome sequer é revelado na trama. De toda forma, ele não via tais discussões como brigas passageiras, mas sim como a revelação do que ambos verdadeiramente nutriam. Com a volta da sensualidade, entretanto, os reais sentimentos voltavam a se ocultar.

Para Pózdnichev, com a gravidez e a amamentação, seria natural abster-se do sexo, tal como fazem os animais – mas nem esse momento é respeitado pelos humanos. Assim, a perversão surge e faz a humanidade transgredir a ordem da natureza. Para a mulher, restam apenas duas opções: ou deixa de ser mãe, tornando-se um "monstro", a fim de agradar o homem, ou, violando a natureza, torna-se ao mesmo tempo grávida, nutriz e amante.

Dessa maneira, ele conclui, é inútil e hipócrita pensar na liberdade, nos direitos da mulher, pois enquanto elas forem educadas para serem objetos de prazer dos homens, não adiantará nada a liberdade e seus direitos. Fazer isso é apenas uma forma de mascarar o verdadeiro sentimento dos homens com relação às mulheres. Dar-lhes-ão direitos, para assim continuarem fingindo que as respeitam. Pózdnichev compara a questão da mulher com a escravidão:

> É o mesmo que a escravidão. A escravidão não é senão a utilização por alguns do trabalho obrigatório de muitos. E por isso, para que não haja escravidão, é preciso que os homens não queiram utilizar o trabalho obrigatório de outrem, que o considerem um pecado ou uma vergonha. E no entanto, mudam de repente a forma exterior da escravidão, arranjam as coisas de tal modo que não se possa mais passar escritura de posse de escravos, e então imaginam e convencem a si mesmos que a escravidão não existe mais, e não veem e não querem ver que ela continua a existir, porque os homens gostam e consideram bom e justo utilizar o trabalho alheio. E visto que eles logo o consideram bom, sempre se encontra gente mais forte e mais esperta que os demais, e que sabe fazê-lo. O mesmo se dá com a emancipação da mulher. A escravidão da mulher consiste unicamente em que os homens querem e consideram muito bom utilizá-la como um instrumento de prazer. Bem, e ei-los que libertam a mulher, concedem-lhe toda espécie de direitos, iguais aos do homem, mas continuam a ver nela um instrumento de prazer, e assim a educam na infância e, depois, por meio da opinião pública. E eis que ela continua sendo a mesma escrava humilhada e pervertida, e o homem o mesmo senhor pervertido de escravos.
> Libertam a mulher nas escolas e nos parlamentos, mas olham-na como um objeto de prazer. Ensinem-lhe, como ela foi ensinada em nosso meio, a olhar assim para si mesma, e ela sempre permanecerá um ser inferior (TOLSTÓI, 2010, p.50).

Quanto à mulher aristocrata, Pózdnichev afirma que sua opção é tornar-se um "monstro", já que não amamenta o próprio filho e, aproveitando-se das necessidades, pobreza e ignorância de uma mulher nutriz, faz com que ela deixe o próprio filho para amamentar o seu. Quanto à prole, em si, afirma que os filhos são um tormento e que as mães sabem disso, pois aquelas que optam por não terem filhos pensam apenas em seu sofrimento ao imaginarem o filho doente, por exemplo. Assim, sob sua concepção, as mulheres dão mais valor aos sofrimentos que o filho pode causar do que ao amor que eles poderiam desenvolver.

Em seguida, ele admite que a criação das crianças é um sofrimento e reproduzir-se não é necessário para a aristocracia. Os filhos, então, são necessários somente para os mujiques, que precisam deles para o trabalho – e, assim, têm uma justificativa para as relações conjugais.

Em sua própria experiência, ele e a esposa liam, dia após dia, e descobriam novas regras para educar as crianças: o que dar de beber, de comer, o que vestir, enfim, mas quando as crianças ficavam doentes, e o que antes ele julgava ser apenas um sofrimento, tornava-se um suplício. Acrescenta, ainda, que quando os filhos ficavam doentes, as mulheres deveriam ser totalmente seres humanos, abandonando seu lado animal e buscando somente a ajuda de Deus, pois, para ele, quem ajudava na devassidão da humanidade era a ciência, mais precisamente os médicos – que ele citará em várias falas da novela.

Ainda sobre os filhos, ele relata o tormento que é ter de educá-los quando crescem. A família, no caso de Pózdnichev, precisou sair do campo e ir para a cidade, pois os filhos deveriam ingressar na universidade (fato que aconteceu também com a família Tolstói), o que não desobrigava a família de permanecer com os professores e governantas.

O passageiro também fala dos perigos das convenções sociais, como os bailes, por exemplo, e a proximidade ocasionada pela arte, principalmente a partir da música, que julga ser a mais nobre das manifestações artísticas. Em especial, com a música é que acontecem os maiores números de adultérios na sociedade aristocrática: ele mesmo admite que a música o transforma, e tal influência é comparada ao bocejo: não se tem vontade de bocejar, mas se boceja ao ver outro bocejando, ou seja, faz-se aquilo que não se tem vontade de fazer. Dessa forma, ele acredita, paradoxalmente, que a música também pode levar à perdição ao mesmo tempo em que é considerada por ele a mais nobre manifestação artística.

Ao pensar na possibilidade de a esposa o trair com o violinista – evento que nunca foi comprovado –, ele assume que era terrível o seu estado de ciúmes. Queria, inclusive, ter direito sobre o corpo de sua mulher como se fosse o seu próprio, mas tal possibilidade não só não existia, como a esposa também poderia usar o corpo da forma como bem entendesse, o que poderia diferir brutalmente de seus desejos.

Interessante destacar a importância que a aparência tem para esse personagem. Quando ele decidiu regressar de uma viagem, sem aviso prévio, a fim de flagrar sua esposa em adultério, Pózdnichev tira as botas na soleira de casa. Afirma ter acionado seu estado de fera, entretanto, ao adentrar a sala de estar onde a esposa e o musicista estavam apenas jantando, correu em direção ao rapaz e quando ele fugiu, quis ir atrás: “mas lembrei-me de que seria ridículo correr de meias atrás do amante de minha mulher, e eu não queria ser ridículo, queria ser assustador”

(TOLSTÓI, 2010, p.98). Assim, preocupa-se com sua aparência, com a imagem que queria passar, que não necessariamente era verdadeira.

A mesma preocupação esteve presente quando a cunhada pediu que ele fosse visitar a esposa em seus últimos minutos. Num primeiro momento, relutou, mas: "Se é assim que se faz, tenho que ir" (TOLSTÓI, 2010. p.102). Antes de ir vê-la, preocupou-se e disse à cunhada: "é estúpido ir sem botas, deixe-me calçar pelo menos os sapatos" (TOLSTÓI, 2010, p.102).

Ele finaliza o relato de sua história com uma reconsideração. Somente quando olhou para as crianças e para o rosto da esposa, todo machucado, pôde percebê-la como um ser humano. De igual maneira, somente quando a viu já preparada para o sepultamento, no caixão, é que compreendeu seus atos.

Tanto em *A sonata a Kreutzer* quanto em *A morte de Ivan Ilitch*, o sofrimento é colocado como libertação espiritual. O trecho a seguir é exemplar nesse sentido: "[...] somente depois de sofrer como sofri, somente graças a isso compreendi onde estava a raiz de tudo, compreendi como tudo devia ser, e por isto vi todo o horror do que existe" (TOLSTÓI, 2010, p.23).

Como dito anteriormente, Tolstói passava por sua fase mística na década de 1880. Nesse período, o escritor se colocou contra o sexo não reprodutivo, à violência e aos ritos religiosos, defendendo a volta do cristianismo de origem, prerrogativas que o fizeram ser considerado um profeta pelos seus seguidores. Assim, uma compreensão plausível a respeito dos contos de 1880 é que Tolstói ensejava formular uma nova moral, uma vez que todos os contos reunidos na coleção *Contos Completos* de Liev Tolstói, intitulados *Contos Populares [Década de 1880]*, possuem teor religioso.

Pode-se perceber também, nesses contos, a forte presença da cultura russa da época. Para escrever os contos, Tolstói se inspirou também no folclore russo, predominantemente alicerçado na cultura camponesa.

Nesses escritos, também são mencionados fragmentos da cultura russa da época, como o pagamento dos dotes de casamento, o uso de casacos de pele de ovelha, botas e cobertores de feltro, as típicas casas camponesas, chamadas *isbá*, e o costume de dormir sobre a estufa, uma espécie de fogão a lenha. Além desses elementos, os contos fazem menção a outros povos que habitavam a Rússia, como os baskires, que eram "[...] alegres e tranquilos, passavam o verão inteiro em festa. O povo era todo moreno e não sabiam falar russo, mas eram amigáveis" (TOLSTÓI, 2015, p. 499). Além deles, o autor fala sobre a terra dos *khokhláti*, ou seja, a Ucrânia. Um dos seus personagens do conto *Dois Velhos* viu um homem "[...] com camisa enfiada na calça, à maneira dos *khokhláti*" (TOLSTÓI, 2015, p. 519). Outro povo citado é o calmuco: "O sapateiro foi andando pela estrada, com uma mão batia o cajado na terra congelada,

como faz um calmuco, com a outra mão sacudia as botas de feltro [...]" (TOLSTÓI, 2015, p. 405). Os primeiros, assim como os mujiques, também bebiam *kumis*, leite de égua ou camela fermentado, típico da Ásia Central.

Contudo, por meio da visão bakhtiniana, o que mais chama atenção nos contos não são somente as histórias em si, mas a escolha de linguagem que o escritor fez, a fim de ter como público-alvo as crianças camponesas. Para isso, Tolstói deixou de lado a linguagem aristocrática que empregou em *Guerra e Paz* e *Anna Kariênina*, por exemplo, e escolheu uma linguagem mais simples, com orações diretas, palavras no diminutivo, pois visava às crianças camponesas em processo de alfabetização.

Logo pelos títulos de alguns contos, percebe-se o teor religioso: *Do que vivem os homens?*; *Os dois irmãos e o ouro*; *Iliás*; *Onde está o amor, está Deus*; *Fogo aceso não se apaga*; *O Diabo insiste, mas Deus resiste*; *Meninas são mais inteligentes do que velhos*; *Um grão do tamanho de um ovo de galinha*; *De quanta terra precisa um homem?*; *O pecador arrependido*; *Dois velhos*; *Os três eremitas*; *A velhinha*; *Contos sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo*[37]*, e sobre a irmã muda Matânia, o Diabo Velho e os três capetinhas*; *Como um capetinha resgatou um pedaço de pão*; *O afilhado*; *O trabalhador Emelian e o tambor vazio*.

Desses 17 contos, sete possuem, como introdução, partes do Antigo ou do Novo Testamento, ou mesmo de ambos. Todos fazem referência aos ensinamentos cristãos, como podemos ver no final do conto *Um grão do tamanho de um ovo de galinha*: "As duas coisas aconteceram porque as pessoas pararam de viver do próprio trabalho, passaram a cobiçar o que é dos outros. No tempo antigo, não viviam desse jeito: no tempo antigo, viviam como Deus quer; tinham o que era seu e não queriam o que é dos outros" (TOLSTÓI, 2015, p. 489).

É provável que a expressão "no tempo antigo" remeta ao cristianismo de origem, tão defendido por Tolstói. Seus personagens do conto *Dois velhos* peregrinaram para Jerusalém, fato que serviu como base para que ele descrevesse o acontecimento da "missa dos outros" e depois da "missa ortodoxa". No conto *Os três eremitas*, ele descreve o poder do bispo que "salvou" as almas dos eremitas ao ensinar a oração do Pai-Nosso. Além disso, personagens como anjos e diabos aparecem nas narrativas: "E o corpo do anjo se desnudou, vestiu-se todo de luz, de tal modo que não era possível olhar para ele; e começou a falar mais alto, como se falasse do céu e sua voz viesse do céu" (TOLSTÓI, 2015, p. 432). Além disso:

[37] Barrigudo era o apelido dado aos mujiques ricos.

> O Diabo Velho ficou aborrecido porque os irmãos não brigaram por causa da partilha, mas entraram num acordo por amor. E então gritou para os três capetinhas: – Vejam só – disse –, são três irmãos: Semion Guerreiro, Tarás Barrigudo e Ivan Bobo. Eles tinham de brigar uns com os outros, mas vivem em paz: se dão bem e amigavelmente. O Bobo estragou todos os meus planos. Agora vocês três vão até lá dominem aqueles três e deixem todos tão perturbados que fiquem com vontade de arrancar os olhos uns dos outros. Podem fazer isso? (TOLSTÓI, 2015, p.565).

Esse último trecho também ilustra como o personagem Ivan Bobo é tolo quanto às coisas materiais (do mundo), mas inteligente no quesito espiritual. No caso, ele conseguiu dispersar o mal que o Diabo Velho estava implementando no momento da partilha das terras entre os irmãos. Já em *Onde está o amor, está Deus*, o autor retrata o personagem Avdeitch lendo a Bíblia:

> Avdeitch leu essas palavras e sentiu alegria na alma. Tirou os óculos, colocou sobre o livro, apoiou os cotovelos na mesa e pôs-se a pensar. E passou a avaliar sua vida segundo aquelas palavras. E pensou: 'Minha casa está assentada na rocha ou na areia? É boa, como se estivesse na rocha. E fácil ficar nela sozinho, parece que fiz tudo como Deus manda, mas se a gente se distrair, cai pecar de novo. Vou continuar sempre assim. É tão bom. Que Deus me ajude!' (TOLSTÓI, 2015, p. 447).

No mesmo conto, um dos personagens refere-se a Jesus como "Paizinho Cristo". A escolha por essa expressão remete-se diretamente à clareza que o autor tem quanto ao seu público-alvo. Conforme já mencionado, Tolstói objetivava dizer o certo e o errado de maneira simples, o que proporcionava fácil compreensão. A mesma opção de linguagem pode ser vista no conto *Meninas são mais inteligentes do que velhos*: "Malachka se assustou, viu o mal que tinha feito, pulou para fora da poça e correu para casa" (TOLSTÓI, 2015, p. 484). Nesse conto, a lição cristã vem como moral no final: "Quem não for como as crianças não entrará no reino de Deus" (TOLSTÓI, 2015, p. 485).

Além disso, o autor inclui em *Do que vivem os homens?* o provérbio da época: "Pode-se viver sem pai e sem mãe, mas não se pode viver sem Deus" (TOLSTÓI, 2015, p. 427). Com esse e outros trechos, ele reforça o cristianismo como base da nova moral que pregava.

É possível ver nos contos, também, as condições dos mujiques, bem como o julgamento, por parte de Tolstói, de como eles deveriam ser e se portar mesmo nas condições revoltantes em que viviam. A seguir, citam-se passagens em que um mujique fora ter com outro para cobrá-lo do que devia; noutra fala do mujique, a descrição da realidade dos camponeses "libertos" e

em outra, sobre o feitor da fazenda, excertos dos contos *Do que vivem os homens?; Dois velhos* e *A velhinha*, respectivamente:

> E eu por acaso também não passo necessidade? Você tem casa, animais, tudo, já eu, tudo que tenho está aqui; você tem seu próprio trigo, mas eu tenho que comprar... Faça o que fizer, eu tenho de pagar três rublos toda semana só pelo pão. Vou chegar em casa e o pão já foi comido; de novo tenho de ganhar mais um rublo e meio. Portanto trate de pagar (TOLSTÓI, 2015, p. 406).

> [...] E também a gente começou a ter vergonha de pedir: todo mundo estava em dificuldade, sem dinheiro, sem farinha, sem pão. Procurei trabalho para mim – disse o mujique -, mas não tem trabalho. O povo, em toda parte, se oferece para trabalhar só pela comida. Um dia de trabalho, dois dias andando para achar trabalho (TOLSTÓI, 2015, p. 523).

> Como é que vamos fazer agora? – disseram. – Ele vai arrancar nosso couro. Vai matar a gente de trabalhar: não tem dia nem noite, nem nós nem as mulheres temos descanso. Se alguma coisa não anda como ele quer, logo pula em cima, manda chicotear. O Semion morreu por causa dele. O Aníssim foi torturado no tronco [...] (TOLSTÓI, 2015, p. 552).

Mesmo assim, os camponeses deveriam seguir a honestidade, a ética e a justiça, trabalhar sem reclamações. Deveriam, também, aceitarem suas condições e sempre ajudarem o próximo, até mesmo seus senhores: “Trabalhamos na medida de nossas forças, trabalhamos com vontade, de modo que o patrão não sofra prejuízo, mas tenha lucro” (TOLSTÓI, 2015, p. 442).

Há diversas formas que o dinheiro possui ao longo dos contos, pois, como vimos no parágrafo anterior, é necessário que o patrão tenha lucro – já que ele fornece comida e moradia para seus trabalhadores. Contraditoriamente, o dinheiro é percebido como pecado no conto *Um grão do tamanho de um ovo de galinha*: “No meu tempo, ninguém pensava num pecado desses, vender o cereal, comprar, e a gente nem sabia o que era o dinheiro: tinha cereal à vontade, para todo mundo” (TOLSTÓI, 2015, p. 488).

Ainda em contradição, no conto *Como um capetinha resgatou um pedaço de pão*, o autor afirma que os camponeses devem colher apenas o necessário, pois é perigoso, para eles, o excesso de trigo e comida. Nesse texto, o personagem que obteve tal excesso foi alvo do capetinha, que assim explicou para o Diabo Chefe como se deu o sucesso em sua tarefa: “Eu apenas deixei que ele colhesse trigo em excesso. Esse sangue de fera está sempre dentro deles, mas não corre quando o trigo só cresce o necessário. Aí ele não lamenta perder seu último pedaço de pão, mas quando há pão de sobra ele começa a imaginar o que fazer para se divertir” (TOLSTÓI, 2015, p. 603).

Para Tolstói, o camponês deve trabalhar acima de tudo; basta trabalhar que toda sua condição se resolve: “É só trabalhar mais, dormir menos, que em qualquer lugar podemos ter roupa e comida” (TOLSTÓI, 2015, p. 627). Pedir esmola em nome do Cristo também é colocado como pecado, como escreve em *Dois velhos*: “E pedir esmola em nome de Cristo vai ser um pecado ainda maior” (TOLSTÓI, 2015, p.528). O trabalho, portanto, é o cerne da nova moral proposta por Tolstói.

É também possível notar contradições nas qualidades que o autor utiliza para construir seus personagens. No *Conto sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo, e sobre a irmã muda Malánia, o Diabo Velho e os três capetinhas*, Ivan Bobo, conforme já se mencionou é colocado como bobo para as coisas materiais, mas era assim que se tornava inteligente para as coisas espirituais. Mesmo depois de se tornar rei, Ivan deixou sua mordomia para continuar com o trabalho braçal e zombou do Diabo Velho quando este foi ensiná-lo a trabalhar com a cabeça, com a mente. Entretanto, em *O afilhado*, sabe-se que essas eram as qualidades do personagem: “[...] era forte, trabalhador, inteligente e pacífico” (TOLSTÓI, 2015, p. 606); assim, a inteligência passou a ser uma qualidade.

Outra questão que se pode destacar nesses contos é a figura da mulher, que aparece nos contos de maneira preconceituosa e submissa. Em *Iliás*, o personagem homônimo, ao ser questionado sobre sua vida, responde: “Se for falar com você sobre minha felicidade e infelicidade, não vai acreditar; é melhor perguntar à minha mulher; ela é mulher: o que traz no coração traz também na língua; ela vai contar toda a verdade sobre o assunto” (TOLSTÓI, 2015, p. 441). Aqui, fica clara a associação da mulher à condição de fofoqueira ou tagarela. Já em *Fogo aceso não se apaga*, o autor escreve: “No início, os mujiques caluniavam uns aos outros, depois começaram de verdade a pegar para si qualquer coisa que encontrassem largada fora do lugar. E assim as mulheres e as crianças aprenderam a fazer a mesma coisa” (TOLSTÓI, 2015, p. 464). Este trecho coloca as mulheres na mesma condição das crianças, como aquelas que, em fase de aprendizagem, copiam o que os mais velhos, os mais experientes – os homens – fazem.

Já em *Contos sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo, e sobre a irmã muda Malánia, o Diabo Velho e os três capetinhas*, quando Semion e Tarás vão ao pai pedir a parte da terra que herdariam, o pai pede que eles conversem com Ivan, pois ele e a irmã sustentavam a casa e usavam a terra. Entretanto, Malánia foi excluída da conversa, cabendo a decisão somente a Ivan.

Além desses, em *O afilhado*, o personagem homônimo descobre a traição do marido de sua madrinha e avisou-a; entretanto, foi penalizado por isso pelo padrinho com a desculpa: “Olhe – disse ele –, já faz um ano que o marido de sua madrinha deixou a esposa, vive na farra

com outras, e ela, por causa do desgosto, passou a beber, e a amante que ele tinha antes sumiu no mundo. Aí está o que você fez com sua madrinha" (TOLSTÓI, 2015, p. 612). Aqui, é possível afirmar que a moral deixada por Tolstói é: melhor seguir com uma situação que traz sofrimento para poucos do que prosseguir para aquela que afeta muitos.

Por último, no conto *Fogo aceso não se apaga*, a Justiça aparece em vários momentos, mostrando a mudança do sistema pós-libertação dos servos em 1861. Nesse momento, eles podiam recorrer à Justiça, como se lê nos trechos que retratam a briga entre duas famílias de mujiques: "E sua esposa se gabava com os vizinhos, dizendo que agora iam condenar Ivan na Justiça e ele ia para a Sibéria. E a inimizade não parou mais" (TOLSTÓI, 2015, p. 463); "E Ivan foi ao tribunal. O caso foi julgado pelo juiz de paz e pelo juiz do distrito. Enquanto eles eram julgados, sumiu a cravija da charrete de Gavrilo. As mulheres da casa de Gavrilo acusaram o filho de Ivan de ter pegado a cravija" (TOLSTÓI, 2015, p. 464). E quando Ivan foi ameaçado logo na saída do tribunal: "Senhores juízes! Ele ameaçou pôr fogo na minha casa. Podem perguntar, ele falou diante de testemunhas" (TOLSTÓI, 2015, p. 466).

Nesses contos, é possível ver a significação utilizada, ou seja, a forma como Tolstói utilizou o discurso para alcançar o tema moralidade. Em alguns casos citados, o contexto religioso não possui a mesma significação dada pela Igreja Ortodoxa Russa da época. Ao se conhecer o contexto histórico e as condições de produção do autor, bem como a forma como ele emprega a língua num determinado lugar, para uma determinada pessoa ou grupo, a respeito de determinado assunto, é possível concluir que as ideias que o escritor defendia iam contra os ideais da Igreja. Por isso, foi excomungado, mas tal condição não o fez parar de escrever e publicar textos contra as atitudes e rituais dessa instituição.

Volóchinov/Bakhtin (2017) cita a importância dos aspectos situacionais, já que, sem eles, o enunciado tem difícil compreensão. Porém, quando se pensa na compreensão de um enunciado, de um texto, deve-se questionar o sentido que está sendo expresso ali. O que se compreende, o que se tira de informação desse enunciado, não necessariamente foi o sentido dado pelo enunciador – que pode ser diferente também da compreensão de uma terceira pessoa, e assim por diante.

É muito simples compreender isso quando pensamos na oralidade: se se ouvir o enunciado "bobo", há vários sentidos possíveis para ser dado à palavra em conjunto com contexto histórico, podendo significar uma pessoa engraçada ou tola. Entretanto, no contexto histórico de Tolstói e por meio do estudo de sua biografia, o termo "bobo", para ele acaba por se tornar um elogio. Sua concepção atrela-se à concepção de que as pessoas são tolas por não se preocuparem com a moral, com o espírito. Esse entendimento está expresso, por exemplo,

no *Conto sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo, e sobre a irmã muda Malánia, o Diabo Velho e os três capetinhas*. De acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017), a palavra em si é neutra até ser enunciada, e é no contexto da enunciação que a palavra passa a ter sentido positivo ou negativo.

O filósofo, ainda, afirma que não existe um enunciado sem avaliação. Cada indivíduo avaliará, por meio do discurso interior, os enunciados. Por isso, há as múltiplas compreensões, pois as informações que chegam, passam por uma avaliação interna no indivíduo, juntam-se aos seus horizontes sociais[38] e se transformam em novas compreensões. É com o compartilhamento dessas avaliações, nas interações sociais, de forma dialética, que o horizonte social se amplifica e cria outras tantas compreensões, fazendo com que a língua esteja sempre em movimento, nunca estática, sem que para isso seja necessária uma convenção ou um tratado político para acontecer.

Em cada troca de enunciados, ou seja, em cada conversa de corredor, há a troca de signos ideológicos. Em decorrência disso, há mudanças em todos os sujeitos ali envolvidos a cada segundo de conversa: "Um sentido novo se revela em um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir" (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p.238).

Nesse sentido, Tolstói, ao se questionar sobre os ideais da Igreja Ortodoxa Russa, decidiu aprender grego, a fim de traduzir por conta própria o Evangelho de Jesus, dando ênfase às passagens do nazareno enquanto homem, em detrimento à sua trajetória como santidade. De acordo com Batlett (2013, p. 359):

> Não se trata de um mero resumo banal do Novo Testamento, pois Jesus Cristo no Evangelho segundo Tolstói é um cristão bem ao estilo tolstoiano: um homem comum que tem uma visão crítica da religião organizada, e que não tem medo de denunciar as tentativas de obstruir sua mensagem ética. O Jesus projetado por Tolstói é um cavaleiro solitário, um paladino nadando contra a corrente da opinião pública, um "humilde sectário" com quem o conde se identificava e em quem podia se espelhar como exemplo de conduta moral.

Convém ressaltar também o "discurso alheio", descrito por Volóchinov/Bakhtin (2017) como o discurso anteriormente enunciado que passará a compor a consciência do indivíduo, incluindo a significação das palavras. Um forte discurso alheio presente nesses contos de

[38] Podemos compreender por horizontes sociais grupos que compartilham do mesmo espaço/tempo social e as diferentes linguagens que resultam dessa interação. Um exemplo são as pessoas que possuem formação em Direito e possuem a mesma linguagem, o "juridiquês", a qual é incompreendida por pessoas de outros horizontes sociais que não possuem em seus grupos as mesmas definições construídas socio-historicamente.

Tolstói é o moralismo cristão. Porém, mesmo dentro do moralismo cristão, há também outros discursos alheios que, em compilação ao discurso interior, transformam-se noutros, e assim sucessivamente. Para Volóchinov/Bakhtin (2017), não existe passividade nas relações humanas: há sempre atividade no diálogo com outros e consigo mesmo; na leitura, por exemplo, o leitor não está apenas recebendo a obra, ele está com ela e consigo mesmo em movimento dialético.

Entende-se, portanto, que esse capítulo teve como finalidade expor a concepção de educação tolstoiana e a nova moral concebida por Tolstói. Assim, possibilita-se a compreensão acerca do formato e funcionamento da escola para camponeses, a “Iásnaia Poliana”, apresentada mais detalhadamente no capítulo a seguir.

5 IÁSNAIA POLIANA

A escola Iásnaia Poliana foi criada em 1859 por Liev Tolstói em sua propriedade de mesmo nome em Tula. Seu foco de atendimento eram os filhos dos camponeses, ainda servos nesse ano, libertos apenas em 1861. Diferente das escolas russas que existiam no campo, Iásnaia Poliana era gratuita e prezava pela liberdade, autorizando as crianças, e não os pais, a escolherem se frequentariam ou não a escola.

A biógrafa Bartlett (2013) informa que Tolstói não deixou claro em seu diário o motivo pelo qual decidiu abrir uma escola para as crianças camponesas, entretanto, conta-nos Rabello (2009) que, assim como Rousseau, Tolstói acreditava que a origem do pecado estava no desconhecimento do Bem, da moral libertadora. Dessa forma, uma possível interpretação da decisão de Tolstói de instruir o povo por meio de uma nova moral é a compreensão de que essa instrução libertaria o povo russo das mentiras aristocráticas imputadas, pois, para o escritor, a cultura simples do povo trabalhador e os princípios morais do antigo cristianismo eram a verdadeira forma de vida que toda a humanidade precisava seguir a fim de conquistar a liberdade e a ascensão espiritual.

Sabe-se, a partir da literatura, que mesmo entregando-se aos assuntos morais em sua fase mística, Tolstói trazia, já na juventude, questionamentos sobre o assunto, conforme se expôs no capítulo anterior. Mesmo com ideias menos desenvolvidas, se comparadas às da fase mística, a questão moral, principalmente a luta contra a mentira e hipocrisia da aristocracia russa, sempre foi pautada nas obras tolstoianas.

O contraste no cenário encontrado em sua própria casa, ou seja, o fato de ser aristocrata e possuir inúmeros servos, auxiliou Tolstói a refletir sobre a condição de vida daqueles que viviam junto dele. Bartlett (2013) traz a informação de que Tolstói lamentou o fato de a notícia de emancipação do servo ter saído nos jornais em 1861, mas os próprios camponeses não conseguirem lê-la. A partir disso, é possível perceber a preocupação de Liev Tolstói com a instrução dos camponeses, principalmente no que se referia à participação da população russa nos assuntos nacionais. Tolstói não via sentido em desenvolver o país para a minoria rica enquanto a condição de vida da grande população camponesa estava estagnada:

> Na década de 1850, menos de 6% da população rural era alfabetizada. Nas regiões rurais não existiam escolas públicas, nem mesmo no nível primário ou fundamental, e a pouca instrução que havia – oferecida por algum padre de vilarejo ou um soldado reformado (aprender a ler e escrever estava entre os poucos benefícios do serviço militar) – era primitiva e paga. Os professores

> ensinavam de maneira mecânica e pouco imaginativa, sem incentivar o pensamento, e aplicavam punições corporais. Os senhores proprietários de terras não tinham a obrigação de educar seus servos, e em um país onde os camponeses eram tratados como espécie subumana, não surpreende que poucos o fizessem. Tolstói não entendia qual era o sentido de introduzir na Rússia ferrovias, telégrafos e outras formas de modernização se a grande massa do país não tinha acesso à educação pública (BARTLETT, 2013, p. 184).

A ideia de uma escola para os filhos dos servos foi recebida por eles com desconfiança. Mesmo assim, a escola iniciou com 23 crianças, e no ano seguinte a escola possuía 50 alunos, sendo adultos e crianças de ambos os sexos. A escola, a princípio, era única em Tula. Entretanto, Bartlett (2013) afirma que em 1861 já se contabilizava em 20 o número de unidades da escola Iásnaia Poliana. A instituição, respeitando a característica trabalhadora dos alunos, fazia pausas no verão, período de colheita em que as crianças iam aos campos auxiliar os pais.

Em 1860, durante essa pausa, Tolstói fez sua segunda viagem internacional com a irmã a fim de ver o irmão Nikolai, na Alemanha, em tratamento para tuberculose acompanhado do outro irmão, Serguei. Aproveitando a estadia na Europa Ocidental, visitou alguns países para pesquisar sobre educação e observar os diferentes métodos de ensino espalhados pelo continente.

Tolstói desaprovou as pedagogias mecânicas e com punições físicas violentas que viu. Estudou *História da pedagogia*, de Karl Georg Von Raumer, Martinho Lutero, Montaigne, e se encontrou com Friedrich Froebel, fundador do sistema de jardim de infância, e com o escritor de *História natural do povo alemão com a fundação da política social alemã*, Wilhelm Heinrich Riehl, como dito anteriormente.

Na Inglaterra, em *Practising School do St. Mark's College*, localizado em Chelsea, Bartlett (2013) afirma que o escritor pediu aos alunos da classe 3B que escrevessem um ensaio, que foram analisados posteriormente por ele na Rússia. Na Bélgica, encontrou-se com Proudhon e com Joachim Lelewel. Visitou, também, escolas na Alemanha; em Weimar, contratou o professor de matemática Gustav Keller e, em Berlim, procurou por aquele que, segundo a autora, o influenciou a fundar uma escola para os camponeses: Berthold Auerbach, autor de *Uma vida nova* (1851).

Em 1862, Tolstói criou a revista pedagógica Iásnaia Poliana, na qual apresentava artigos pedagógicos, além de produções de textos das crianças, sempre com linguagem simples, a fim de alcançar mais leitores, especialmente os camponeses. Entretanto, o Ministério de Assuntos Internos começou a elaborar um dossiê sobre Tolstói por entender que as escolas do escritor eram centro de revolucionários, principalmente porque viram alguns professores de Iásnaia

Poliana envolvidos com as questões políticas do país. Juntamente com os vizinhos aristocratas do escritor, que viam com desgosto as ações dos educador em favor dos servos, o Ministério de Assuntos Internos concluiu o dossiê e, após a inspeção realizada na casa do escritor pela polícia, Tolstói saiu do cargo de juiz de paz assumido após a emancipação dos servos, abandonou a revista e foi a Samara cuidar da saúde.

Diferentemente da versão da biógrafa Bartlett (2013), Rubens Figueiredo (2013), ao escrever brevemente sobre o escritor no livro *Anna Kariênina*, explana que foi a falta de dinheiro que fez Tolstói fechar a escola e a revista pedagógica. Assim, passou a se empenhar nos romances.

Para Rabello (2009), a dedicação de Tolstói às atividades pedagógicas podem ser divididas em dois períodos: de 1858 a 1862 com interrupção no ano de 1860, quando viajou para o exterior, e de 1872 a 1875. Este último período foi dedicado à escrita, principalmente, do material escolar de Iásnaia Poliana que o escritor, segundo Bartlett (2013), afirmava ter se dedicado mais do que em *Guerra e Paz* (1863-1869).

A decisão de criar um material próprio para Iásnaia Poliana não surpreende. Ao analisar as cartilhas russas e os materiais usados pelos outros países da Europa que conheceu, Tolstói desaprovou seus conteúdos e decidiu ele mesmo criar um material para as crianças. Com isso criou *Cartilha* (1872), que possuía 758 páginas, que foi reprovada pelo Ministério da Educação russo. A obra era vendida com alto preço e o livro também não foi aceito para uso em escolas, mesmo Tolstói tendo escrito ao ministro da Educação, o conde Dmítri Tolstói, seu parente. O volume, então, recebeu críticas desde o conteúdo até a forma de impressão escolhida.

Apesar do infortúnio, escreveu na *Gazeta de Moscou* sobre os defeitos dos métodos de ensino utilizados na Rússia e em outros países da Europa. Posteriormente, professores visitaram Iásnaia Poliana para aprender os métodos de ensino do escritor e, no ano seguinte, ele pôde defender suas ideias e propor um experimento comparando sua metodologia com as utilizadas nas escolas comuns para o Comitê Literário de Moscou. Ainda, publicou em *Notas da pátria* um manifesto defendendo sua *Cartilha*, o que levantou debates sobre a educação popular na Rússia. Depois, com algumas alterações, Tolstói criou a *Nova Cartilha* (1875), que passou a ser um dos livros mais vendidos da Rússia no período:

> Publicada em fevereiro de 1875, rapidamente começou a ser recomendada pelo Ministério da Educação e tornou-se um campeão de vendas: teve 28 edições durante a vida de Tolstói, com tiragens superiores a cem mil exemplares e mais de um milhão vendidos. Nenhum outro livro escolar foi mais lido na Rússia pré-revolucionária. Entre as centenas de milhares de russos que se alfabetizaram fazendo uso do método de Tolstói, centrado na

> criança, estava a poeta Anna Akhmátova. O novo livro elementar, intitulado *Livro de leitura* e publicado mais tarde, em outubro de 1875, foi baseado nos textos usados na primeira edição. Uma vez que boa parte do primeiro livro da edição de 1872 tinha sido incluída na *Nova cartilha*, Tolstói escreveu doze novas historietas e fábulas para o primeiro dos quatro *Livros de leitura*. Elas tiveram recepção igualmente calorosa junto às crianças russas (BARTLETT, 2013, p. 257).

Teixeira (2017) afirma que em 1910, ano de falecimento do escritor, cerca de 30 milhões de exemplares das cartilhas já estavam em uso no país. Como lembra a autora, o objetivo educativo de Tolstói não era apenas o ensino da língua russa e matemática, mas principalmente o ensino para a liberdade, seguindo os ideais rousseaunianos. Por isso, prezava a busca voluntária pela educação, pois apenas com uma real vontade de aprender as crianças conseguiriam desenvolver a autodisciplina, a autonomia e a personalidade. Portanto, as crianças deveriam ser livres para fazerem e falarem o que quiserem, porém com limites úteis para o desenvolvimento pessoal, sem punições físicas, fazendo com que os alunos se desenvolvessem livremente, com respeito à individualidade natural de cada um deles.

A utilização dos castigos físicos, para Tolstói, servia apenas para afastar das crianças o gosto pelo estudo – apreço que Tolstói incentivava com ardor. Para que as crianças não perdessem o interesse pelo estudo em nenhum momento, as aulas se moldavam conforme a atenção delas, ou seja, se numa aula de história as crianças se interessavam por alguma questão de gramática, o professor migrava para o assunto de interesse, sem se preocupar em voltar para a matéria que estava ensinando anteriormente. Seguia-se, portanto, o fluxo de interesse dos alunos.

É importante destacar que Tolstói utilizava de diversas formas de ensino sem se prender a um método específico. Conforme nos afirma Teixeira (2017), ele acreditava que nenhum método era capaz de respeitar as individualidades de todos os alunos de uma única sala de aula.

Para ele, a escola não poderia se afastar da realidade do povo, pois deveria ensinar seus alunos o modo de se viver e, dessa forma, auxiliá-los nas necessidades que se apresentavam cotidianamente. Ensinar o que não fazia parte da vivência dos alunos seria, para Tolstói, habituá-los à hipocrisia, fazendo-os agir de maneira antinatural. Por isso, posteriormente, Tolstói enfatizou a inutilidade da ciência para a evolução da humanidade, como podemos ver na obra *Ciência moderna* (1898). Nela, ele afirma que o trabalhador fica esperando a ciência responder qual o modo como se deve viver, e ela o ignora, pesquisando coisas que não o auxiliam, como a distância entre a Terra e o Sol e o descobrimento de um novo elemento químico.

Simultaneamente, a autonomia e o trabalho são valorizados. Na obra *O trabalho, a morte e a doença (Uma lenda)* de 1903, autonomia e trabalho são colocados por Tolstói não apenas como formas de libertação, mas como forma de união, uma vez que nenhum indivíduo conseguirá, sozinho, realizar todas as funções para obter o que consome. É necessária, então, a união dos diferentes indivíduos, partindo da compreensão de que um precisa igualmente do outro, sem que haja hierarquia no trabalho, pois aquele que busca o serviço de um outro indivíduo assume que não é capaz de se autossustentar e reconhece, assim, a importância do trabalho dos outros.

Rompe-se, então, com a ideia de que aquele que possui muitas pessoas trabalhando para o sustentar é melhor e mais poderoso. Para Tolstói, aquele que depende do trabalho de muitos para viver é incapaz de se sustentar, iludido com a crença de poder sobre os outros, tornando-se, na realidade, um fardo para a sociedade.

Numa carta para Sófia, sua nora, esposa de seu filho Iliá, intitulada *Carta sobre educação*, de 1902, Tolstói dá conselhos de como ela deve educar os filhos e afirma que as crianças deveriam estudar o mínimo possível, pois se elas tivessem uma rotina exaustiva de estudos, não desenvolveriam gosto pelo saber. Mas, antes mesmo de se desenvolver o gosto pelos estudos, para ele é preciso que a criança compreenda que tudo o que ela usufrui é fruto do trabalho de outrem que não necessariamente a ama. A criança deve se envergonhar de depender constantemente do trabalho alheio para não se aproveitar dele. Sendo assim, Tolstói afirma ser necessário educar as crianças com autonomia, que elas sejam ensinadas a cuidar de si mesmas. Isso, para Tolstói, é muito mais importante para a felicidade da criança do que qualquer rotina de estudos.

Ainda na mesma carta, ele define os três pilares da boa educação: simplicidade, trabalho e autonomia. Com essa tríade, a criança é capaz de receber uma educação moral e cristã compreendendo que toda a humanidade é igual entre si, que todos são irmãos, sendo fundamental que os pais sirvam de exemplo para elas, pois não adiantaria passar esses ensinamentos para elas enquanto convivessem com pessoas que seguem a cultura aristocrática, que tratam os servos como diferentes, não como irmãos, fazendo com que se torne mais difícil mostrar a igualdade entre os homens. O escritor acredita que as crianças não podem aceitar a ideia de que algumas pessoas nasceram para mandar e outras para obedecer.

Pode-se explorar ainda mais o mesmo tema, que se repete numa carta para Biriukov, de 1901. Nela, Tolstói explana que o fato de os adultos esconderem suas vidas das crianças lhes prejudica a educação, pois os pais devem ser exemplo para elas. Como, em geral, eles não se colocam como exemplos a serem seguidos, levam as crianças a condições anormais: escolas

militares, institutos e internatos. Ou, ainda, imputam a elas a regra: “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Sobre tal regra, Tolstói afirma que as crianças deveriam ter a percepção dela de maneira inconsciente, ou seja, elas deveriam chegar a essa conclusão ao observarem seus pais e concluírem por si mesmas que as atitudes deles não são corretas.

Nessa correspondência, o escritor também fala que as escolas russas negligenciaram uma concepção religiosa da vida, não com relação à metodologia de ensino, mas sim como “guia de princípios de todas as atividades pedagógicas” (TOLSTÓI, 2011, p.360). Tal concepção religiosa seria, para ele, a união fraternal dos povos por meio do amor, da bondade e da caridade, devendo estar na base da educação. Para ele, quanto mais jovem for a criança, melhor os ensinamentos são aprendidos, porque elas possuem maior capacidade de aceitar as sugestões dos adultos.

Portanto, a primeira infância se torna a principal fase educativa, pois é nela que a criança é educada por meio de dupla persuasão: consciente e inconsciente. A primeira diz respeito a tudo que é ensinado às crianças, instrução e formação. A segunda é o que elas imitam, sobretudo as ações dos pais. Tolstói acredita que a educação inconsciente é mais importante que a consciente, mas percebe que a sociedade em geral valoriza mais a segunda, sendo apenas as famílias de trabalhadores pobres a se preocuparem com a educação inconsciente. Por esse motivo, Tolstói também cobrava dos professores de Iásnaia Poliana conduta exemplar.

Ainda na carta a Biriukov, Tolstói escreve que o ensino é a transmissão do que as pessoas inteligentes pensaram em três linhas de raciocínio: a filosófica/religiosa, que abarca o significado da vida, a empírica, por meio das deduções e observações metódicas, e a matemática que tira suas conclusões das teses elaboradas pelo próprio pensamento. Essas são as principais áreas da ciência para Tolstói, pois elas conectam as pessoas e são acessíveis a elas também.

Além dessas, Tolstói também descreve a ciência das línguas, artes plásticas, música e um ofício, totalizando sete disciplinas que devem ser ensinadas às novas gerações. A duração dessas disciplinas, juntamente com os horários de cuidados pessoais e da família (limpar, arrumar, cozinhar, cortar lenha), Tolstói afirma depender da individualidade de cada aluno. De toda forma, há o total de 16 horas por dia na escola, somados os intervalos e jogos, a depender de cada idade: quanto mais novos os alunos, maior a duração dos intervalos.

Tolstói afirma, também, que as crianças devem, primeiro, estudarem com os materiais mais acessíveis. Por exemplo, nas aulas de desenho, elas devem aprender com o carvão e o giz, e somente se algum aluno se destacar na área, é que lhe é apresentada a tinta a óleo e as telas.

Com relação ao ensino das línguas, para ele, quanto mais línguas puderem ser ensinadas, melhor, mas destaca o francês e o alemão, seguidos por inglês e esperanto. Ainda na carta para

Biriukov, diferente do que ele afirmava anos antes, Tolstói assegura que é preferível ensinar uma língua estrangeira antes da língua materna. No romance *Anna Kariênina* (1873-1877), por exemplo, Liévin não via sentido em ensinar francês para as crianças.

Com essas informações, é importante enfatizar como se dava o ensino na escola Iásnaia Poliana. Sendo assim, este capítulo será dividido em dois tópicos: A escola Iásnaia Poliana, em que serão apresentadas a estrutura, corpo docente e disciplinas, e o tópico Materiais de Iásnaia Poliana, dedicado aos trabalhos desenvolvidos por Tolstói especificamente para a educação. Neste capítulo, foram utilizadas as obras de Tolstói *Ciência moderna* (1898); *Carta sobre educação* (1902); *O trabalho, a morte e a doença (Uma lenda)* (1903); Das *Cartas de Tolstói [1895-1910]*; *Contos da Nova Cartilha; Primeiro livro russo de leitura; Segundo livro russo de leitura; Terceiro livro russo de leitura e Quarto livro russo de leitura.* Essas últimas cinco obras compõem o material para a escola escrito por Tolstói, os quais podem ser encontrados no segundo volume de *Contos Completos* (2015), lançado pela editora Cosac&Naify. Também escolhemos Teixeira (2017) e Rabello (2009), além de uma tradução do diário de Tolstói sobre a escola Iásnaia Poliana no período de novembro e dezembro de 1862, o qual encontramos na internet sem referência ao seu tradutor ou mesmo local de publicação[39].

5.1 A ESCOLA IÁSNAIA POLIANA

Encontramos na internet parte do diário de Tolstói sobre a escola Iásnaia Poliana, documento datado de novembro e dezembro de 1862, sem referência ao tradutor. Escolhemos esse material por ser aquele que mais traz descrições de suas atividades escolares. Ele está dividido em três partes: *1. Ensaio geral sobre o caráter da escola. Leitura mecânica e gradual. Gramática e escrita. 2. História Sagrada, História da Rússia, Geografia* e *3. Desenho e Canto*.

Na primeira parte, Tolstói esclarece que as crianças da primeira classe sabiam ler, escrever, conheciam as três primeiras operações matemáticas e a história sagrada, por isso, escolheu a seguinte ordem de aulas, que totalizava 12 disciplinas: Leitura mecânica e gradual; Escrita; Caligrafia; Gramática; História Sagrada; História da Rússia; Desenho; Desenho técnico; Canto; Matemática; Conversas sobre ciências naturais; Religião. Por dia, eram

[39] O documento pode ser encontrado no link: https://bit.ly/2TH5VLP.

realizadas cinco ou sete delas, que se iniciavam às 8h; às 14h, as crianças iam para casa almoçar, depois voltavam para as aulas da tarde, encerrando o dia letivo por volta das 20h ou 21h.

A escola tinha duas salas de aula, duas salas para os professores, um gabinete, e na ante-sala havia aparelhos de ginástica e banco de carpinteiro. O número total de alunos que frequentava a escola variava entre 30 e 40 crianças, a maioria meninos entre sete e treze anos, e as meninas entre três e cinco anos de idade. As turmas eram mistas, com meninos e meninas de idades variadas e, no ano de 1862, havia quatro professores. A escola também era frequentada por adultos, os quais, não raro, permaneciam apenas um mês na escola, incomodados pela forma de organização adotada, além de não se sentirem à vontade em meio às crianças:

> Para vir para a escola, precisa de ultrapassar o seu medo e rusticidade, suportar as zangas na família e a chacota dos camaradas. E, além disso, sente constantemente que cada dia perdido na escola é um dia perdido para o trabalho, seu único capital, e, por isso, sente-se nervoso devido à pressa e afinco que prejudicam o estudo. Na época sobre a qual escrevo; havia três adultos, agora estuda apenas um (TOLSTÓI, 1862, p. 11).

A biógrafa de Tolstói, Bartlett (2013), explica que os professores eram padres, ex-soldados e ex-universitários. Os professores de Iásnaia Poliana moravam na escola e recebiam dez rublos por mês, além da remuneração por publicarem na revista pedagógica. Não só os professores, Tolstói e os alunos de Iásnaia Poliana publicavam na revista, mas também pessoas externas à escola poderiam enviar seus artigos sobre educação.

Posteriormente, no ano de 1871, os filhos mais velhos, que estudaram em casa com os pais, passaram também a lecionarem na escola. Os filhos do escritor ensinavam aos alunos mais novos o alfabeto. Bartlett (2013) afirma que os mais velhos, Serguei e Tânia, de oito e sete anos de idade respectivamente, lidavam bem com suas funções, diferentemente de Iliá, cinco anos, que brigava constantemente com seus alunos e logo foi afastado do cargo.

Tolstói acreditava que os educadores deveriam se educar constantemente e proporcionarem ajuda mútua para alcançarem fortalecimento na construção moral. Para isso, reunia o corpo docente aos domingos, não apenas para discutirem sobre o trabalho realizado na semana, trocarem experiências e planejarem as próximas atividades, como também para discutirem maneiras de combate às suas próprias fraquezas morais.

Algo interessante sobre os professores, que o escritor relata, é o fato de eles (também Tolstói) apresentarem dificuldades em se adequarem ao ensino tolstoísta. Como traziam marcas da educação que receberam, não aceitavam com facilidade a liberdade e a desordem aparente,

fato que Tolstói encarava como uma grande falha. Outro inconveniente eram as constantes visitas de professores de fora, que apesar de atrapalharem a fluidez das aulas, sempre eram recebidos.

As crianças não levavam nenhum tipo de material e não faziam deveres em casa. Tolstói fez questão de ressaltar, no documento que ora se analisa, que a única coisa que as crianças precisavam levar era a sua natureza receptiva e a certeza de que ali encontrariam a alegria. Além de não levarem materiais, também não eram obrigadas a lembrar da aula anterior, nem eram afligidas pela ideia da aula que teriam, ou seja, as crianças não sabiam quais aulas teriam no dia. Para Tolstói, as crianças só deveriam pensar na aula quando estivessem nela. Também na escola as crianças que chegavam atrasadas não eram repreendidas porque se sabia que estas, geralmente, estavam fazendo algum serviço a pedido dos pais. O caso de não frequentarem determinadas aulas, segundo Teixeira (2017), era um indicador de qualidade da aula.

O professor também não reprimia as crianças e suas brincadeiras quando queria iniciar a aula. Conforme ele distribuía os livros, as crianças, percebendo a atitude que dava início às atividades escolares, sentavam-se e elas mesmas chamavam a atenção dos outros alunos que continuavam brincado. Tolstói ensina que é mais fácil que elas se acalmem sozinhas do que o professor as obrigar: Uma fala enérgica apenas agitaria ainda mais as crianças.

Para ele, quanto mais as crianças possuem conhecimento, mais percebem a necessidade da ordem e elas mesmas vão percebendo que, para estudar, são necessárias algumas condições. Além disso, assegura que quando uma situação está cômoda para o professor, então está errada, pois para romper com as antigas formas de ensino, o professor deve sair do comodismo. O ensino deve ser cômodo para as crianças e não para os adultos. A “desordem” é, para ele, meramente agitação.

Ele conta que, em várias vezes, acontecia de duas crianças brigarem e logo se sentarem juntas, como se nada tivesse acontecido – diferentemente dos casos em que o professor obrigava as crianças a se abraçarem, ou falava para uma ser melhor que a outra e não revidar. Tolstói acreditava, então, que as crianças chegavam a uma solução sozinhas. A escolha de castigar, ou não, cabia somente à família. A responsabilidade da escola, ele declara, era a da liberdade de estudar e de se relacionar: “O nosso mundo das crianças – pessoas simples e independentes – deve continuar a estar limpo do auto-engano [sic passim] e da fé criminosa na legitimidade do castigo, do auto-engano e da fé em que o sentimento de vingança se torna justo quando lhe chamam castigo” (TOLSTÓI, 1862, p.5). Entretanto, o escritor deixa claro que, por conta dos ensinamentos recebidos e enraizados, castigos aconteciam, embora raros.

As salas de aulas eram divididas por classes diferentes: as duas classes mais novas ficavam numa sala e a mais velha na outra, totalizando três classes no ano de 1862, as quais se uniam em algumas disciplinas como Desenho e História Sagrada. Não havia lugares fixos para se sentarem, o horário era flexível e eram previstas quatro aulas até o almoço, porém, por decisão dos alunos e professores, não era incomum haver menos aulas, com duração maior.

Inicialmente, em Iásnaia Poliana, era usado o sistema de notas, abandonado posteriormente, pois Tolstói via os exames como uma disciplina à parte, ou seja, além de aprenderem a matérias, os alunos também eram ensinados a responderem os exames:

> Hoje estou convencido do seguinte: é impossível resumir todos os conhecimentos do aluno para o professor e para uma pessoa estranha, assim como é impossível resumir os meus e os vossos conhecimentos sobre uma ciência qualquer. É tão ridículo e estranho submeter a um exame de geografia um homem culto de 40 anos como submeter a semelhante exame uma criança de 10 anos. Tanto um como o outro devem responder de cor e é impossível avaliar os seus conhecimentos reais durante uma hora. Para fazer uma idéia [sic] dos seus conhecimentos, é necessário viver com eles durante meses (TOLSTÓI, 1862, p. 23).

As disciplinas do período da manhã eram, em geral, Aritmética, Geografia, Gramática e História Sagrada. Teixeira (2017) relata que as aulas ao final do dia geralmente eram as de canto, de leitura ou composição, pois com o cansaço previsto, essas aulas garantiriam a participação dos alunos nas atividades. As aulas de experiências também ficavam programadas para o final do dia, mas eram destinadas aos mais velhos e melhores da turma.

Especificamente sobre as matérias, Tolstói colocou no currículo a Leitura mecânica e gradual com o objetivo de apresentar às crianças a linguagem literária e sua compreensão, além de ser um complemento ao estudo da língua. Para isso, Teixeira (2017) afirma que, primeiro, Tolstói pensou em colocar as crianças para lerem em voz alta para o restante da turma, porém, acanhados e com medo de errar, acabavam se preocupando mais com a gramática do que com a compreensão do texto. Dessa forma, concluiu que quando há a compreensão do texto, a acentuação, pontuação, e a compreensão de conceitos difíceis ocorrem naturalmente. Nessa disciplina, as crianças passaram a escolher os próprios livros, mas as que ainda não sabiam ler, juntavam-se com as mais velhas ou com o professor:

> Agora abandonamos completamente a leitura mecânica, fazemos o que descrevemos acima; cada aluno emprega todos os meios que lhe são cômodos e o mais interessante é que cada um utiliza todos os meios que conheço: I) leitura com o professor, 2) leitura para o processo de leitura, 3) leitura e aprendizagem de cor, 4) leitura em conjunto, 5) leitura e compreensão do que se lê (TOLSTÓI, 1862, p. 15).

Nas disciplinas Escrita, Caligrafia e Gramática, o estudo era realizado em grupos junto à lousa: enquanto uma criança ditava o que lhe vinha à mente, as outras escreviam. Posteriormente, passavam da lousa para o caderno. As crianças também pensavam e desenhavam objetos e depois escreviam seus nomes, como num jogo.

Apesar de entender a importância do estudo da gramática, Tolstói revelou que não conseguia fazer dessa matéria algo interessante para as crianças. Teixeira (2017) afirma que nem os jogos, análise sintática ou a etimologia atraiam as crianças. Uma das tentativas mais eficazes nesse sentido foi a atividade *Exercício da Língua*, que consistia na construção de frases a partir de palavras e versos dados previamente.

Em seu diário, Tolstói explana sua frustração com o ensino da gramática:

> Por exemplo, demos a seguinte frase: na Terra não havia montanhas. Um disse que o sujeito era a Terra, um outro, que o sujeito era as montanhas, mas nós dissemos que era uma oração impessoal. Notamos bem que os alunos ficaram calados apenas por decência, mas que compreenderam muito bem que a nossa resposta tinha sido muito mais tonta do que as deles, e nós, no fundo, concordamos com eles (TOLTÓI, 1862, p.19).

A disciplina Composições se dava por meio da descrição de fatos e sentimentos, principalmente, do Antigo Testamento, o livro predileto dos alunos para essa disciplina. Tolstói afirma ser melhor iniciar pelas descrições de relacionamentos e histórias, por exemplo, do que com objetos, o que, para ele, demandava alto nível de desenvolvimento filosófico-dialético.

Os alunos mais velhos escreviam contos que eram apresentados para a escola e/ou publicados na revista pedagógica:

> Quando os alunos mais, [sic] velhos apanham papel e lápis fora da escola, escrevem contos. Nos primeiros tempos, preocupava-me a desproporção da constituição das composições; incutia o que me parecia ser necessário, mas eles compreendiam-me, ao contrário e as coisas passaram a correr pior, pareciam não reconhecer outra necessidade além daquela onde não há erros. Agora chegou por si mesmo o tempo e freqüentemente [sic] ouvem-se manifestações de insatisfação quando a composição é demasiadamente longa ou nela há muitas repetições, saltos de um assunto para outro (TOLSTÓI, 1862, p. 21).

Os alunos já conheciam algumas histórias bíblicas provindas da cultura familiar, o que fazia a disciplina História Sagrada ser animada, pois todos os alunos queriam ajudar o professor, que possuía a Bíblia em mãos, a contar as histórias. Paul Boyer (1864-1949), enquanto convidado de Tolstói, escreveu sobre os dias que passou com o escritor num trabalho intitulado,

em Rabello (2009), *Com Tolstói, em Iásnaia Poliana*. No referido documento, Tolstói defende a ideia de terminar a educação religiosa das crianças com a obra de Rousseau *A profissão de fé do vigário savoiano*, texto contido no livro *Emílio*.

O ensino de História da Rússia foi pensado primeiramente no formato tradicional, cronológico, porém Tolstói julgou ser mais adequado explicar os fatos a partir da contemporaneidade, para, depois, explicar o processo histórico até que se apresentasse da forma conhecida pelos alunos. Para ele, era importante fazer com que as crianças realmente se interessassem pelos fatos históricos, "despertar o interesse histórico", e, tanto para História quanto para Geografia, Tolstói via que as crianças se encantavam quando estas disciplinas eram trabalhadas por meio das histórias de viagens e conhecimento das ciências naturais.

Sobre as artes, a principal questão que afligia Tolstói era a relevância do seu ensino às crianças camponesas, pois não entendia como a arte auxiliaria as crianças trabalhadoras. Porém, Teixeira (2017) retrata a visão do escritor sobre o ensino das artes como direito das crianças do povo: "Penso que a necessidade de se deleitar com a arte e o serviço da arte está em cada indivíduo, independentemente da raça e do meio a que pertence, e que esta necessidade tem direitos e deve ser satisfeita" (TOLSTÓI 1988 apud TEIXIERA, 2017, p. 73)[40].

Nas aulas de desenho, os alunos aprendiam com a técnica e não com cópias, iniciando pelo ensino básico de linhas retas e curvas, e os outros conhecimentos eram inseridos gradativamente. Já as aulas de canto, segundo Teixeira (2017), iniciaram quando dois alunos levaram para a escola notas musicais de uma melodia. Foram ensinadas as notas musicais, mas as crianças tinham muita dificuldade em lê-las. Então, Tolstói teve a ideia de trocá-las por números, o que facilitou as aulas, diminuindo a frustração, e atraiu os alunos de volta às aulas de canto. Cantavam cantos religiosos e pequenas canções. Os melhores alunos eram os escolhidos para escreverem a melodias das canções.

5.2 MATERIAIS DE IÁSNAIA POLIANA

Como dito anteriormente, o próprio Tolstói decidiu escrever o material para os alunos de Iásnaia Poliana, já que se decepcionou com os materiais russos e estrangeiros que analisou. Não apenas os livros escolares, como também os livros literários, foram alvos de críticas de

[40] Tolstói, L. N. **Obras pedagógicas**. Tradução de J. M. Milhazes Pinto. Moscou, URSS: Edições Progresso, 1988.

Tolstói, pois, para ele, os bons livros estavam escritos numa linguagem que o povo não compreendia. Para que conseguissem compreender, era necessário ler muito, e para que gostassem de ler, era necessário compreendê-los: “Onde está aqui o erro e como sair desta situação?” (TOSLTÓI, 1862, p. 17).

O único livro que Tolstói destacou e que utilizou na escola e em casa, com seus filhos, foi *Contos do Avô*, de Zolotov. Ele percebeu que os camponeses gostavam dos contos, provérbios, canções populares, lendas, versos e adivinhas que eram comuns no meio camponês.

Dessa forma, decidiu ele mesmo escrever um material escolar para as crianças de Iásnaia Poliana. Para isso, aprendeu grego antigo, a fim de traduzir as fábulas de Esopo. Animado com o estudo, também se envolveu com o russo antigo, as histórias e principalmente as hagiografias, pois a literatura, por anos, foi exclusividade da Igreja Ortodoxa Russa, que escrevia sobre as histórias de vida dos santos.

Além disso, Teixeira (2017) afirma que Tolstói criou uma sociedade que objetivava preservar e estudar as canções folclóricas russas. Essas produções foram reescritas e fizeram parte da *Cartilha* (1872) com o objetivo de ensinar às crianças valores morais como honestidade, trabalho e respeito, além de desenvolver o amor pela Rússia, sua história e geografia. De igual maneira, deveria ser respeitadas as culturas de outros países.

Além de Esopo, Tolstói também inseriu em seu novo material contos de La Fontaine, Grimm, Sófia Tolstáia (sua esposa), com o conto *Algumas meninas visitam Macha*, e o ex-aluno de Iásnaia Poliana, Vassíli Rumiantsev, autor de *Um menino conta como foi surpreendido por uma tempestade enquanto estava no bosque*. Teixeira (2017) conta que Tolstói e os outros professores da escola anotavam as histórias dos alunos em aula para utilizarem no material, pois as histórias que contavam e o modo como as contavam eram reflexos da linguagem dos pais. Assim, unidas com os escritos de Tolstói, as histórias foram base para os livros. Além das histórias reais ou criadas, neles havia descrições, raciocínio, contos e fábulas.

Rabello (2009), em sua dissertação de mestrado, traz a estrutura da *Cartilha* (1872), da *Nova Cartilha* (1875) e dos *Livros de leitura*, que totalizam quatro volumes. Além desses, havia algumas traduções, como *Recordações de um aluno da escola de Iásnaia Poliana*.

A *Cartilha* (1872), detalhadamente apresentada no trabalho de Rabello (2009) e com tradução direta do russo, iniciava com o alfabeto, chegando a textos que, conforme prosseguiam, aumentavam em grau de dificuldade. Esses textos foram reunidos, posteriormente, nos *Quatro Livros Russos de Leitura*. Rabello (2009) afirma que o escritor decidiu por uma escrita simples para as obras do material, pois acreditava que mais valeria uma

arte com valores e sentimentos eternos do que componentes perecíveis, como os modismos literários e sociais.

A *Cartilha* (1872) foi dividida em dois capítulos e, segundo a autora citada, muito se parece com uma cartilha clássica. No primeiro capítulo, Tolstói introduz o alfabeto, representado em suas formas maiúsculas e minúsculas, com fonte tipográfica e cursiva. Cada letra estava associada a um desenho, com nome de mesma letra inicial. Depois, há conjuntos criados para o aprendizado da leitura silábica: o primeiro conjunto composto por duas letras, o segundo por três letras, progredindo para quatro letras, conjuntos fonéticos maiores, sinais fonéticos e palavras monossilábicas.

Depois, ele coloca 13 pequenos grupos de palavras divididas em sílabas e, posteriormente, a cada letra do alfabeto maiúscula e minúscula, há um provérbio ou pensamento, a fim de ilustrar a letra especificamente: "*На-ши пря-ли, а ва-ши спа-ли.* Em uma tradução literal: «Os nossos tecem, e os seus estão dormindo», ou «Uns dormem, outros trabalham»" (RABELLO, 2009, p. 24).

Adiante, após uma interrupção, o alfabeto está agrupado apenas em letras cursivas, tanto maiúsculas quanto minúsculas, e são apresentadas frases iniciadas com ambas as formas. Depois, são divididas em dois grupos: um que trabalha a letra maiúscula cursiva e outro que trabalha com aquelas que possuem maiores dificuldades de pronúncia, apresentadas em textos, contos e provérbios mais longos. Se há diferença entre os sons dos fonemas estudados, a pronúncia correta é indicada sobre a letra da palavra que pode apresentar dificuldade de pronúncia.

O segundo capítulo possui quatro partes. A primeira parte é composta por fábulas. A segunda parte é uma coleção de textos de diversos gêneros, em que se destacam sinais de pontuação e dois textos após cada sinal estudado. Seguindo a progressão que ordena a cartilha, os textos vão aumentando em tamanho e complexidade, conforme são apresentados os pontos. São eles: *O mar*; *O cego e o surdo*; *O enjeitado*; *A pedra*; *A tia conta como aprendeu a costurar* e *Lipúniuchka*[41].

Da mesma forma, a terceira parte traz textos de vários gêneros como: *O elefante*; *Da velocidade vem a força*. Em seguida, a quarta parte traz os poemas *O tolo* e *Bogatir Syiatagor*. Por fim, Tolstói apresenta um manual de instruções para os professores.

[41] Os títulos dos textos das cartilhas mencionados são tradução de Rabello (2009) que não necessariamente coincidem com a tradução de Rubens Figueiredo (2015).

Apesar de Rabello (2009) deixar claro que não teve acesso a nenhum estudo específico que analisasse as diferenças entre a *Cartilha* e a *Nova Cartilha*, ela também traz a estrutura da *Nova Cartilha* (1875), que inicia com o alfabeto antigo em fonte tipográfica. Depois, é apresentado o alfabeto em letras maiúsculas e minúsculas, o nome da letra e respectivo som. Em seguida, há um quadro com o alfabeto em letras cursivas, maiúsculas e minúsculas.

Em um quadro intitulado *Palavras que começam com as letras do alfabeto*, Tolstói lista palavras iniciadas com cada letra. Depois, ele coloca outro quadro de nome *Palavras compostas por todos os sons*, com seus respectivos exemplos. Já o terceiro quadro, apresentado como *Palavras iniciadas com letras tal como são pronunciadas*, também com exemplos. Após esses quadros, há uma lista de palavras isoladas e distribuídas em colunas que vão aumentando de dificuldade, em ordem crescente.

Posteriormente, outro quadro demonstra sujeito e verbo com palavras isoladas e, na mesma página, há outro quadro com sujeito, verbo e complemento. Depois, Tolstói apresenta mais quadros com exemplos de fonemas, períodos curtos, longos, textos breves e provérbios, sempre em dificuldade crescente.

Rabello (2009) acrescenta que os provérbios enunciados são apresentados uma vez com letra tipográfica e outra com cursiva. Depois, é apresentado um texto de nome *Chapeuzinho vermelho* e logo há outros grupos de palavras, frases e pequenos textos em que os fonemas são estudados, processo este repetido várias vezes. Em seguida, há vários textos, muitos sem título ou indicação de gênero. Depois desses textos é apresentado o alfabeto eslavo e, por último, duas páginas dedicadas a instruções aos professores.

A autora destaca que os provérbios nas obras do escritor russo provavelmente foram escolhidos devido à brevidade. Tolstói pensava ser útil pequenos textos que pudessem ser lidos diariamente por todos os leitores, que conseguissem passar os ensinamentos morais, falar sobre sentimentos e condutas:

> De acordo com o professor Serguei Neklíudov, a invenção da escrita dividiu a humanidade em duas partes: uma, escrita; outra, oral. E toda cultura escrita tem, obrigatoriamente, um componente oral que é refletido no folclore, de que fazem parte os provérbios, que se prestam muito bem a fins pedagógicos, graças a vários possíveis elementos de sua própria estrutura, como a rima – que dá cadência e facilita a memorização -, a repetição e/ou a oposição de palavras, vários tipos de paralelismos – sejam eles fônicos, morfossintéticos, etc. – e, em muitos casos, estrutura sintática binária, concisão, brevidade, dentre outros. Às vezes bastante claros, diretos e explícitos, outras vezes um tanto emblemáticos e implícitos, os períodos curtos que compõem os provérbios podem mesmo ecoar na consciência do homem e, por conseguinte, ensinar-lhe alguma coisa; podem trazer também alguma espécie de conforto, ou de confiança, em determinadas situações da vida; são, igualmente,

> tentativas de correções que podem, eventualmente, ter eficácia, pois eles foram criados a partir de situações reais que, algum dia, alguém, muitas vezes pessoas anônimas, teve de enfrentar (RABELLO, 2009, p. 31).

Nesse trecho, Rabello (2009) deixa clara a intenção de Tolstói em utilizar os provérbios como base para a educação moral. A forma simples, breve e direta dos provérbios foi entendida, por ele, como a forma mais fácil para o desenvolvimento moral. Com isso, a instrução por meio dos provérbios presentes na cultura popular facilitou a compreensão dos ensinamentos, sem que fosse necessário buscar em outra fonte o meio para se ensinar o povo. Assim também fez com as fábulas, as quais ocupam grande parte dos livros de leitura, que tiveram seu primeiro volume ilustrado por Tolstói. Portanto, o escritor utilizou a simplicidade do povo e sua cultura a favor do próprio povo.

Rabello (2009) cita em seu trabalho a quantidade de textos presentes nos *Livros de Leitura*, que diverge da versão do tradutor Rubens Figueiredo (2015). Enquanto a primeira apresenta um total de 58 textos no *Primeiro Livro Russo de Leitura*, a versão de Rubens possui 56, sem que fosse possível saber quais são os dois textos divergentes, pois, em seu trabalho, a autora apenas cita a quantidade de textos, sem acrescentar os títulos (o que permitiria uma breve comparação). Com essa mesma condição, o *Segundo Livro Russo de Leitura* possui na versão de Rabello (2009) 63 textos, enquanto a de Rubens Figueiredo (2015) possui 62; o *Quarto Livro Russo de Leitura* segue também com a contagem de um texto a menos, sendo então 34 textos na versão de Figueiredo (2015), e 35 textos na versão de Rabello (2009). O *Terceiro Livro Russo de Leitura* de Figueiredo (2015) também possui um texto a menos do que a versão que Rabello (2009) traduziu em seu segundo capítulo da dissertação, sendo, então, 49 e 50 textos, respectivamente. Entretanto, com este material, foi possível perceber que dois textos, *Umidade I* e *Umidade II*, na versão de Rubens Figueiredo (2015) foram unidos num só texto, divididos em parte I e II, explicando a diferença.

O segundo volume lançado pela Cosac&Naify (2015), além dos *Contos populares [década de 1880]*, utilizados no capítulo anterior, e dos *Quatro Livros Russos de Leitura*, também possui os *Contos da Nova Cartilha*. Nele, encontram-se quatro textos.

Tolstói não colocou gêneros e fontes em todos os textos dos livros, o que pode causar dúvida nesses aspectos. Rabello (2009), por exemplo, acreditava serem os textos sem fonte de autoria do próprio Tolstói, porém deparou-se com algumas fábulas dos livros na coletânea de fábulas russas, como é o caso de *O leão e o camundongo*, *O mujique e o cavalo* e *Dois cavalos*, cuja autoria é de Krylov. Além desses, Rabello (2009) relata sobre *A cabeça e o rabo da cobra*, *O macaco e a ervilha* e *O rato embaixo do celeiro*, de origem indiana e *O ouriço e a lebre*, de

origem alemã. Ficou claro que a preocupação de Tolstói não estava em distinguir os gêneros dos textos nem colocar suas fontes, pois é sabido que ele revisava várias vezes seus escritos e, segundo ele mesmo, dedicou-se mais às cartilhas que a *Guerra e Paz* (1863-1869), como dito anteriormente.

É importante ressaltar que o conto *Vida de um soldado*[42], que compõe o *Terceiro Livro Russo de Leitura*, foi escrito por Fedka, apelido de Vaska Morózov, e Ignatka Makárov, ambos alunos de Iasnáia Poliana. Nesse caso, coautores de Tolstói. Porém, a história original foi destruída por travessura de outros colegas e a versão publicada foi uma tentativa de Morózov de reconstruir a história original, sem sucesso.

Morózov foi também quem escreveu, posteriormente, acerca de suas lembranças da escola Iásnaia Poliana e de seu professor Liev Tolstói. O ex-aluno recorda das noites em que ele e os colegas passavam na varanda da casa de Tolstói, conversando com ele após as aulas. Quando a conversa se estendia até muito tarde (chegavam a ficar até meia-noite)[43], o escritor levava os alunos de carruagem para suas casas. Morózov lembra das conversas com o professor e recorda que ele sempre estava sorrindo e fazendo anotações em seu caderno. É interessante notar que, nesse relato e em biografias, sempre se retrata Tolstói como leitor assíduo e escritor em todos os momentos, com seu caderno de bolso, cartas, diário e afins.

Por fim, não poderia ser ocultada a influência de Tolstói em Gandhi, que enviou sua primeira carta a Tolstói em 1909, um ano antes do falecimento do escritor. Tiveram apenas um ano para conversar, e desde a primeira correspondência de Gandhi, foi possível reconhecer a grande influência de Tolstói em sua vivência. Numa de suas missivas, Gandhi assina a Tolstói como “Seu obediente devoto”.

As primeiras cartas trocadas entre Tolstói e Gandhi estão traduzidas na dissertação de Rabello (2009). Citar a influência de Tolstói em Gandhi é importante pelo fato desse último ter fundado a *ashram* ou a Colônia Tolstói, onde exerceu, bem como seu mentor, o trabalho de educador de crianças e adultos.

Este capítulo, sucinto por conta da escassa bibliografia acerca do assunto, buscou apresentar a escola Iásnaia Poliana, sua estrutura e materiais, incluindo a bagagem dos três capítulos anteriores. Entende-se que as informações aqui reunidas são importantes fundamentos para a compreensão plena do trabalho desenvolvido por Tolstói na área da educação.

---

[42] Na tradução de Rubens Figueiredo (2015) o conto passa a se chamar *Vida de mulher de soldado*.
[43] Diferentemente da cultura brasileira, meia-noite era o horário comum para os russos se prepararem para dormir, como podemos ver nos romances do escritor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dedicação de Tolstói aos estudos educacionais perpassa toda sua existência. Primeiro enquanto aluno, depois como educador, constantemente analisou as formas de ensino e a relação do aluno com a educação.

Visto isso, podemos ressaltar que, diferentemente do ensino aplicado nos países europeus no final do século XIX, o cerne do ensino tolstoísta é o aluno, sua liberdade e seu desenvolvimento físico e moral. Tais conceitos tiveram influências rousseaunianas, mas estabeleceram raízes no modo de vida simples dos mujiques, com os quais conviveu durante toda a vida. O aristocrata russo aprendeu, com os mais simples, a forma de viver a vida e não deixou de reconhecer e concretizar os ensinamentos recebidos, e difundi-los.

Sua busca pela verdade foi vivenciada e podemos enxergá-la em seus escritos. No caso das obras educacionais, principalmente quando escreve sobre a escola Iásnaia Poliana, Tolstói mostra, humildemente, seus erros e, junto deles, a ânsia pelo correto, a necessidade de fazer melhor. Dessa forma, criou ele mesmo uma forma de mudar a vida dos camponeses, e escreveu seu famoso material didático sem esperar que intelectuais, governantes, ou outros educadores o fizessem.

Tolstói, tão famoso mundialmente com suas obras literárias, ainda é pouco conhecido como educador no Brasil, país que costuma pesquisar, frequentemente, os educadores soviéticos. Tal fato levanta a problemática se a educação soviética teria significado total ruptura com a educação czarista, pré-revolucionária, da qual Tolstói faz parte e se destaca, ou se haveria influência dele nos educadores da União Soviética.

Seu parco reconhecimento como educador influencia diretamente na disponibilização das traduções de suas obras pedagógicas. Em consequência direta, essa situação dificulta o desenvolvimento dos estudos da educação tolstoísta no Brasil.

Sendo assim, este trabalho não teve como objetivo tirar conclusões, mas abrir novas possibilidades de estudos a respeito da educação tolstoísta, da educação anarquista, do conceito de liberdade de Tolstói e dos anarquistas. De igual maneira, objetivou-se trazer as concepções subjacentes ao ensino voltado para a criança – aspecto comum a Tolstói e aos escolanovistas.

Indicou-se, também, uma primeira análise para entender a possível influência de Tolstói sobre os educadores soviéticos, como dito acima. Sabe-se, de antemão, que o trabalho é algo comum entre esses educadores e Tolstói. Enfim, há grandes possibilidades de estudos futuros que este estudo pode cooperar, bem como as demais obras aqui utilizadas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado absolutista**. Tradução: João Roberto Martins Filho. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BARTLETT, R. **Tolstói**: a biografia. Tradução: Renato Marques. São Paulo: Globo, 2013.

BASSÍNSKI, P. **Tolstói**: a fuga do paraíso. Tradução: Klara Guriánova. São Paulo: LeYa, 2013.

EMPIRE OF THE TSARS. Intérprete: Lucy Worsley. BBC, 2016. 1 DVD (177 min). Idioma original: inglês.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:_____. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p 143-180.

GÓRKI, Máximo. **Leão Tolstói**. Tradução: Rubens Pereira dos Santos. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983 (Coleção Elos).

_____. **Três russos e como me tornei um escritor**. Tradução: Klara Guriánova. 1. ed. São Paulo: Martins, 2006. (Coleção Prosa).

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios, 1875-1914**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

PEREZ, D. P.; OLIVEIRA, N. F. A Educação na Obra de Tolstói: uma questão fundamental. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas, v. 9, p. 239-248, dez. 2014. Disponível em: https://bit.ly/2NbdBF4. Acesso em: 2 abr. 2019.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003. Disponível: https://bit.ly/2Nbef5s. Acesso em: 2 abr. 2019.

RABELLO, Belkiss**. As cartilhas e os livros de leitura de Lev N. Tolstói** / Belkiss Rabello; orientadora Elena Vássina. -- São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

RUSSIA BEYOND. País quer autossuficiência em alimentos até 2023. Disponível em: https://bit.ly/2YSpMgZ. Acesso em 2 abr. 2019

SPUTNIKNEWS. Putin: entrevista com Charlie Rose para CBS e PBS. Disponível em: https://bit.ly/2N90vrK. Acesso em: 2 abr. 2019.

TEIXEIRA, Luciana F. O cultivo da liberdade na Pedagogia de Tolstói. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 1, jan./abr. 2017. Disponível: https://bit.ly/2OYIlvu. Acesso em 2 abr. 2019.

TOLSTÓI, Liev N. **A morte de Ivan Ilitch**. Tradução: Boris Schnaiderman. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. (Coleção Leste).

_____. **A sonata a Kreutzer**. Tradução: Boris Schnaiderman. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção Leste).

_____. **Infância, Adolescência e Juventude**. Tradução: Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

_____. **Anna Kariênina**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac&Naify, 2013.

_____. **Contos Completos**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac&Naify, 2015.

Vários autores. **Os melhores contos russos**. Editora Lebooks, 2018.

VON GRUNWALD, K. **União Soviética**. 5. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1988. (Pequena história das grandes nações).

VOLÓCHINOV, V. [CÍRCULO DE BAKHTIN]. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZWEIG, Stefan. **O pensamento vivo de Tolstói**. Tradução: Lígia Autran Rodrigues Pereira. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1967.